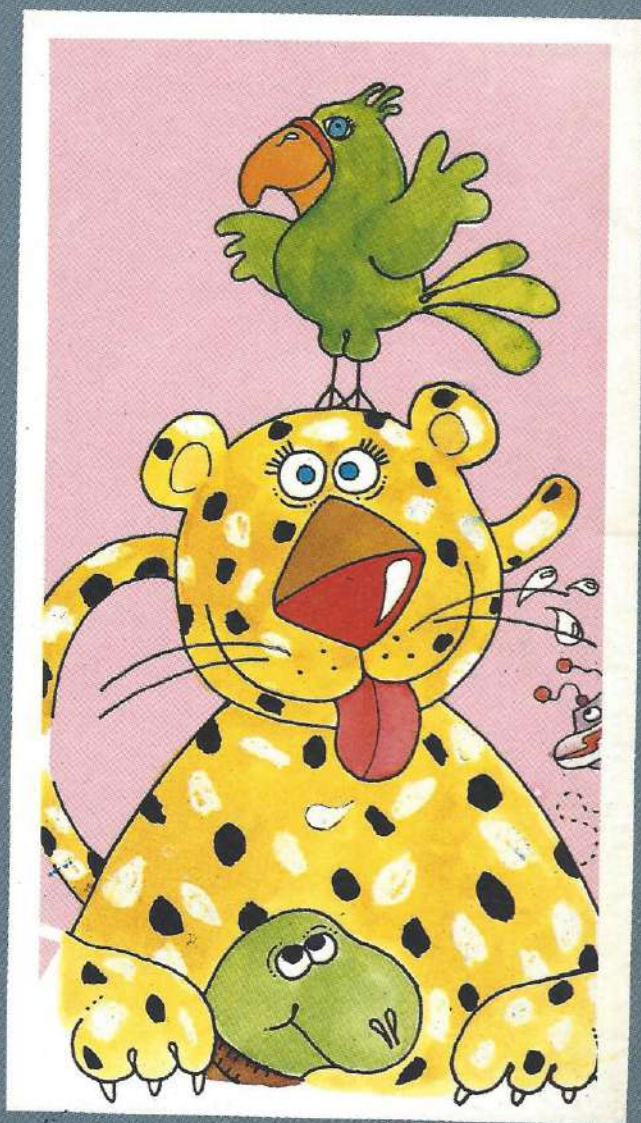


CIRANDA DO MEIO AMBIENTE

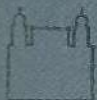
volume I



- RECICLAGEM DO LIXO
- QUEIMADAS/OLHOS D'ÁGUA
- SANEAMENTO BÁSICO
- POLUIÇÃO
- ANIMAIS EM EXTINÇÃO



MEMÓRIAS FUTURAS
RECICLA



Fundação Oswaldo Cruz

CIRANDA DO MEIO AMBIENTE

volume I

Concepção e coordenação — Virginia Schall

Pesquisadora do depto. de

Biologia do Inst. Oswaldo Cruz — FIOCRUZ

Consultoria — Dr. Alceo Magnanini

Vice-Presidente da FBCN

(Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza)

ATIVIDADES DO ALUNO

Walda de Andrade Antunes



Fundação Oswaldo Cruz

Copyright © 1991 by
Terezinha Éboli, Pedro Macário, Giselda Laporta Nicolelis,
Maria Lúcia Amaral, Ivan Jaf.

Todos os direitos desta edição reservados à
MEMÓRIAS FUTURAS EDIÇÕES
Rua Bento Lisboa, 81-A — CEP: 22221
Rio de Janeiro — RJ
Tels.: 225-2325/205-3549

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C524
v.1

Ciranda do meio ambiente, volume I / concepção e coordenação Virginia Schall; consultoria Alceo Magnanini; atividades do aluno Walda de Andrade Antunes. — Rio de Janeiro: Memórias Futuras, 1991.

Conteúdo: Se esta rua fosse minha / Terezinha Éboli; ilustrações Regina Yolanda — A revolta da natureza contra o rei do fogo / Pedro Macário; ilustrações Jorge Guidacci — A esperança de Pedro / Giselda Laporta Nicolelis; ilustrações Carlos Jorge Nunes — Sujou geral / Maria Lúcia Amaral; ilustrações Sandra Aymone — O vale da eternidade / Ivan Jaf; ilustrações Pat Gwinner.

Complementado pelo Manual do professor.

1. Educação ambiental (Primeiro grau). 2. Meio ambiente — Literatura infanto-juvenil.

CDD — 372.35
028.5
CDU — 372.85
087.5

91-0765

LIVROS QUE COMPÕEM ESTA CIRANDA

Livro 1

Se esta rua fosse minha

Texto de Terezinha Éboli

Ilustrações de Regina Yolanda

Livro 2

A revolta da natureza contra o rei do fogo

Texto de Pedro Macário

Ilustrações de Guidacci

Livro 3

A esperança de Pedro

Texto de Giselda Laporta Nicoletis

Ilustrações de Carlos Jorge Nunes

Livro 4

Sujou Geral

Texto de Maria Lúcia Amaral

Ilustrações de Sandra Aymone

Livro 5

O vale da eternidade

Texto de Ivan Jaf

Ilustrações de Patricia Gwinner

CIRANDA DO MEIO AMBIENTE EM VERSÃO DIDÁTICA

A necessidade de um material específico sobre educação ambiental, nos levou a transformar a coleção CIRANDA DO MEIO AMBIENTE (vide Página 5) em uma obra didática. A partir do sucesso da aplicação da literatura como recurso pedagógico, a Fundação Oswaldo Cruz constatou que o mágico, o lúdico da linguagem permite uma imediata identificação do tema pela criança — o que vem de encontro aos anseios de nossos educadores.

Esta obra reúne os 10 livros da coleção, em dois volumes, agrupados de acordo com o nível escolar a que se destinam, tratando dos seguintes temas:

— CIRANDA DO MEIO AMBIENTE — Volume I
(1ª e 2ª séries do 1º grau)

- reciclagem de lixo
- erosão
- saneamento básico
- poluição
- animais em extinção.

— CIRANDA DO MEIO AMBIENTE — Volume II
(3ª e 4ª séries do 1º grau)

- exploração de recursos naturais não-renováveis
- energia elétrica
- queimadas
- camada de ozônio
- ecossistemas.

Em cada volume, um Manual do Professor e um Caderno de Atividades do aluno, preparados pela professora Walda Antunes.

**SE ESTA RUA
FOSSE MINHA
Terezinha Éboli**

Ilustrações — Regina Yolanda

Nesta rua morava um menino, um estranho menino. Não vou dizer seu apelido. É pra você adivinhar: como sempre viveu num lixão, rima com solidão.

Assim pode começar a história do menino João, o que todos chamam João Mosqueira, ou por aquele apelido que rima com lixão.

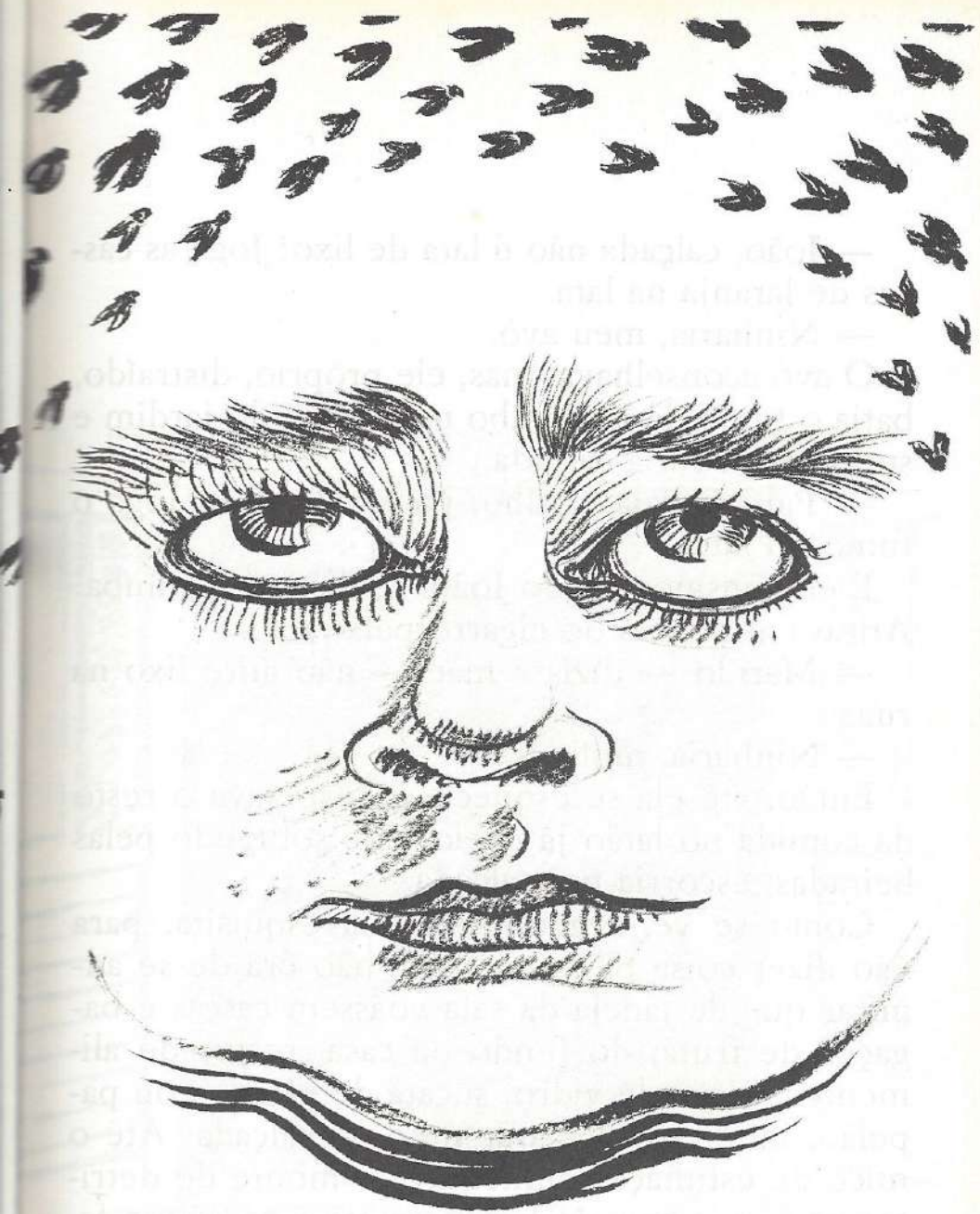
Pequenino, João começou a ser perseguido por um enxame de moscas. Ninguém ligou.

— Ninharia — dizia a família.

Crescendo, o enxame também cresceu. Era um zunzum de insetos ao redor de sua cabeça, que ninguém entendia.

— Ninharia — continuava a dizer a família.

Os amigos se afastaram dele, a escola o dispensou e, apelidado de Mosqueira, passou a ser um menino solitário. A nuvem de insetos nocivos era a sua única companhia.



— João, calçada não é lata de lixo! Joga as cascas de laranja na lata.

— Ninharia, meu avô.

O avô aconselhava, mas, ele próprio, distraído, batia o fumo do cachimbo na mureta do jardim e sujava também a calçada.

— Pai — dizia o filho, pai do João — joga o fumo no latão.

E ele mesmo, pai do João, se distraía e pimba! Atirava as pontas do cigarro pela janela.

— Marido — dizia a mãe — não atire lixo na rua...

— Ninharia, mulher.

Então, até ela se esquecia e despejava o resto da comida no latão já cheio, que sobrando pelas beiradas, escorria pra calçada.

Como se vê, era uma família esquisita, para não dizer coisa pior. Por isso, não era de se admirar que da janela da sala voassem cascas e bagaços de fruta; do fundo da casa, restos de alimentos, cacos de vidro, sucata de plástico ou papelão, indo, afinal, parar tudo na calçada. Até o mico de estimação aumentava o monte de detritos com as cascas de banana mais o cocô que fazia por cima.

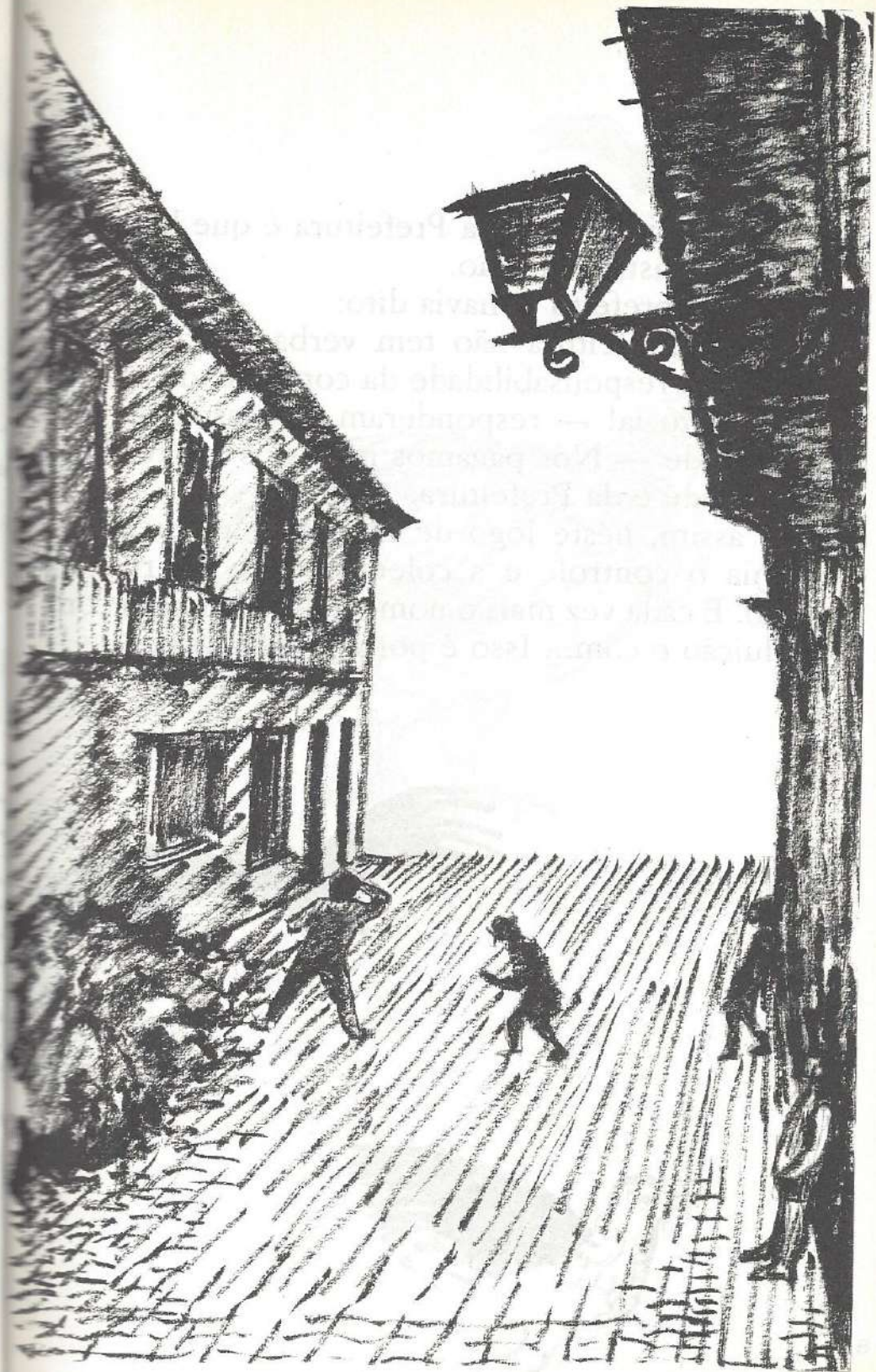


O espaço da calçada para brincar diminuía e, defronte da casa do João, crescia o monte escuro e fedorento da poluição.

Um dia, o vizinho do outro lado da rua, de calçada lavada e brilhante, onde as crianças jogavam bola e tinham ao redor da cabeça pequenas borboletas coloridas, reclamou:

— Isso já passou dos limites! Qualquer dia vamos ter surpresas desagradáveis na rua. João, diz a seu pai que além de moscas, baratas e urubus, os ratos já tomaram conta da calçada.

O vizinho tinha razão: o monturo de lixo fervilhava de minúsculos animais que poluíam o ar, o solo e a água. O mau cheiro aumentava e ninguém mais passava por ali sem torcer o nariz. Quando chovia, a água encharcava o monturo e escorriam do alto, filetes de líquido escuro que, descendo pelo meio-fio empoçavam nos bueiros entupidos.



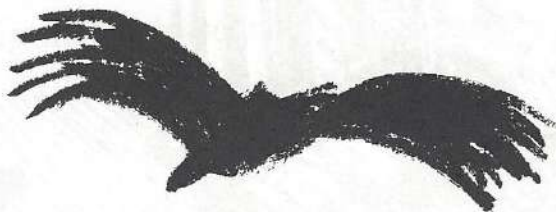
— O pai disse que a Prefeitura é que limpa as ruas — justificou João.

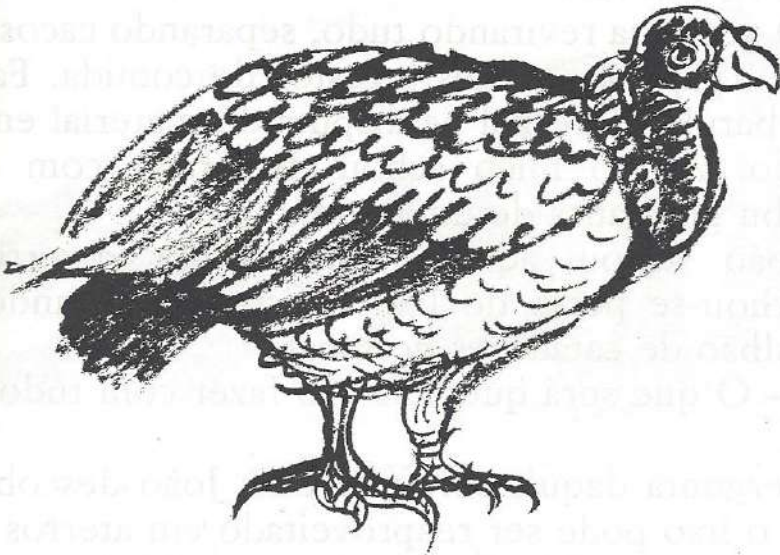
Mas o prefeito já havia dito:

— A Prefeitura não tem verba. A coleta do lixo é da responsabilidade da comunidade.

— Alto lá! — responderam as pessoas da comunidade. — Nós pagamos impostos e a responsabilidade é da Prefeitura.

E assim, neste jogo de empurra, ninguém assumia o controle e a coleta de lixo na rua do João. E cada vez mais o nome de João rimava com poluição e com... Isso é por conta de vocês.





Certa manhã, João viu um ajuntamento de adultos e crianças se movimentando em torno do lixo.

— Caramba! Parecem até formigas carregadeiras! Vou lá ver.

O grupo ia revirando tudo, separando cacos de vidro, papelão, metais e restos de comida. Fazia um barulho infernal na disputa do material entulhado. Até o mico achou de brigar com um urubu por causa de uma minhoca.

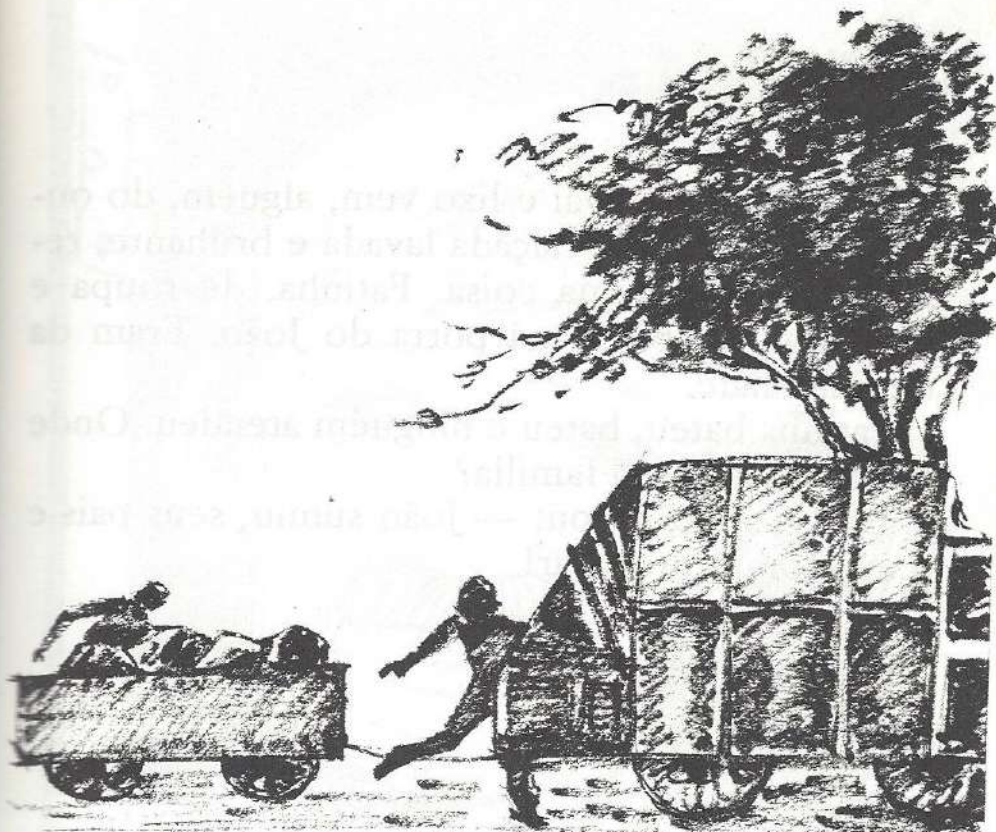
João achou aquilo tudo muito divertido, agachou-se perto do lixo e ficou observando o batalhão de catadores de sucata.

— O que será que eles vão fazer com tudo isso?

Pergunta daqui, pergunta dali, João descobriu que o lixo pode ser reaproveitado em aterros sanitários, em adubos, em usina para fabricação de gás e muitas outras coisas.

Curioso, ficou olhando aquele trabalho de separar o lixo.

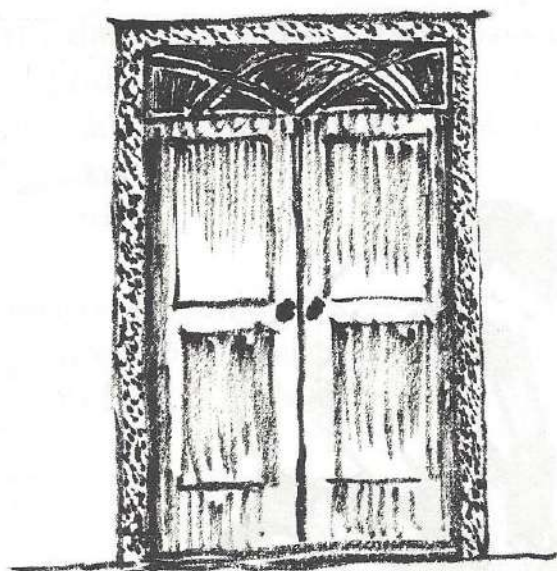
E, quando os catadores de sucata se foram, João foi junto aos lugares de transformação do lixo, para aprender mais sobre esta grande novidade.

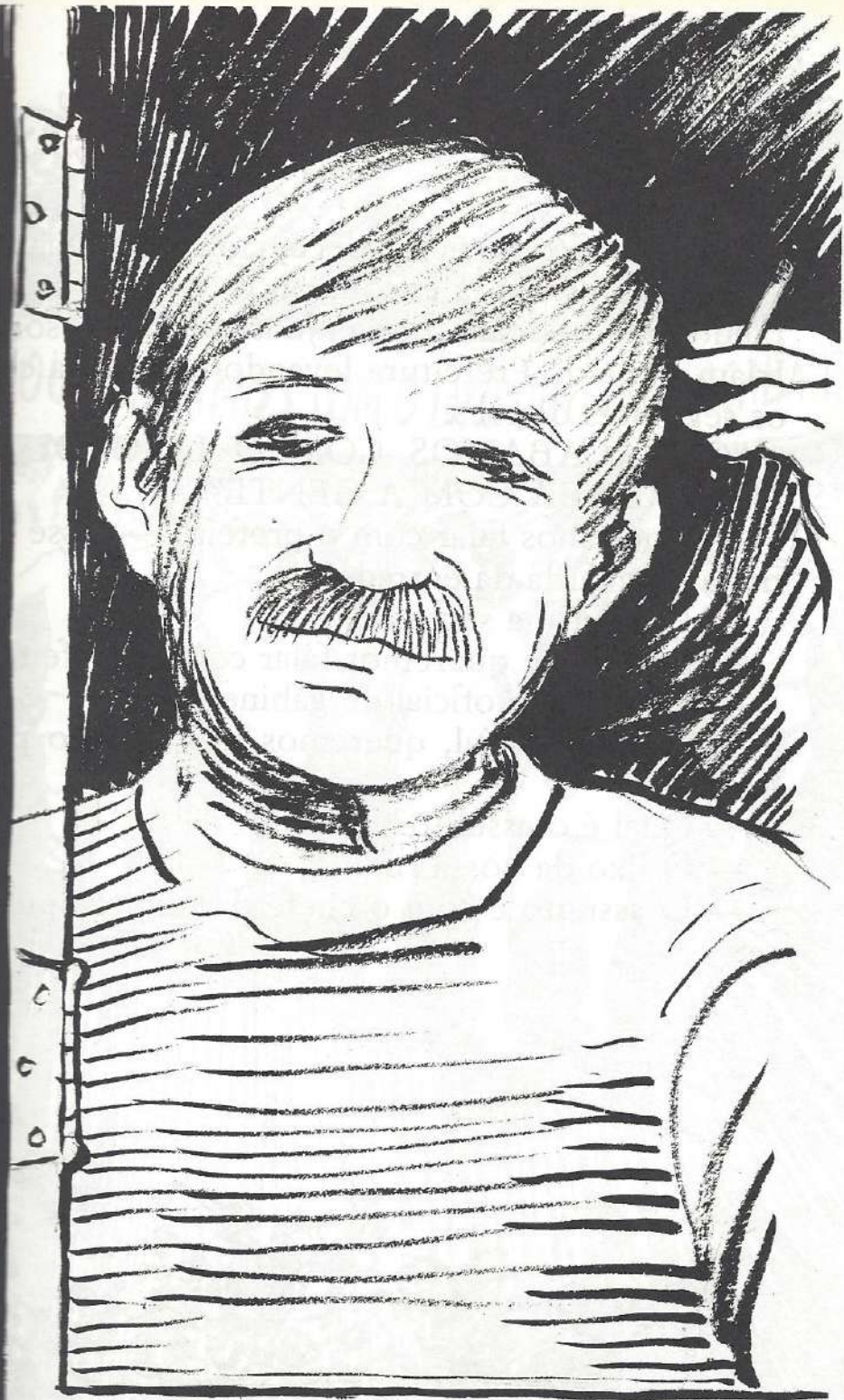


E nessa de lixo vai e lixo vem, alguém, do outro lado da rua, da calçada lavada e brilhante, resolveu fazer alguma coisa. Fatinha, de roupa e tênis limpos, bateu na porta do João. Eram da mesma idade.

Fatinha bateu, bateu e ninguém atendeu. Onde estaria João e sua família?

Um vizinho gritou: — João sumiu, seus pais e o avô foram procurar!





Fatinha ficou meio decepcionada. Quando chegou na escola já encontrou os colegas preparando uma passeata com a ajuda dos professores. Iriam à rua da Prefeitura levando uma faixa com os seguintes dizeres:

“OU ACABAMOS COM O LIXO OU O LIXO ACABA COM A GENTE”

— Queremos falar com o prefeito — disse Fatinha ao guarda da entrada.

— Primeiro, a secretária.

— Senhorita, queremos falar com o prefeito.

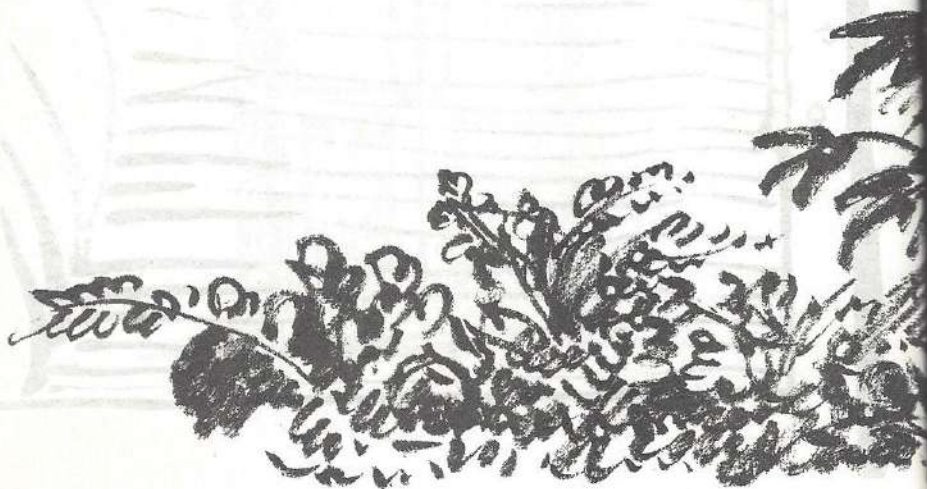
— Fale com o oficial de gabinete.

— Senhor oficial, queremos falar com o prefeito.

— Qual é o assunto?

— O lixo da nossa rua.

— O assunto é com o chefe da limpeza pública.



OU ACABAMOS COM O LIXO OU O LIXO ACABA CO



Depois de muito andar e bater de porta em porta, afinal encontraram o chefe que procuravam.

— O senhor é o responsável pelo lixo?

— Quem sabe?! Responsáveis somos todos...
O que desejam de mim?

— Que mande acabar com o lixo da nossa rua.

— Só da rua?

— Pelo menos...

— Bem, vou lhes confessar uma coisa: eu gostaria de coletar o lixo da cidade toda e de aproveitá-lo como se deve. Mas, no momento, faltam-me: material para varrer, para raspar as sargetas, para capinar e até mangueiras para lavar as praças, ruas e feiras...

— E os caminhões de lixo, aqueles que têm uma caçamba enorme?

— Tudo na oficina consertando.

— Mas nós temos que fazer alguma coisa!

— Hum... gente jovem é outra coisa. Vamos ver o que se pode fazer.

E lá se foram com o chefe da limpeza à frente.





Assim nasceu o grupo “SE ESTA RUA FOSSE MINHA...”.

O chefe da limpeza urbana deu as dicas, a escola apoiou e o mutirão foi organizado com pás, ancinhos, vassouras, sacos, vasilhames e cestas. E começaram, então, até com desinfetante, a limpar a rua do João.

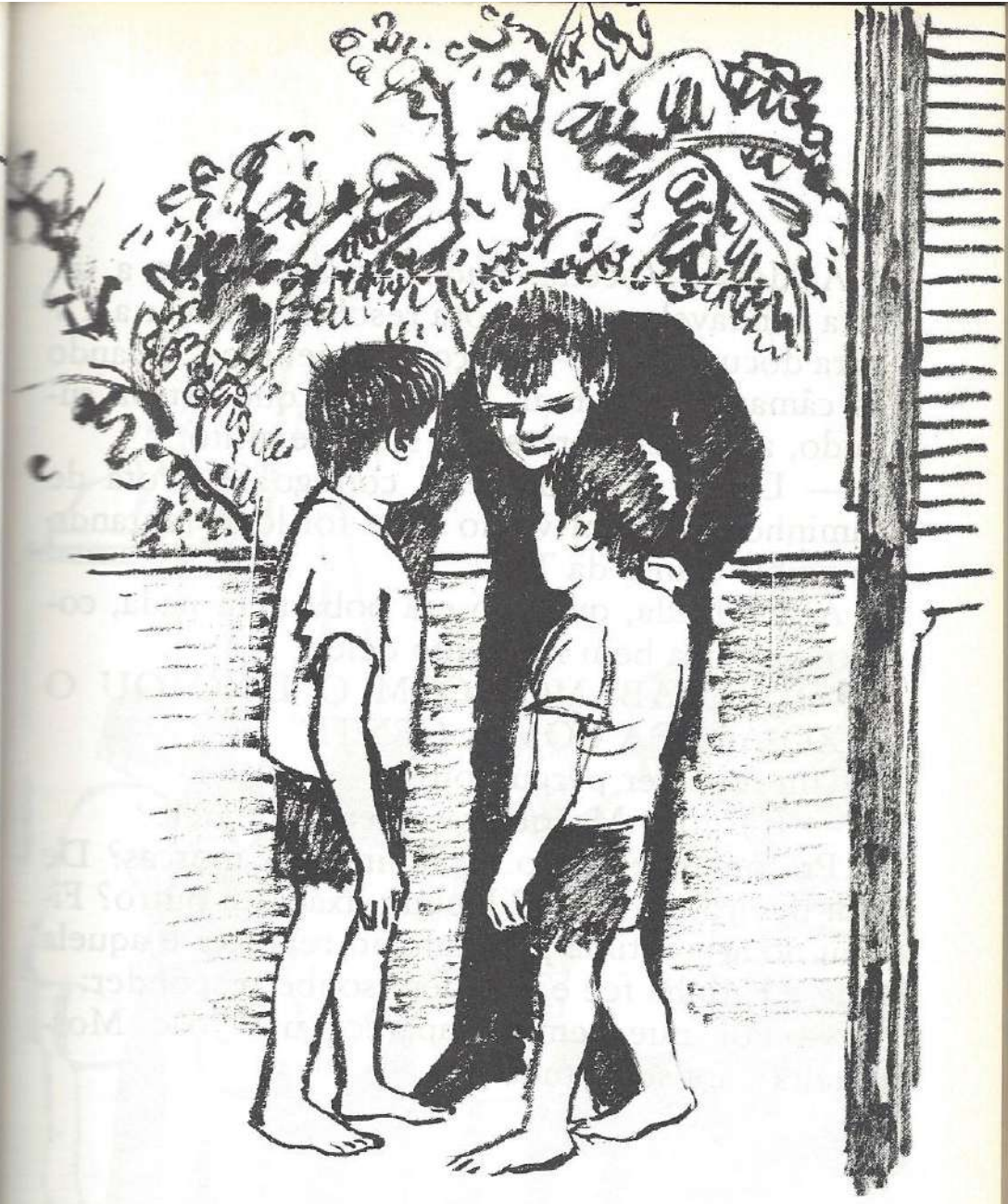
Era uma tarefa difícil pra eles que não tinham roupas adequadas nem experiência no assunto.

— Na verdade, estamos fazendo o trabalho da Prefeitura. Pra que pagamos impostos? — disse a professora.

— Por que não catamos a sucata para vender e então compramos depósitos e cestas de lixo para nossa rua? — sugeriu Fatinha.



SE
s-
ás,
E
m-
m
da
a
e
ra



A idéia foi aceita. Enquanto separavam a sucata vendável, a professora resolveu chamar a TV para documentar o esforço dos meninos. Quando as câmaras chegaram, o prefeito que estava sumido, apareceu apressado, suado e aflito.

— Deixa comigo, deixa comigo! A frota de caminhões já vem vindo — e foi logo tentando se exhibir diante da TV.

A meninada, que não era boba nem nada, colocou a faixa bem na frente dele:

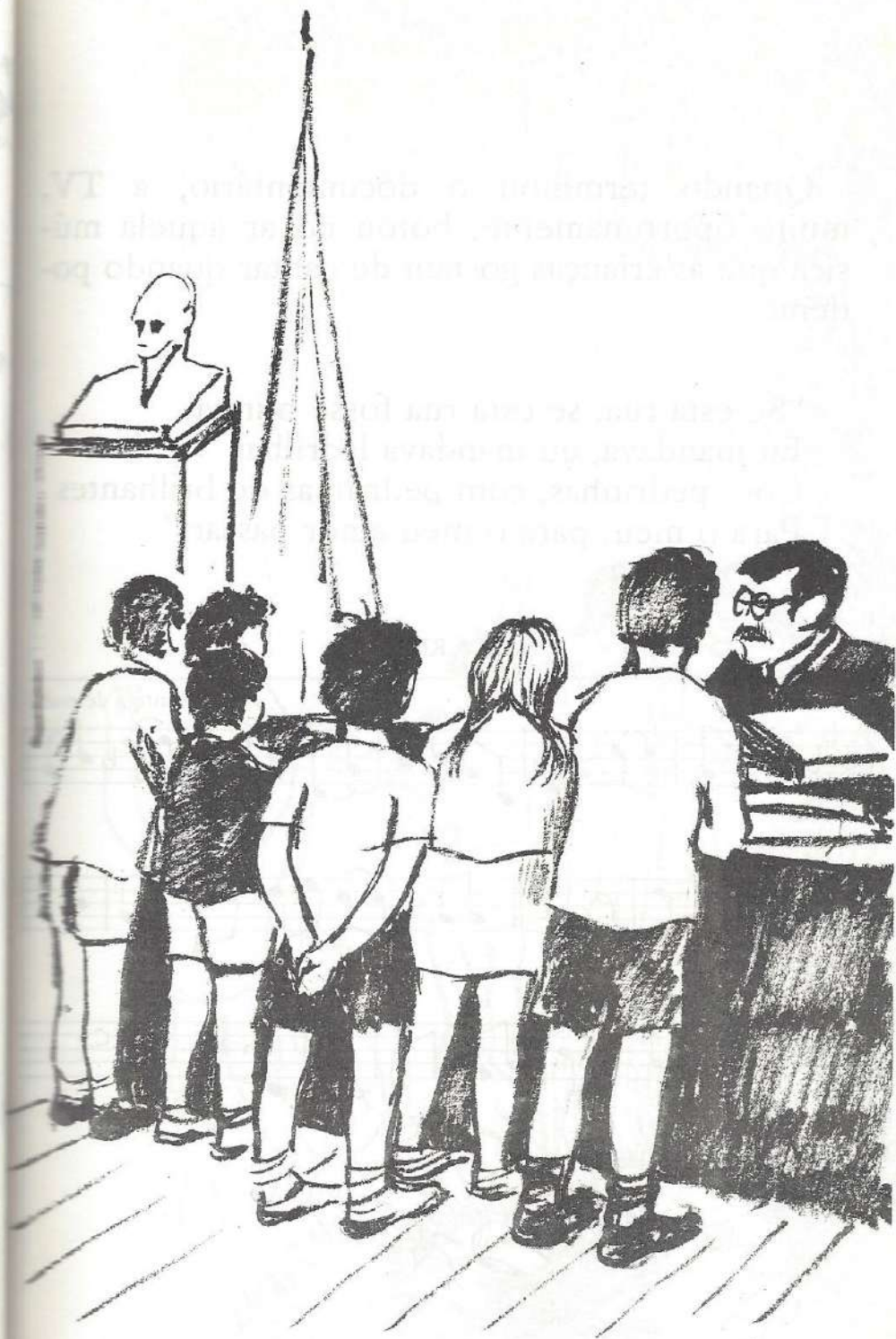
“OU ACABAMOS COM O LIXO OU O LIXO ACABA COM A GENTE”

Um repórter perguntou:

— E o João Mosqueira, quem sabe dele?

Pra onde teria ido o menino das moscas? De um bueiro pra outro? De um lixão pra outro? Ficou no ar a última pergunta do repórter e aquela que a Fatinha fez e ninguém soube responder:

— Por que sempre aparece um João Mosqueira para sujar tudo?



Quando terminou o documentário, a TV, muito oportunamente, botou no ar aquela música que as crianças gostam de cantar quando podem:

“Se esta rua, se esta rua fosse minha
Eu mandava, eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes
Para o meu, para o meu amor passar.”

NESTA RUA

Moderato (cantiga de roda)

The musical score is written on three staves in G major (one sharp) and 2/4 time. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. The melody consists of eighth and quarter notes. The second staff continues the melody, featuring a repeat sign with first and second endings. The third staff concludes the piece with a double bar line and the marking 'D.C.' (Da Capo).





TRABALHANDO A NOSSA HISTÓRIA ...

1 – O LUGAR ONDE MORAMOS

Vamos cantar aquela música que todas as crianças sabem e que a TV botou no ar quando terminou a nossa história?

“ Se esta rua, se esta rua fosse minha
Eu mandava, eu mandava ladrilhar,
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes
Para o meu, para o meu amor passar. ”

Agora, o trabalho será numa folha solta. Peça para a professora.

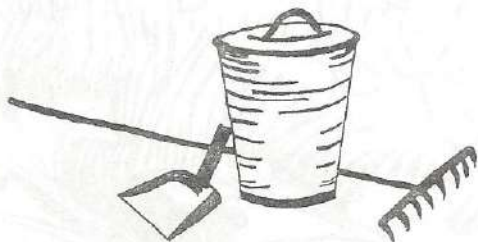
- Faça um lindo desenho do lugar onde você mora, mas não esqueça de fazer ali, a sua casa.
- Procure figuras de plantas e flores e cole-as no seu trabalho. O seu desenho poderá ficar ainda mais bonito.

2 – CUIDADOS COM O LIXO, EM CASA

Você viu o que aconteceu com João Mosquera? É importante cuidar do lixo.

Trabalhe no seu caderno.

- Desenhe o local onde é colocado o lixo em sua casa. Por exemplo:

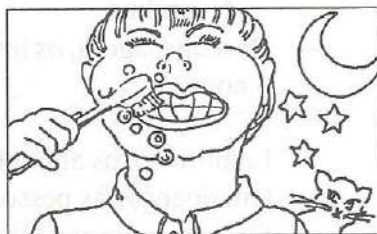


João Mosquera não gostava de ser um menino asseado. Vivía no lixo. A sua casa também não era limpa. Copie, no seu caderno, os desenhos dos cuidados higiênicos que devemos ter em nossa vida diária.

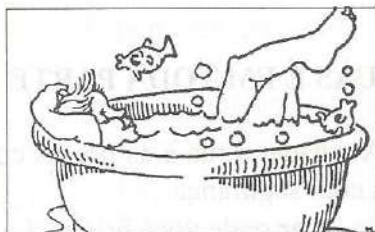
Lavar o rosto e escovar os dentes, ao levantar



Escovar os dentes depois das refeições e antes de dormir



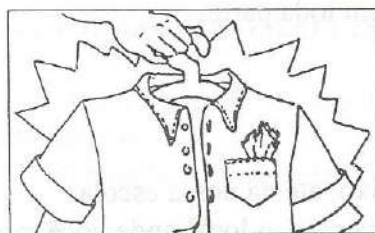
Tomar banho, diariamente



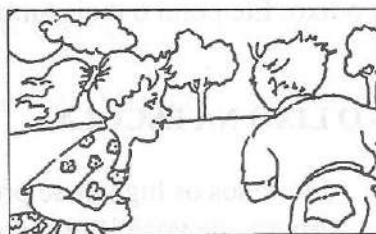
Pentear os cabelos



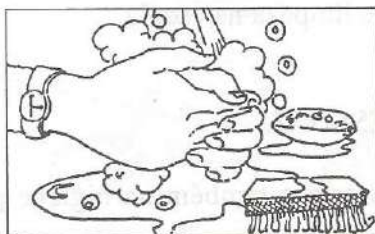
Usar roupas limpas



Brincar ao ar livre



Lavar as mãos, com frequência, principalmente antes das refeições



no
os
ia.

A REVOLTA DA NATUREZA CONTRA O REI DO FOGO

Pedro Macário

Ilustrações — Jorge Guidacci

Rei do Fogo abriu a boca e soltou suas labarêdas:
— Temos uma missão muito importante, pessoal.
Vamos queimar a floresta do Paraíso Verde.
Falava com entusiasmo enquanto o fogaréu, reu-
nido no grande pátio do Palácio das Chamas, o
escutava.

A cada palavra do Rei do Fogo, o fogaréu aplau-
dia com tanta força que um calor dos diabos es-
quentava ainda mais o Palácio. Mas, de repente,
algo surgiu no céu.



Era uma enorme faixa branca que descia das nuvens. Presa nos bicos de vários passarinhos — andorinhas, sabiás, canários, curiós, sanhaços —, cada um fazendo a maior força para mantê-la bem esticada, onde se lia:

REI DO FOGO, NÃO QUEIME A FLORESTA

Foi um reboiço no Palácio das Chamas. Rei do Fogo ficou irritado e sua voz soou ainda mais quente com aquela manifestação dos pássaros em defesa do Paraíso Verde.

— Vocês não têm o direito de atrapalhar nosso trabalho.



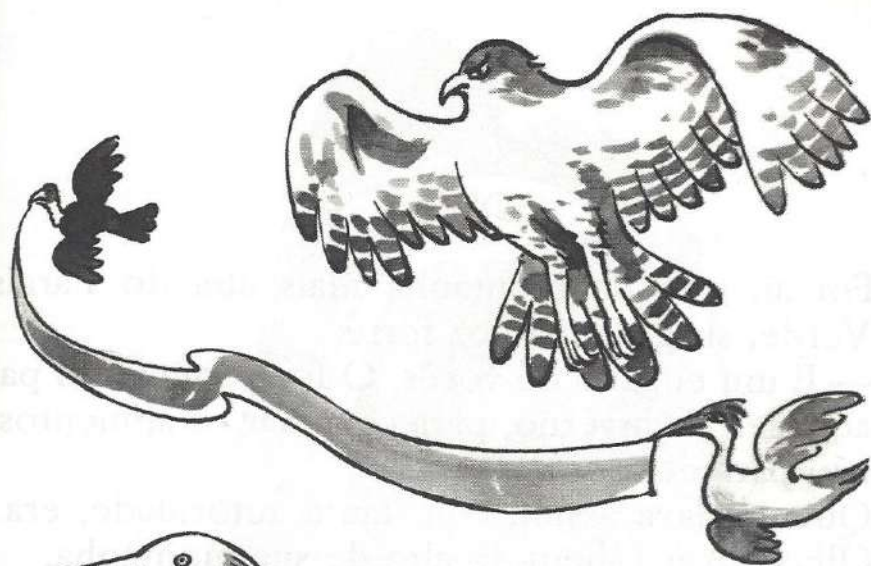


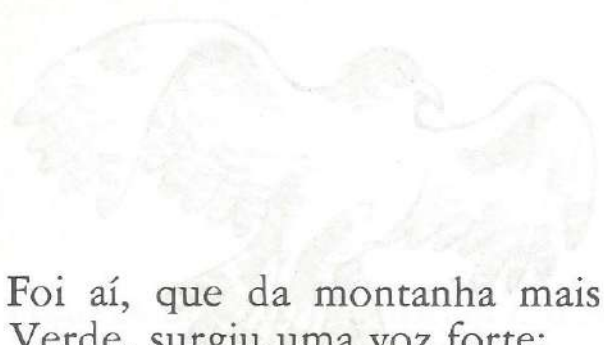
Logo as nuvens se abriram e nova faixa surgiu no céu azul. Ela vinha pendurada nos bicos de aves maiores — mergulhões, garças, irerês, gaviões, quiriquiris e urubus — e dizia:

A FLORESTA É VIDA PARA TODOS

O fogaréu reagiu espantado:

— Nossa missão é queimar. O homem precisa dessas terras bem limpas para nelas poder plantar o progresso.






Foi aí, que da montanha mais alta do Paraíso Verde, surgiu uma voz forte:

— É um engano de vocês. O fogo foi criado para aquecer no inverno, para cozinhar os alimentos e não para destruir florestas.

Quem falava assim, com tanta autoridade, era o Olho d'Água, bem do alto de sua montanha.

— Se vocês queimarem esta floresta, acabarão também com os rios e com os lagos, porque eu estarei morto. As águas que formam os rios, os lagos e os mares começam aqui, comigo, neste manancial em que vivo. Sou a nascente das águas desta região.



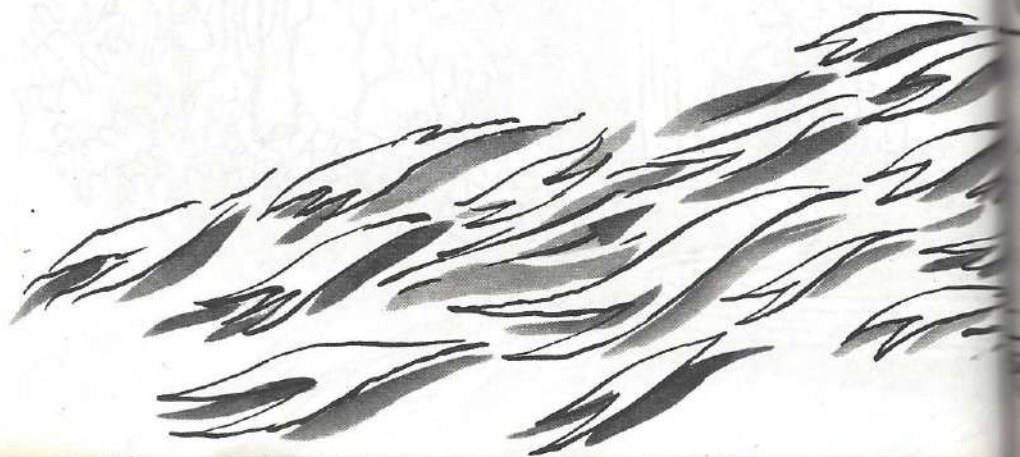


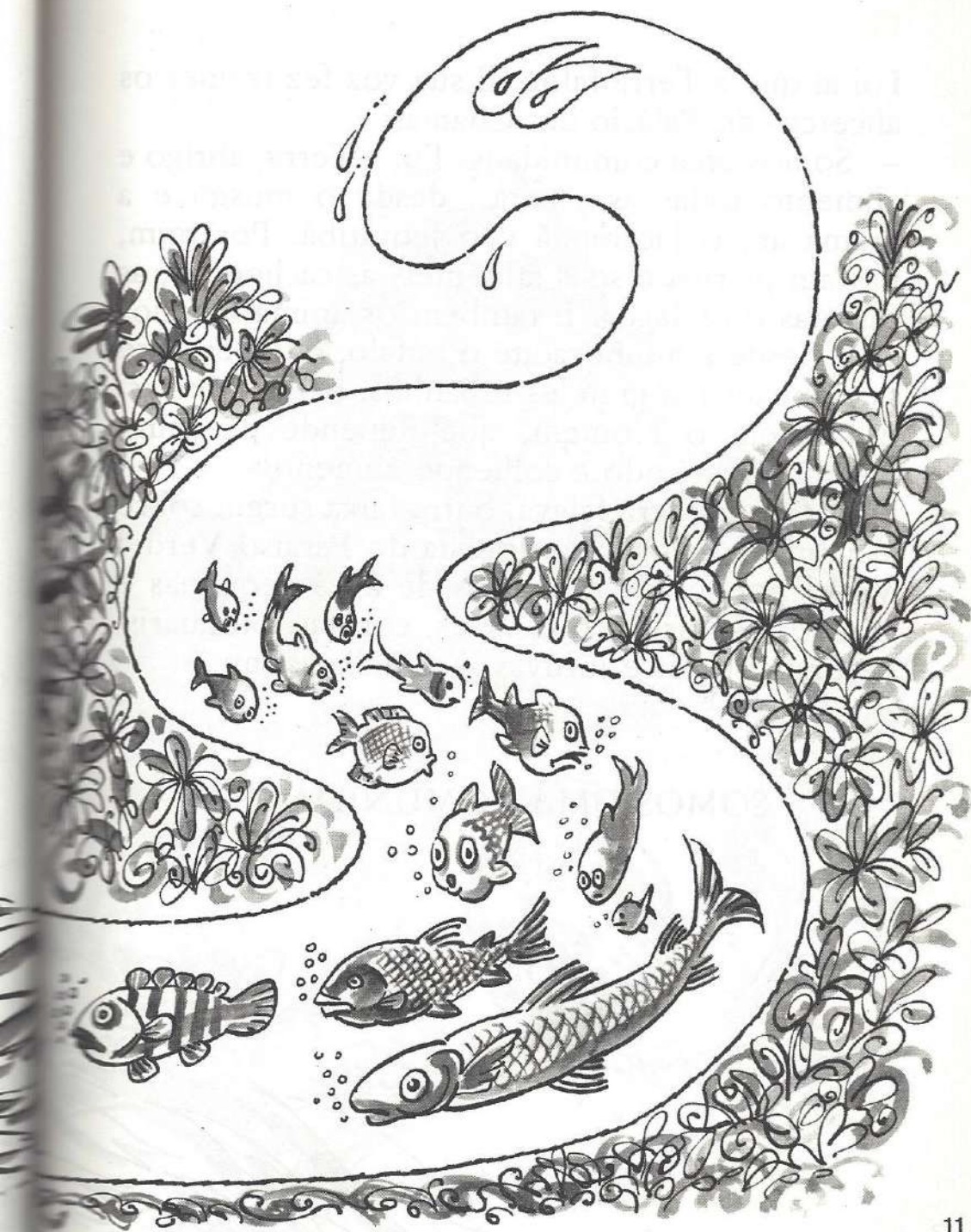
O Rio Feliz, que passava perto do Palácio das Chamas, começou a fazer ondas de aplausos pelas palavras do Olho d'Água. E acrescentou:

— Rei do Fogo, acabando com a mata, você e seu fogaréu acabam comigo, com os peixes e com a navegação. Rio seco é rio infeliz, pobre e triste. Eu quero continuar feliz e fazer a alegria dos peixes, dos pássaros, das plantas que enfeitam as minhas margens, das florestas que eu alimento e faço crescer e dos homens que viajam em meu leito, pescam e também vivem felizes.

Mal se calou, surgiu uma faixa molhada, mas bem esticada, saindo de seu fundo e trazida por vários peixes — tainhas, pacus, corvinas, paratis e até alguns camarões que saltavam à sua volta, com nova mensagem:

RIO FELIZ É ÁGUA PARA TODOS



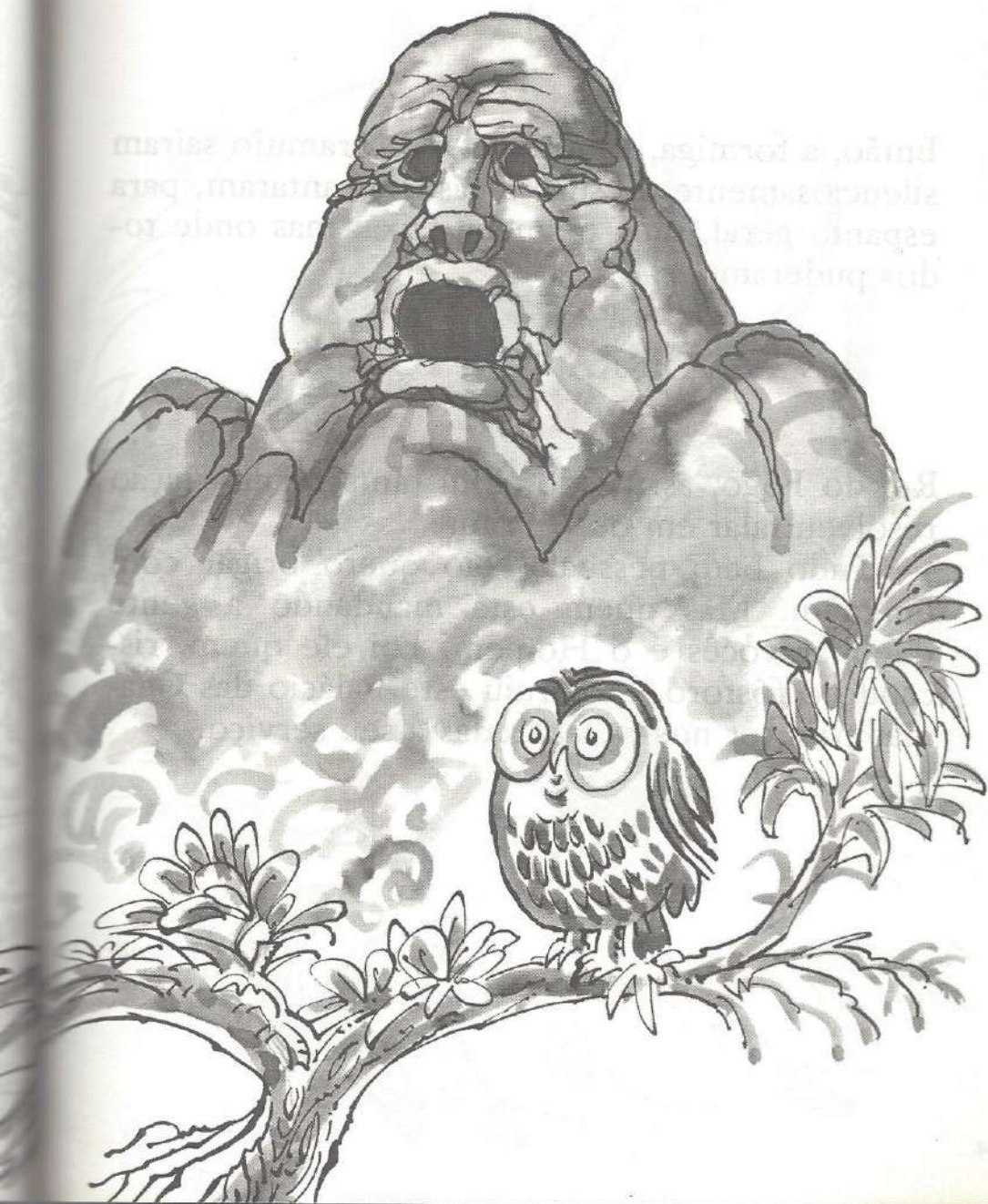


Foi aí que a Terra falou. E sua voz fez tremer os alicerces do Palácio das Chamas:

— Somos uma comunidade. Eu, a Terra, abrigo e alimento todas as plantas, desde o musgo e a grama até o jacarandá e o jequitibá. Por mim, passam os rios e seus afluentes, as cachoeiras, as cascatas e os lagos. E também os animais, todos eles, desde a minhoca até o búfalo, que percorre as planícies em grandes rebanhos, belos e fortes. E também o Homem, que depende de mim, plantando, criando e colhendo alimentos.

Enquanto a Terra falava, outra faixa surgiu sobre as grandes árvores da floresta do Paraíso Verde. Vinha pendurada nos bicos de aves pequenas e grandes — juritis, tuins, saís, corujas, pitiguaris, bacuraus, japus e juruvas — e dizia assim:

SOMOS UMA COMUNIDADE



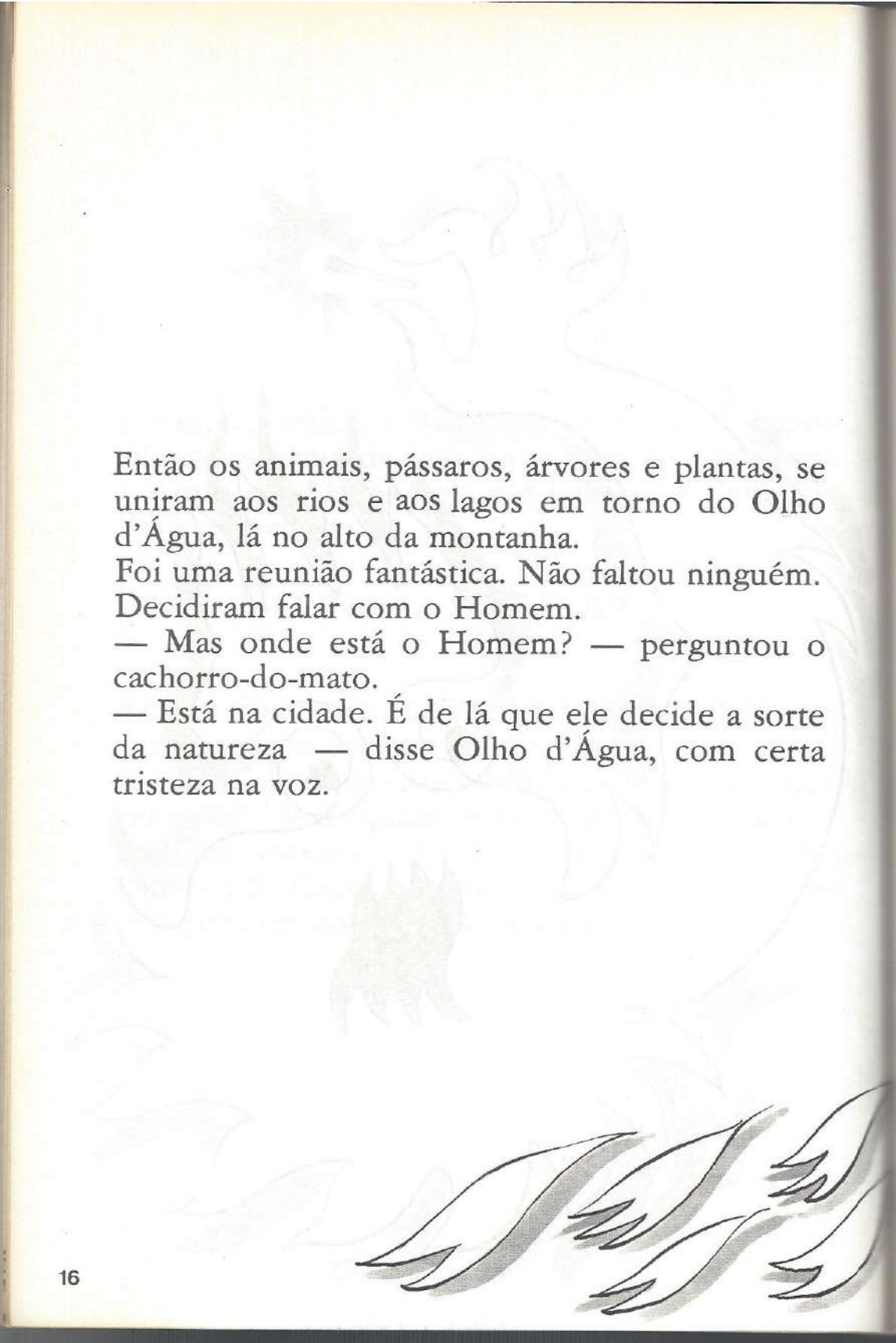
Então, a formiga, a minhoca e o caramujo saíram silenciosamente de suas tocas e levantaram, para espanto geral, uma pequena faixa, mas onde todos puderam ler:

A TERRA É DE TODOS

Rei do Fogo, assustado, com tanta manifestação resolveu falar em outro tom:

— Tudo bem pessoal. Não quero brigar com ninguém. Mas quem está mandando a gente queimar vocês é o Homem. Foi ele quem, riscando o fósforo, construiu este Palácio das Chamas para ter nossas labaredas a seu serviço.



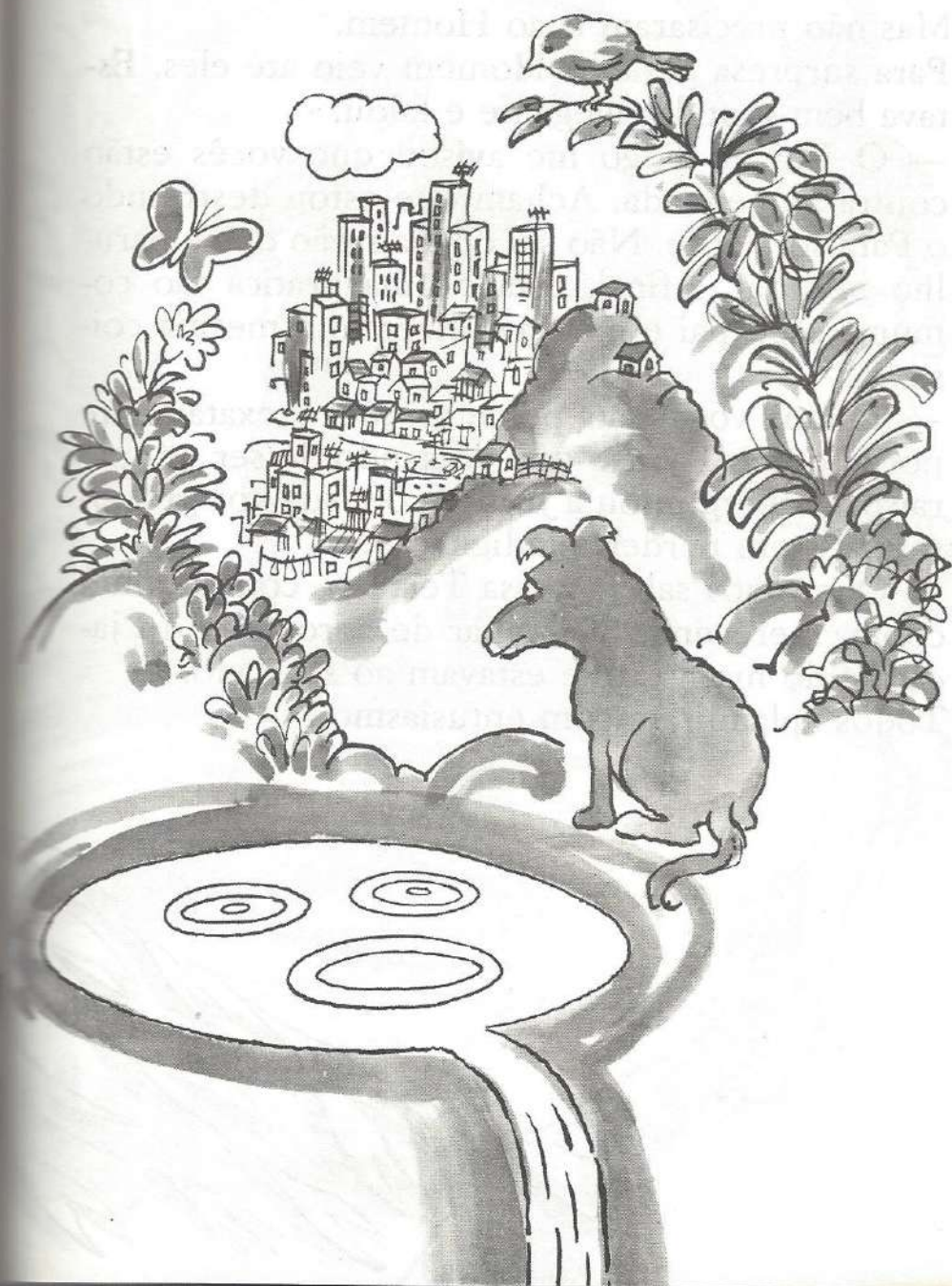


Então os animais, pássaros, árvores e plantas, se uniram aos rios e aos lagos em torno do Olho d'Água, lá no alto da montanha.

Foi uma reunião fantástica. Não faltou ninguém. Decidiram falar com o Homem.

— Mas onde está o Homem? — perguntou o cachorro-do-mato.

— Está na cidade. É de lá que ele decide a sorte da natureza — disse Olho d'Água, com certa tristeza na voz.



Mas não precisaram ir ao Homem.

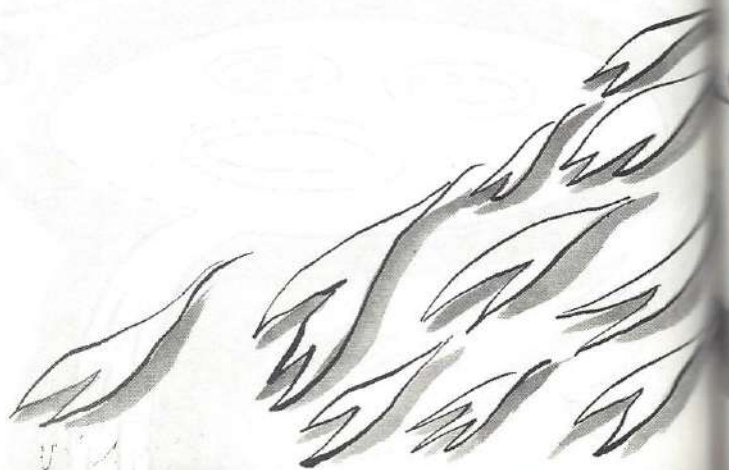
Para surpresa geral, o Homem veio até eles. Estava bem vestido, elegante e falou:

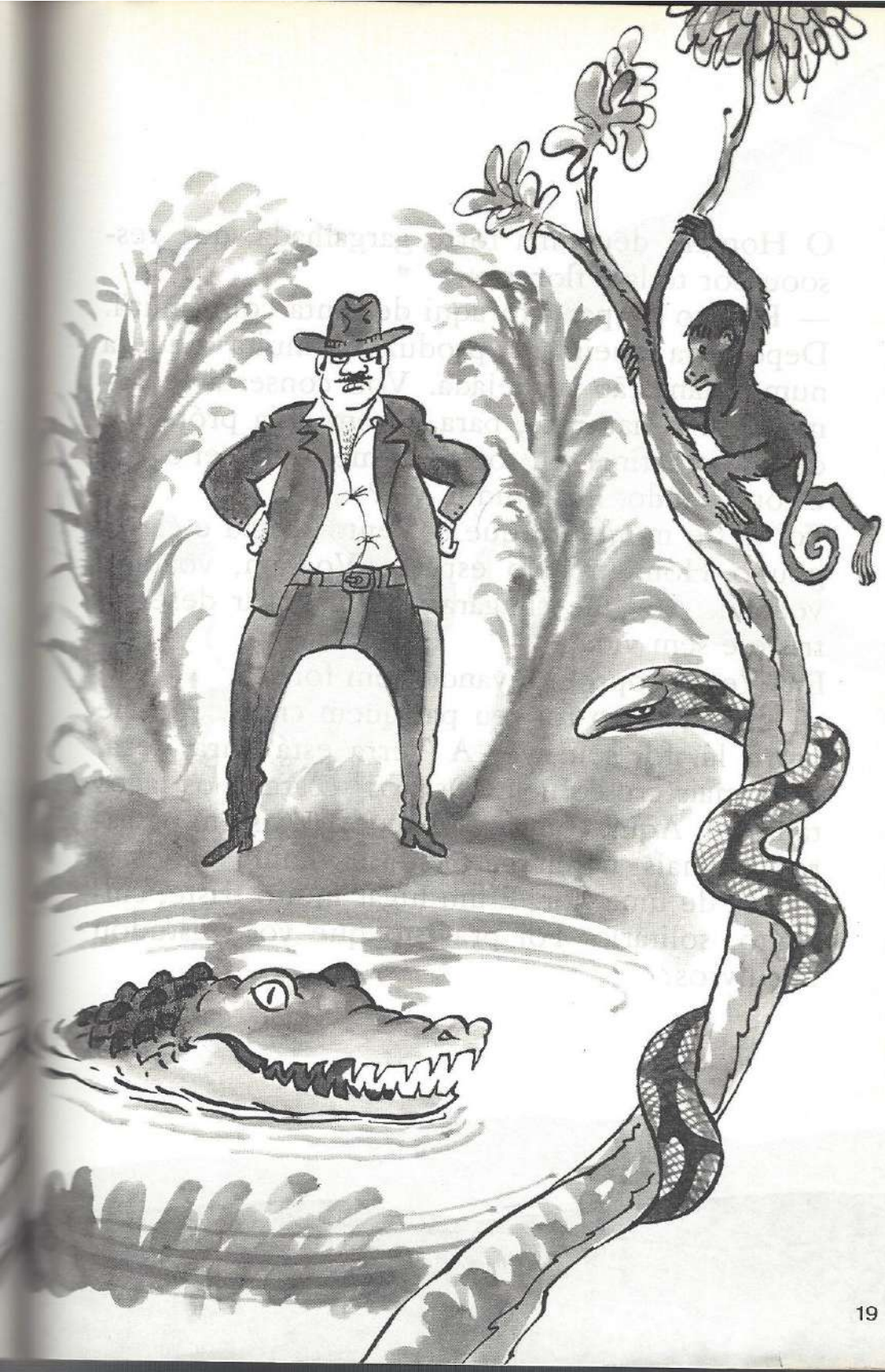
— O Rei do Fogo me avisou que vocês estão contra a queimada. Achem que estou destruindo o Paraíso Verde. Não sei qual a razão desse barulho infernal. Afinal, esta é uma prática tão comum! Meu pai e meu avô fizeram a mesma coisa...

— Então, você não percebe que é exatamente por aí que o Paraíso está deixando de ser um paraíso? — perguntou a Juruva com sua voz graciosa, mas sem perder a indignação.

— Queremos salvar nossa Terra — completou a cobra, merecendo um olhar de aprovação do jacaré e do macaco que estavam ao seu lado.

Todos aplaudiram com entusiasmo.





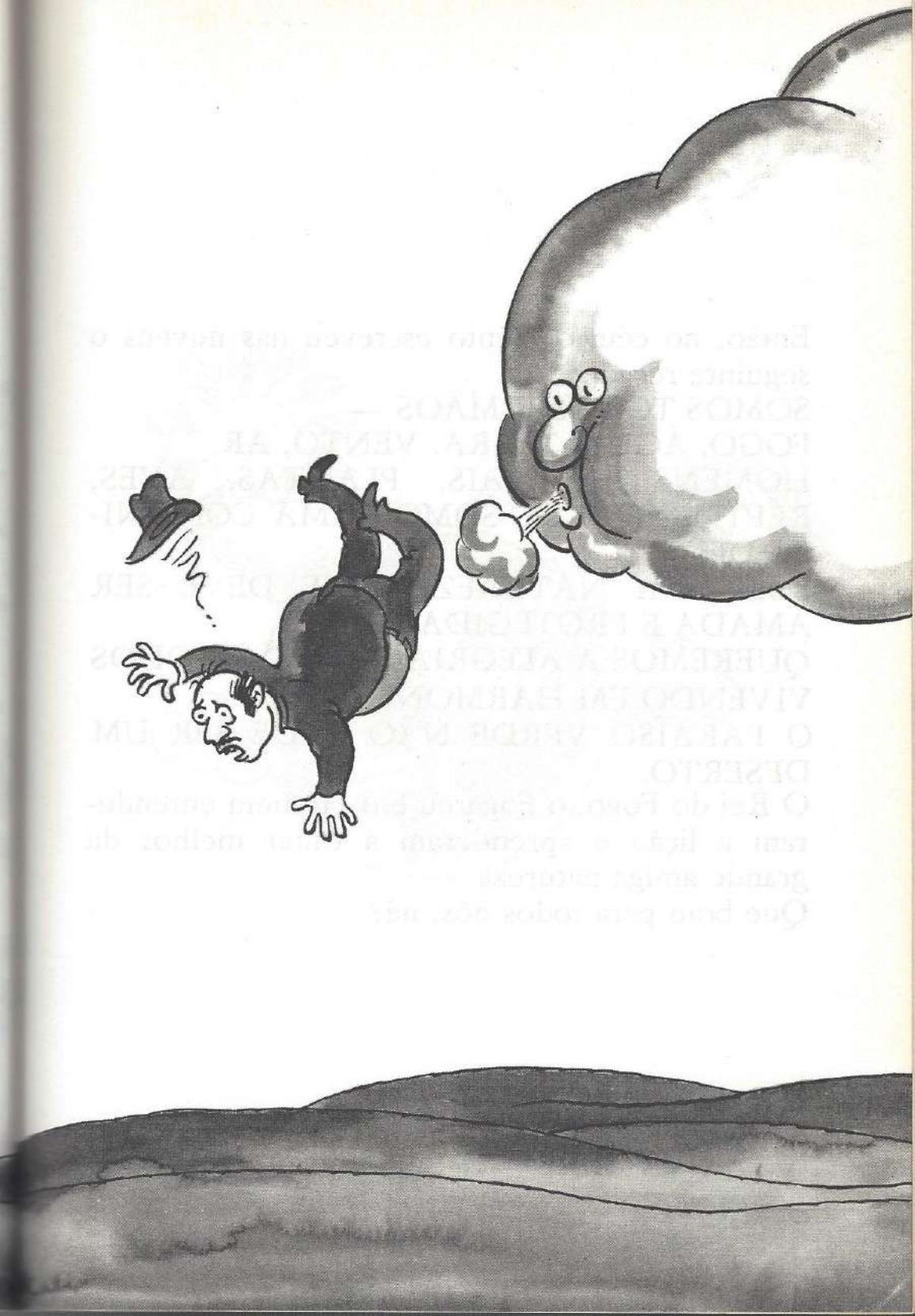
O Homem deu uma forte gargalhada, que ressoou por toda a floresta:

— Preciso limpar isto aqui de tanta coisa inútil. Depois da queimada produzirei muita riqueza numa plantação planejada. Vou consertar e administrar a natureza, para o bem dela própria e de todos. Afinal, eu sou o Homem. Eu sei o que estou falando. Eu estudei, viu?

Foi neste momento que o Vento surgiu e carregou o Homem pelo espaço. Voaram, voaram, voaram. Até que chegaram a um lugar deserto, triste e sem vida.

E o Vento soprou, uivando com força:

— Este deserto foi seu pai quem criou. Aquele outro lá, foi seu avô. A Terra está dura, seca, nada mais cresce nela. Os rios secaram, os lagos também. Aqui, como você vê, não existem pássaros, animais, nenhuma planta e, muito menos, a beleza de uma flor. É um lugar muito triste, cinzento, solitário. Foi pra isto que você estudou nos livros?



Então, no céu, o Vento escreveu nas nuvens o seguinte recado:

SOMOS TODOS IRMÃOS —

FOGO, ÁGUA, TERRA, VENTO, AR.

HOMENS, ANIMAIS, PLANTAS, AVES,
RÉPTEIS, PEIXES. SOMOS UMA COMUNI-
DADE.

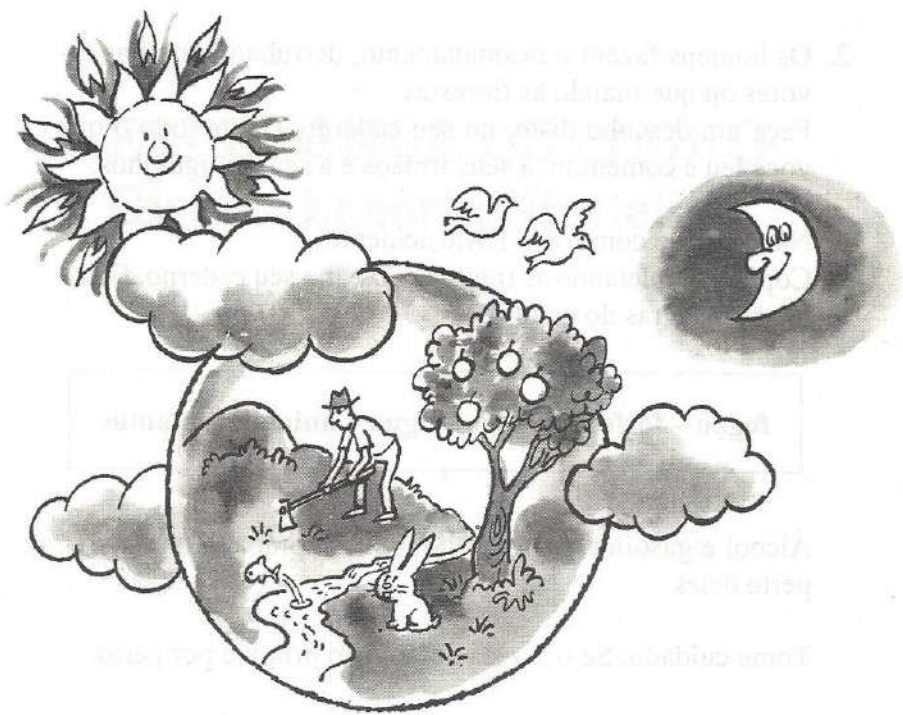
SOMOS A NATUREZA QUE DEVE SER
AMADA E PROTEGIDA.

QUEREMOS A ALEGRIA DA VIDA, TODOS
VIVENDO EM HARMONIA.

O PARAÍSO VERDE NÃO PODE SER UM
DESERTO.

O Rei do Fogo, o Fogaréu e o Homem entende-
ram a lição e aprenderam a tratar melhor da
grande amiga natureza.

Que bom para todos nós, né?



• Para todos os animais e pássaros em especial a um canário, Yellow; a dois cachorros, Black e Pipo; e a um gato, Cherry.

TRABALHANDO A NOSSA HISTÓRIA ...

1. Você já leu a história. Comente com seus colegas.
Desenhe, em seu caderno, alguns animais ou pássaros que fogem do fogo, nas florestas.
2. Os homens fazem o desmatamento, derrubando muitas árvores ou queimando as florestas.
Faça um desenho disto, no seu caderno. Conte tudo o que você leu e comentou, a seus irmãos e a seus amiguinhos.
3. Não brinque com fogo. Evite acidentes.
Copie, completando as frases abaixo, no seu caderno. Escolha as palavras do quadro.

fogão – fósforos – fogo – água – animais – plantas

Álcool e gasolina pegam fogo muito rápido. Não risque ... perto deles.

Tome cuidado. Se o ... está aceso, não brinque por perto.

O ... é útil para os homens. Mas deve ser usado com muito cuidado.

Agora, forme uma frase com as palavrinhas do quadro que você ainda não usou.

4. Você gostou do recado que o Vento escreveu nas nuvens do céu, na nossa história?
Arranje material com a sua professora. Faça cartazes com estes recados, mas também crie outros. Depois, faça uma campanha para proteger a natureza. Pregue esses cartazes na sala de aula, na escola, no lugar onde você mora.



A ESPERANÇA DE PEDRO
Giselda Laporta Nicoletis

Ilustrações — Carlos Jorge Nunes



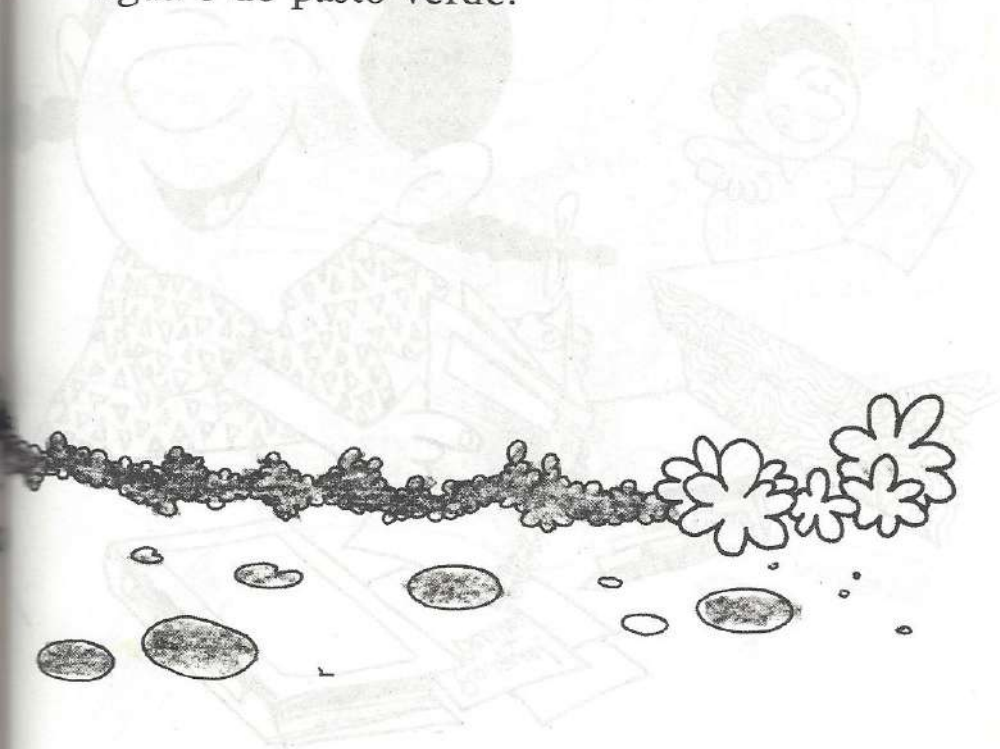
Para Pedro Ivo, o futuro.

— Leva o chapéu — diz a mãe — que o Sol logo tá pelando.

Pedro pega na mesa da cozinha, o chapéu os livros e cadernos e sai correndo para a aula. Já está atrasado e a escola fica longe, uma hora, pelo menos, de passo apressado.

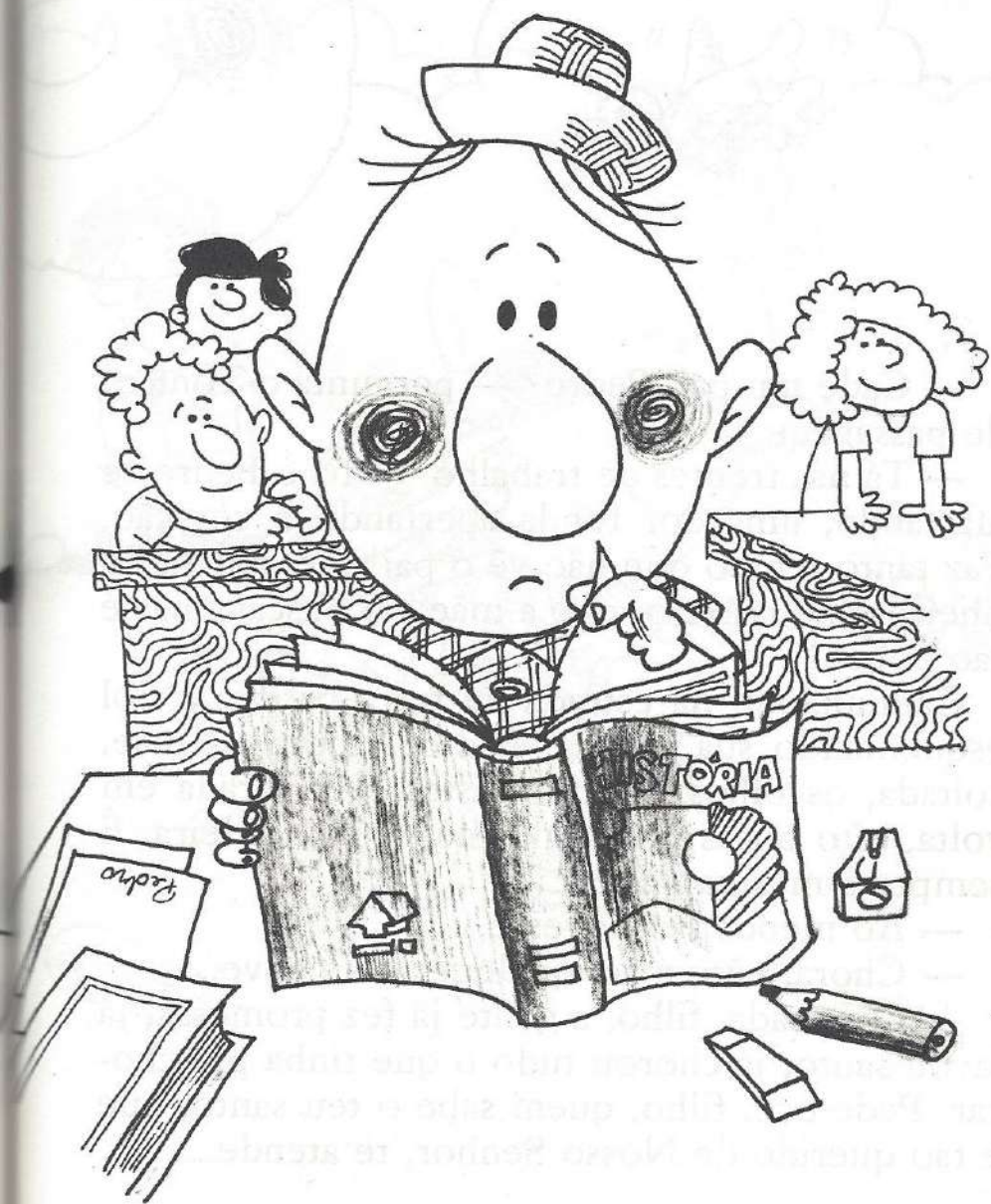
A mãe tem razão, o Sol não demora a tudo esquentar... Olha o céu: nenhuma nuvem. Há meses não chove ali na região e a cacimba que serve o pessoal da vila está quase seca.

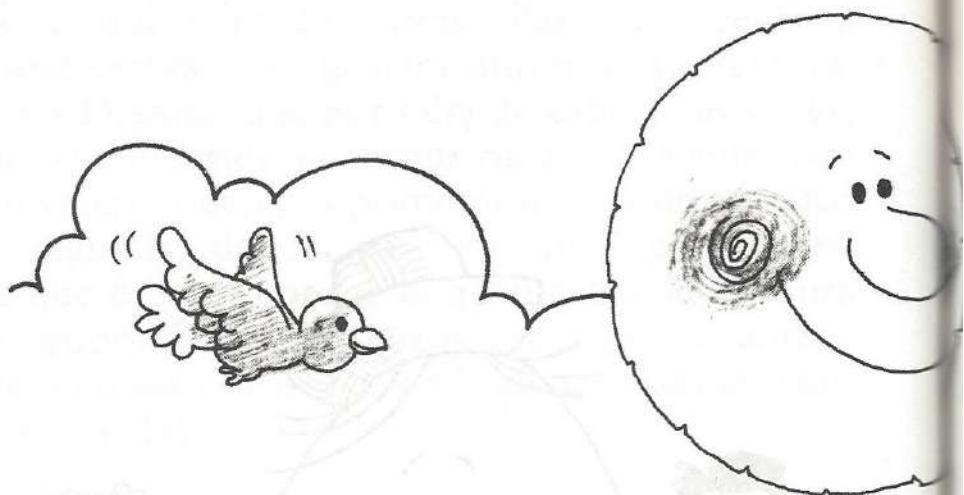
Tudo tão triste! Andando pela estrada de terra, Pedro pode ver o gado tentando pastar o que já não existe, tão magro que as costelas parecem furar a pele e com um olhar tão resignado, de quem pede pelo amor de Deus um pouco de água e de pasto verde.



No caminho, Pedro encontra sempre alguns colegas que vêm de outras vilas, em direção à mesma escola. Eles gostam muito da professora, a dona Djanira, que por falta de espaço, às vezes, junta várias séries na mesma turma e dá aulas por partes: um pouco pra primeira série, outro pouco pra segunda, depois pra terceira e pra quarta. Até que é bom, porque enquanto ela dá aula pra um grupo, ficam os outros escutando e aprendendo coisas novas, ou lembrando coisas antigas, já esquecidas.







— Cadê teu pai, Pedro? — pergunta o Tônico, de passagem.

— Tá nas frentes de trabalho — diz o Pedro se afastando, uma dor funda apertando o coração. Faz tanto tempo que não vê o pai! Ele manda dinheiro pelo correio, que a mãe vai buscar, mas é tão pouco!

Caminhando na estrada de terra batida, o Sol esquentando sua cabeça, Pedro lembra da mãe, coitada, os olhos sempre tristes, a filharada em volta, oito bocas pra comer não é brincadeira. É sempre a mesma queixa:

— Ao menos se chovesse...

— Chora, não, mãe, qualquer dia chove...

— Que nada, filho, a gente já fez promessa, já lavou santo, já chorou tudo o que tinha pra chorar. Pede ocê, filho, quem sabe o teu santo, que é tão querido de Nosso Senhor, te atende...



Se chovesse... ah, se chovesse! A cacimba enchia inteirinha, de todo lado viria gente, com baldes e bacias, recolher a santa água de todos os dias. E ainda havia a cisterna, que o pai tinha feito do lado da casa. Era uma alegria quando chovia, o pai gritando e rindo:

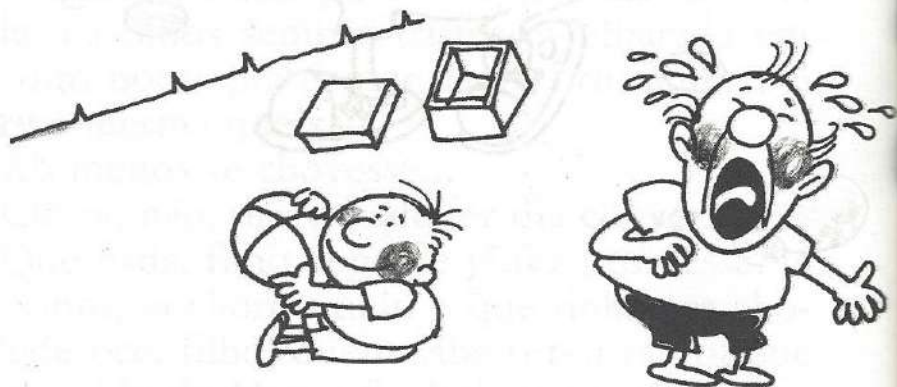
— Olha que beleza, criançada, a água caindo do telhado, a gente vai ter água pro resto do ano!

Puxa, que saudade do pai! Ele era severo, duro, mas amoroso. Antes dele dormir, chegava na beirada da cama — que ele dividia com mais dois irmãos —, passava a mão calosa no rosto dele, esfregava a barba rala contra o seu rosto e falava baixinho:

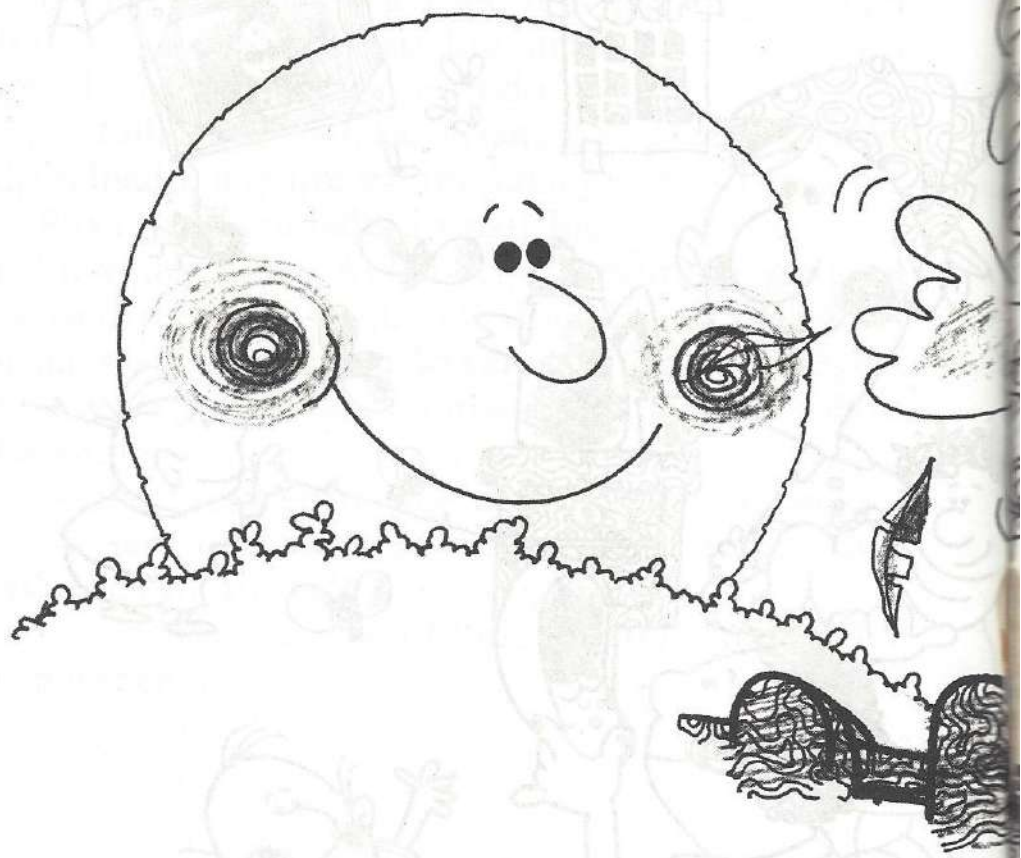
— Dorme, Pedro, que amanhã é outro dia...

— Será que vai ser bom, pai? — perguntava, os olhos mornos de sono.

— Vai ser sim, meu filho, a gente tem que ter esperança...







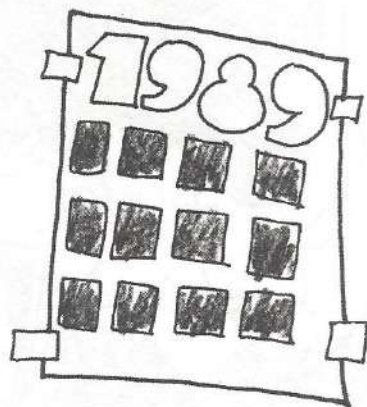
Mas não choveu no dia seguinte, nem no outro, nem nos outros... A água foi secando, a plantação morrendo, o gado se finando... Então o pai disse pra mãe, os dois em volta da última cuia de farinha e do caldo ralo onde boiavam alguns grãos de feijão:

— Vou pra frente de trabalho, senão a gente morre de fome, de vez...



— Cê tá velho, não tem mais idade — ainda tentou convencer a mãe, enxugando os olhos na ponta da blusa.

— Tem jeito, não, é a única esperança. Amanhã mesmo, caio no mundo. Cuida das crianças, eu mando dinheiro...



Antes de amanhecer, o céu ainda escuro, o galo ainda nem tinha cantado no poleiro, o pai saiu de casa, a trouxa nas costas, pisando fino, a velha esperança dentro do peito. Nem disse adeus, foi como se fosse pra lavoura, como antes, quando o verde da plantação enchia os olhos e o gado bonito de pele lustrosa pastava tranqüilo a grama nova.

Ele sentiu, pressentiu que era o pai que partia. Espiou a medo pela janela sem vidraça, viu a figura curvada do homem que seguia. Levantou a pequena mão num gesto de adeus, que o pai jamais veria, porque já chegava na velha porteira. E ele, ali, na janela, o olhar perdido no pai que se ia, e nem sabia quando iria voltar...





— Sonhando de novo, Pedro? — Teresa, outra colega de escola, dá-lhe um tapa nas costas:

— Corre que a dona Djanira já tá batendo o sino!

O sino da escola enche de alegria as redondezas quando a meninada chega, corada da corrida:

— Entra todo mundo que a aula vai começar!



Dona Djanira, bonita, de cabelo preto solto nas costas. Pedro adora aqueles cabelos que parecem a asa de uma graúna. Ah, se ele pudesse crescer depressa e casar com a professora! Mas precisa ser bem depressa mesmo, porque dizem que ela tem um namorado superciumento:

— Fez sua lição, Pedro?

— Fiz sim senhora, desculpe a letra, eu tive que ajudar a mãe a buscar água...

— Tá ruim pra todo mundo, né, Pedro? — a compreensão nos olhos de dona Djanira. A água tá cada vez mais difícil, se não chover, não sei o que será da gente...

— Precisa esperança, professora — diz o Pedro, lembrando a barba áspera do pai, o beijo naquelas noites felizes que parecem agora tão distantes.

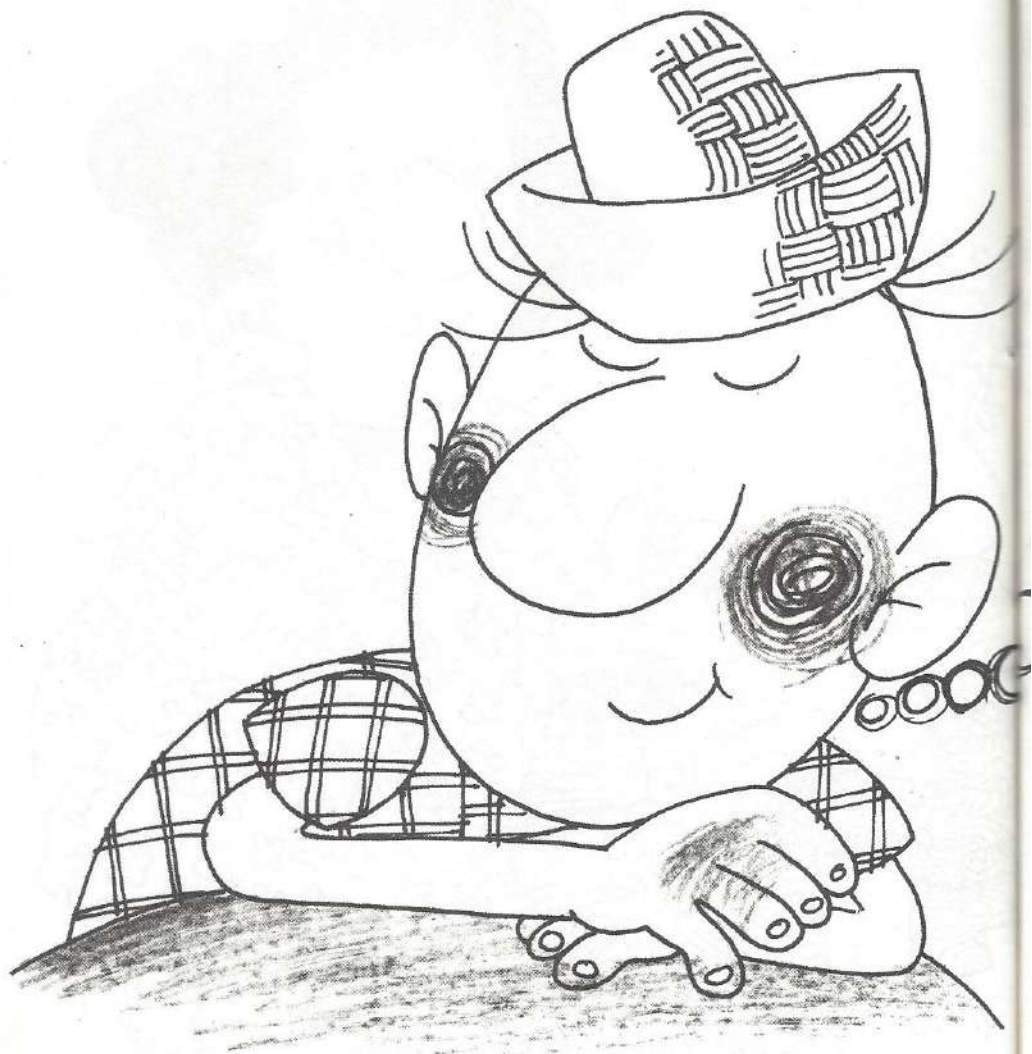
— É, precisa esperança — suspira a professora. Precisa muita esperança... Mas vamos à aula!

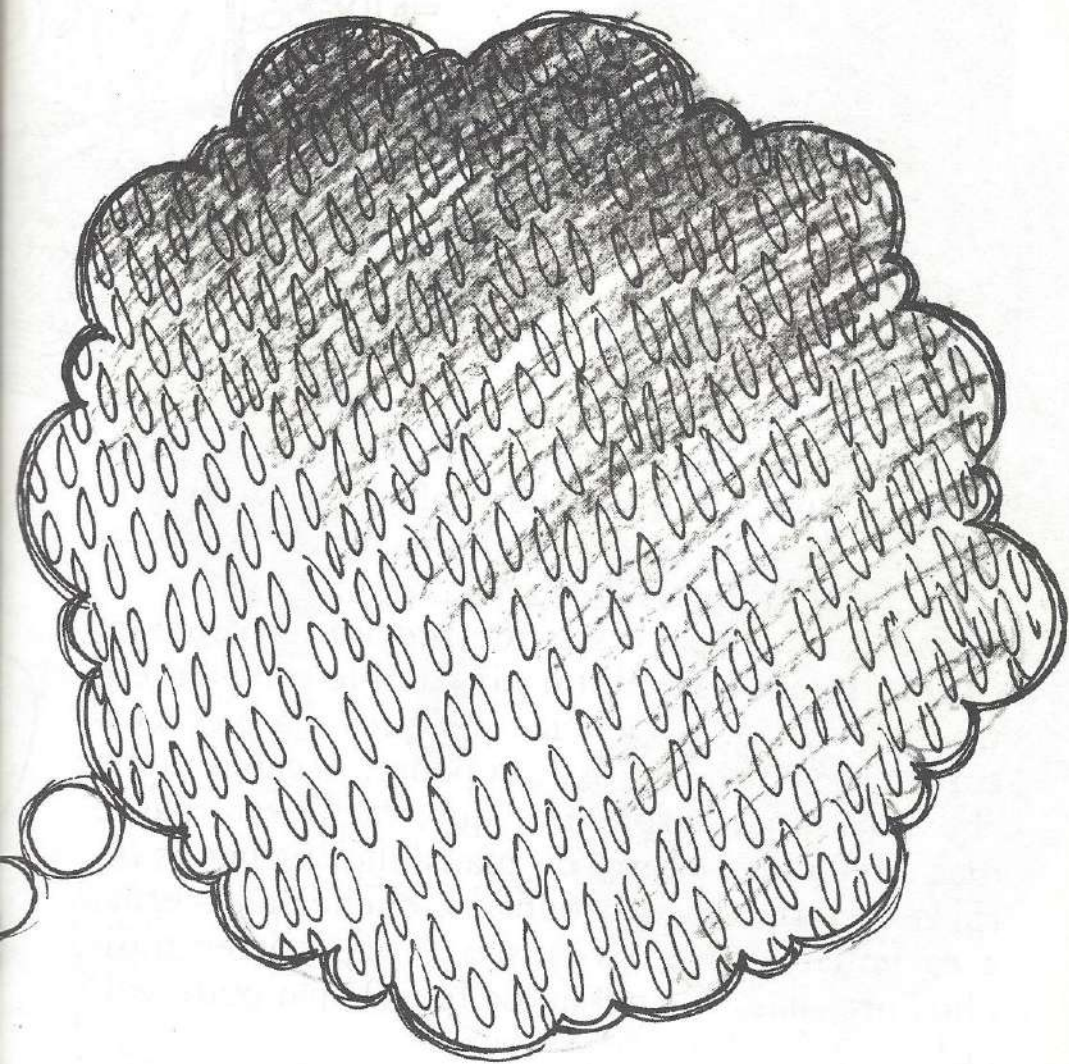


A voz de dona Djanira, suave e fresca como a brisa da manhã, embala os sonhos de Pedro. Sua alma, enroladinha como folha nova, sai que brota pela janela da escola, rodopia no telhado de madeira, se enrosca na velha árvore massacrada pela seca e voa, livre, pelo espaço.



Deve haver, mas deve haver uma Terra onde os rios sejam largos e fartos, a água mansa cheia de peixes e de vida. Os rios — que dizem — correm para o mar, que ele nunca viu, mas deve ser um mundo de água. Ah, ver o mar, chegar bem na frente dele e abrir os braços: — êta mar, êta mar!







Uma Terra bonita onde chova todo dia — o verde comece e nem tenha fim, de tanto que se espraia, onde todo mundo plante e colha no tempo certo e criança nenhuma passe fome — será que tem uma Terra assim, dona Djanira?

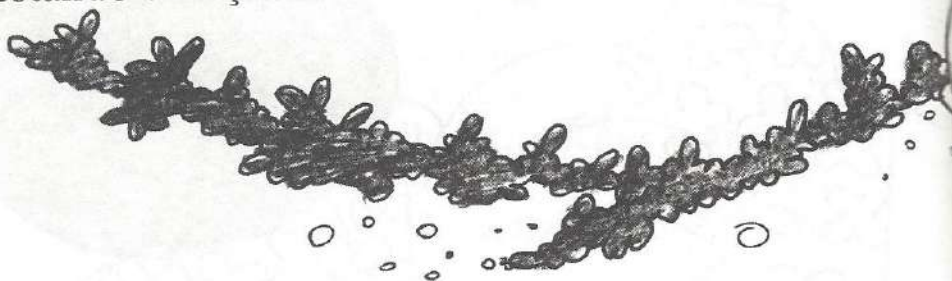
Esperança, o pai disse que precisa ter esperança. Ele sempre acreditou no pai, ele nunca mentiu. Questão de paciência, qualquer dia o céu escurece, o vento pára e, de repente, tá caindo uma chuvinha fina, carpideira, que vai durar dias e dias e fecundar a terra de mansinho, fechar as feridas da terra, lavar o telhado, encher a cisterna, a cacimba, encher os rios que vão correr todinhos pro mar... — nesse dia feliz, o pai pode voltar!

Os olhos de Pedro se enchem de lágrimas — pelo menos a seca não acabou com as lágrimas e ele pode chorar um pouco, devagarinho, escondido. Chorar de saudade do pai, do verde, da água, chorar por tanta coisa junta que ele nem sabe direito o que é...





Tão distraído estava, ouvindo seus pensamentos, que não ouviu o barulho lá fora... Pequeno, no começo, dissimulado, com vergonha de se mostrar. Aos poucos foi aumentando... cadenciado, interrompendo a aula. Dona Djanira, de olho arregalado e giz na mão, apura o ouvido, fica prestando atenção...



Como criança nascendo, os pingos caem fino, fininho, e vão aumentando a intensidade, fazendo força pra nascer... A aula acorda/pára de vez. Até o Pedro volta de seu sonho e corre lá pra fora — e não é que é verdade verdadeira? As gotas de chuva batem no rosto, nos braços de



Pedro; começam a molhar sua camisa, escorrem pelo pescoço, pela barriga, pelas pernas, chegam ao chão... E assim vai ser por toda parte, ensoando a terra cansada/esgotada, parida de suor; depois, refazendo a natureza como bênção divina: o começo do mundo, de esperança e de água, amém!...

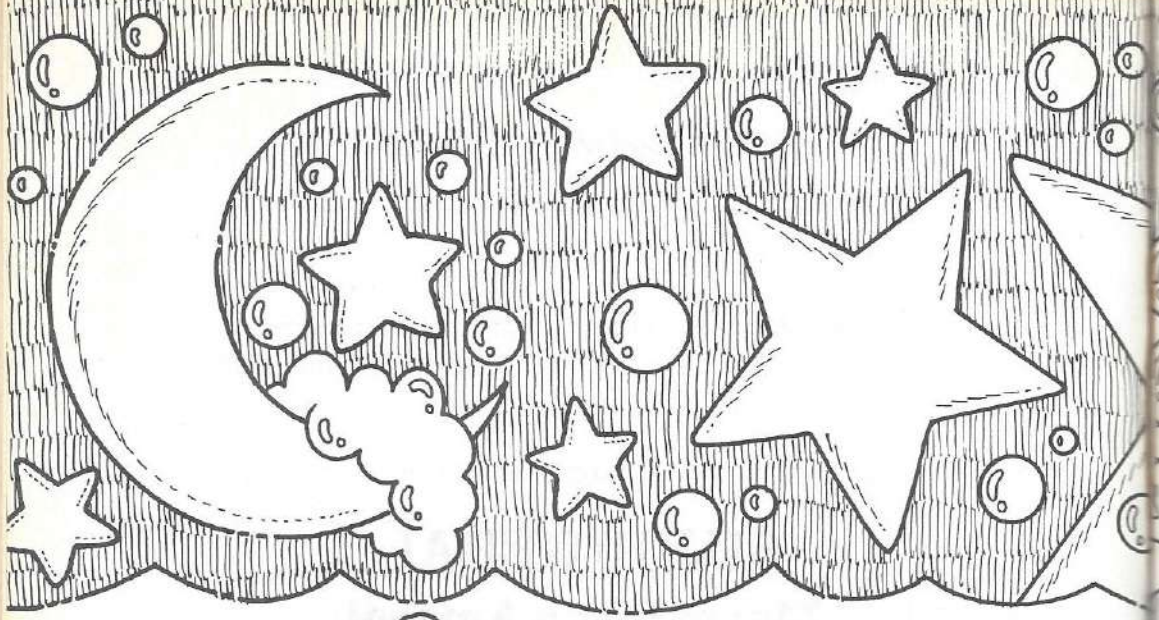
TRABALHANDO A NOSSA HISTÓRIA ...

Você leu a história de Pedro. O pai do menino, a mãe e os amiguinhos, todos precisam de água. Vamos trabalhar no seu caderno:

1. Escreva todas as maneiras como você usa a água em sua casa.
2. Na cidade, a água vem para a nossa casa através dos canos e chega nas torneiras. De que maneira vai a água para as casas distantes das cidades?
3. A água precisa ser limpa e ter boa qualidade. Água contaminada causa ...
4. A água que bebemos, depende do clima e da vegetação. O que acontece com a água quando os homens cortam ou queimam as matas?
5. O que acontece com os peixes quando as águas dos rios ficam sujas, contaminadas, poluídas?
6. Faça o jogo da adivinhação com seus amiguinhos. Cada criança deverá, somente com gestos, imitar alguma maneira de como usa a água. Os outros vão adivinhar a imitação feita.

SUJOU GERAL
Maria Lúcia Amaral

Ilustrações — Sandra Aymone





Ah, que história engraçada! Os meninos estavam se divertindo... “Era uma vez uma velha que achou o céu muito sujo e resolveu esfregá-lo com vassoura e sabão.

Limpou a lua, as estrelas, e quando viu Vanessa e Joana espiando lá embaixo, desceu do céu e veio entregar às meninas a vassoura e o espanador. Agora, elas que limpassem a Terra de toda sujeira”. E bem que precisava...

Era o livro que as crianças tinham acabado de ouvir, através da tia, que sabia contar histórias como ninguém. Arregalava os olhos, gesticulava, e todas as coisas ganhavam vida, como num cinema.

As quadrinhas do “Lava terra, lava céu, a velha de déu em déu” saltavam do livro e invadiam a sala diante dos meninos. Essa, então, era uma graça:

“A lua de tanto andar
Fez um caminho no céu
Eu conheço meu amor
Pela copa do chapéu”. *

Mas Fernando, Rodrigo e Leticia não tiveram muito tempo para pensar na velha porque o pai chegou e trouxe com ele uma proposta que enlouqueceu a criançada.

— Vamos para a praia! Vamos aproveitar o feriado!



Os meninos foram botar o calção, enquanto Leticia apanhava o biquíni, o balde e a pazinha. Adorava brincar com areia. Como iam se divertir!

Ainda mais que fazia um tempão que não iam à praia, já que moravam num bairro afastado. E praia era também sorvete e tudo que menino gosta.

Já estavam se aproximando da areia quando Fernando gritou, assustando toda a família.

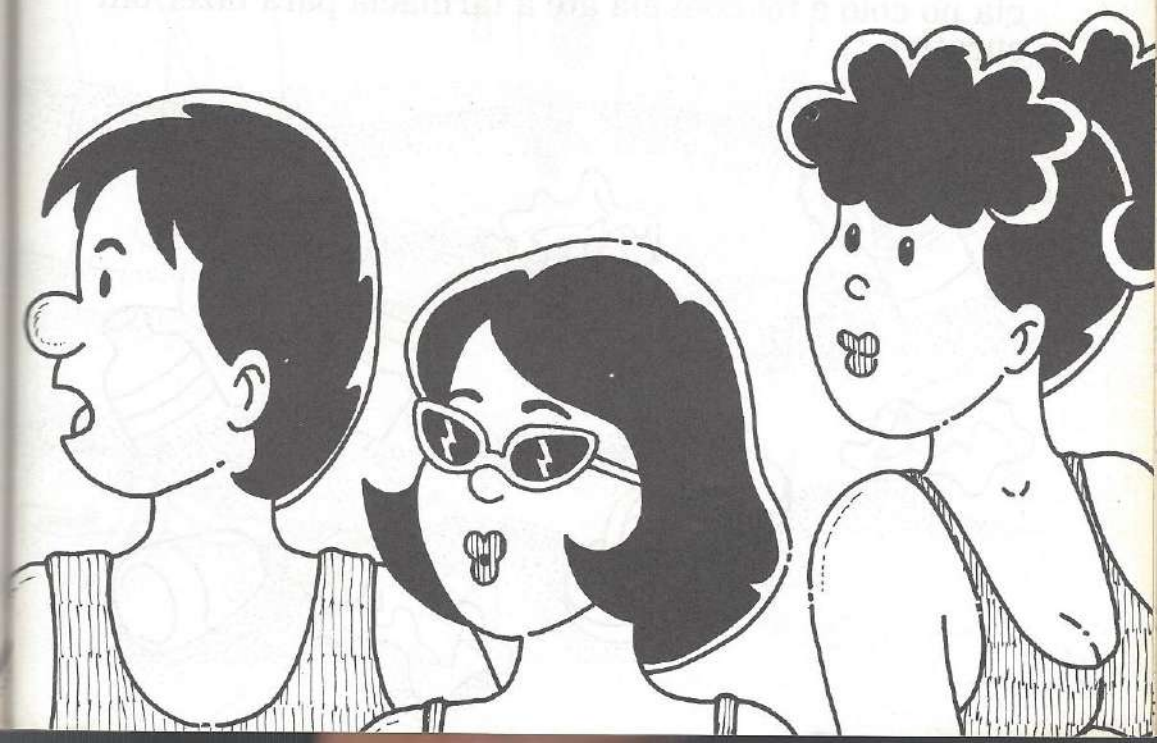
— Ui, pisei numa coisa mole, nojenta!

Levantou o pé horrorizado. Estava cheio de cocô. Cocô de cachorro grudado no pé!?

— Ai, que vou fazer, agora? — gemeu o menino, chateado.

— Também não precisa fazer todo esse barulho, Fernando. Pra tudo há jeito. Venha cá! — falou o pai, e puxando Fernando, sentou o menino na areia. Munido de um pedaço de jornal, limpou toda aquela sujeira.

— Agora, corra para o mar e lave o pé.



Fernando fez o que o pai mandava mas, como dizia sua mãe, “pior a emenda que o soneto”. Quando saiu da água, a cara, o pé e quase todo o corpo voltaram cheios de óleo. Aquele óleo que os navios descarregam no mar, de vez em quando.

Irreconhecível, Rodrigo foi o primeiro a notar.

— Fernando, sua cara está preta como piche.

Toda a família rodeou Fernando, mas agora nem o pai dava jeito. Só quando voltassem para casa onde um esfrega-esfrega tiraria aquela sujeira. O piche agarra na pele.

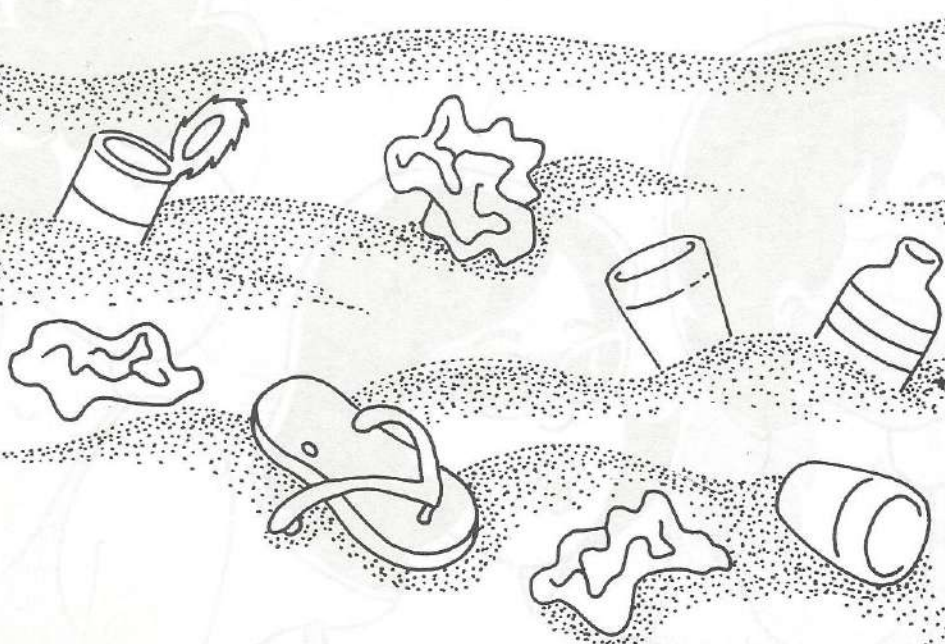
— Agora, é ter paciência e esperar a nossa volta — observou o pai, já aborrecido com tanto contratempo.

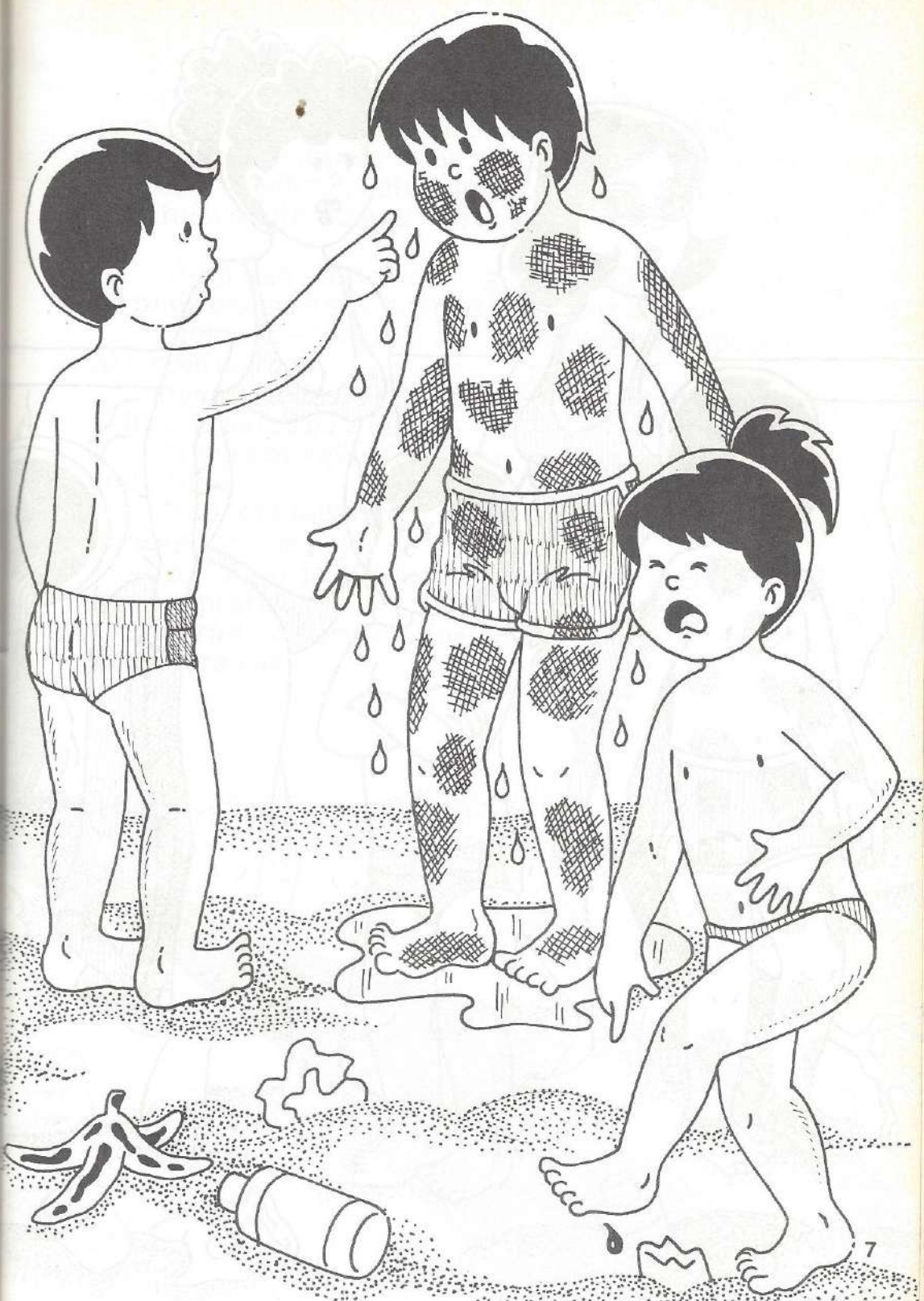
Mas a família não teve muito tempo para se deter no drama de Fernando porque Letícia começou a chorar. Choro sentido e forte.

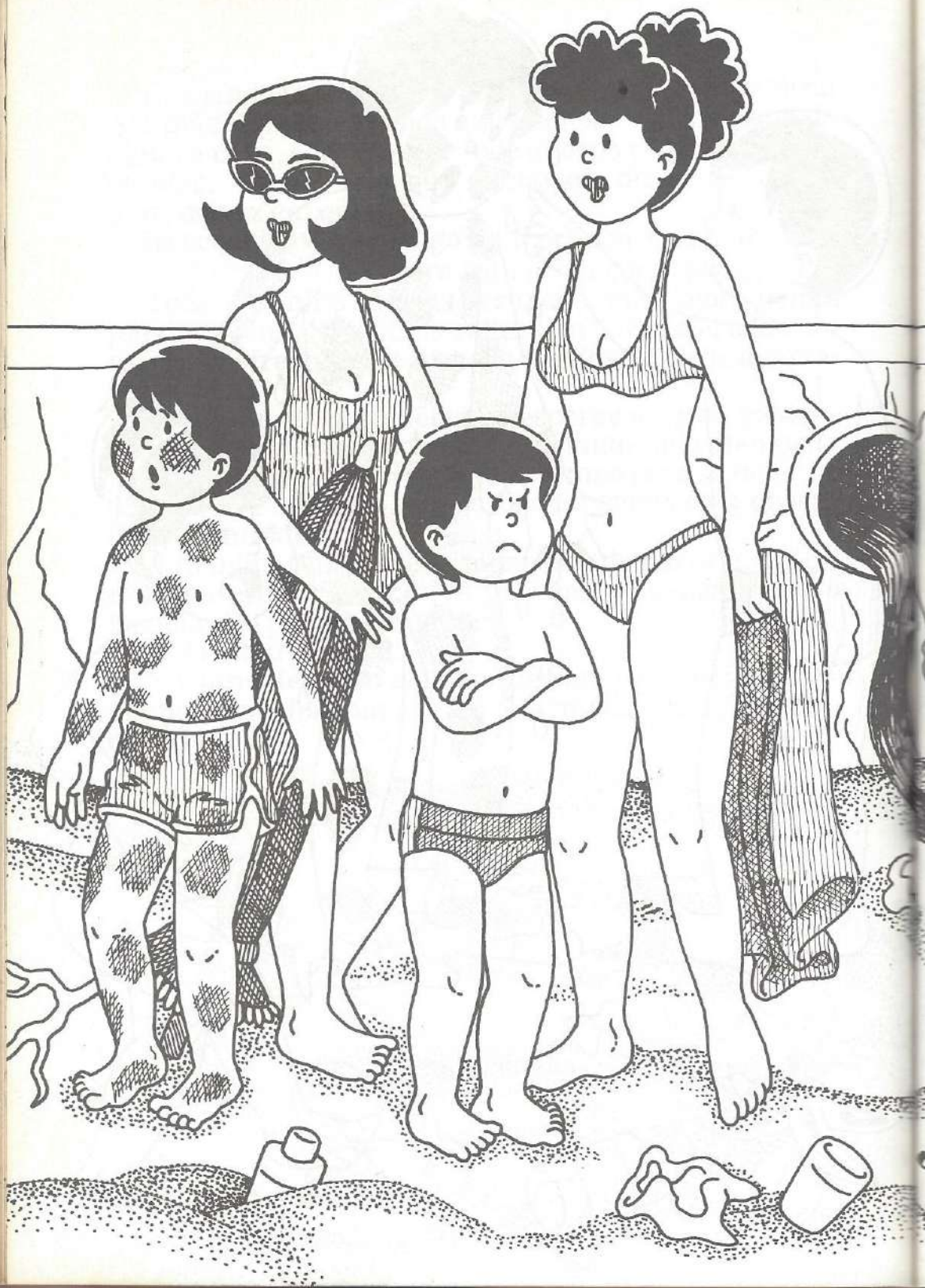
A menina tinha pisado num caco de garrafa, enterado na areia. O talho era pequeno mas doía muito e Letícia não parava de gemer.

— Ai, meu pezinho!

Novamente, o pai acudiu e deu um jeito. Pegou Letícia no colo e foi com ela até a farmácia para fazer um curativo.







Enquanto isso, a família tentava arranjar um lugar para armar a barraca. Mas estava difícil. Além do esgoto que descia pela areia e despejava no mar, copos de papel usados, pontas de cigarro, restos de sanduíche, tudo aquilo sujava a praia, deixando a areia imunda.

— Aqui não me sento! — gritou Rodrigo, descobrindo mais lixo no lugar em que ia colocar a toalha.

— Nem eu! — falou a tia, que adorava limpeza e tinha nojo de tudo.

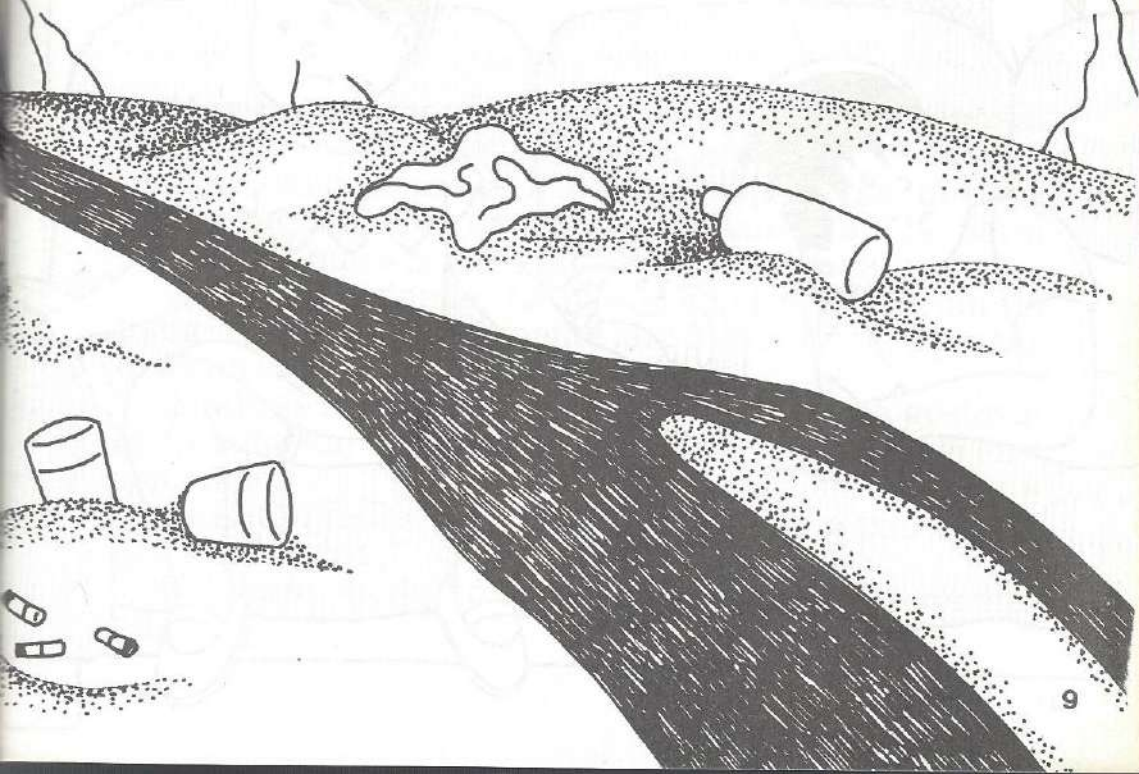
Estavam todos discutindo o que fazer quando o pai voltou. Encontrou a família em pânico.

— Ninguém agüenta ficar nessa praia suja — explicou a mãe.

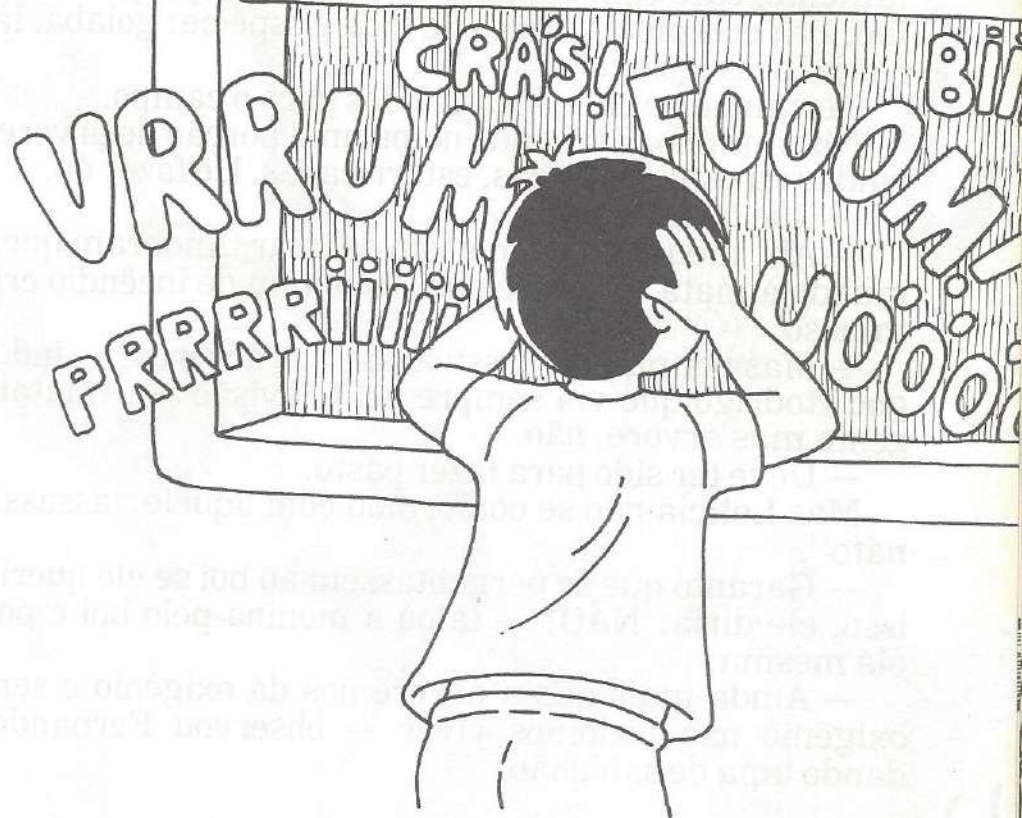
— Não tem lugar nem pra sentar — acrescentou a tia com cara de nojo.

— Então, o jeito é irmos embora — decidiu o pai, sempre prático.

Pegaram a barraca, toalhas, cadeiras, e voltaram todos para casa.







Mas os meninos não podiam ficar assim. Tinham que aproveitar o feriado. Aonde ir, então?

Foi quando o pai se lembrou do irmão que morava num sítio, afastado da cidade. Podiam ir até lá. Seria melhor do que a praia. Pelo menos, esperavam.

Quando Fernando, Letícia e Rodrigo souberam da idéia, vibraram. Raramente iam à casa do tio e passar o dia no campo era um barato.

Ainda se lembravam do banho de rio. Uma gostosura! A água tão clara, os pequenos peixes, nadando em volta deles.

— Estão todos prontos? — perguntou o pai, apressando a família.

Estavam. E, já no carro, rumaram para a montanha.

A chegada foi uma festa. O tio providenciou, imediatamente, café com bolinhos de polvilho e queijo de coalho. Pra completar, doces de toda a espécie: goiaba, laranja, pêssego...

Terminado o café, foram todos para o campo.

No caminho, Fernando notou uma porção de árvores caídas na estrada. Secas, esturricadas. De fazer dó.

— Que foi isso, tio?

— Ah! meu filho, nem gosto de falar. Andaram queimando a mata e o pior é que suspeitam de incêndio criminoso.

— Mas por que “assassinaram” as árvores? — indagou Rodrigo que via sempre na televisão se matar gente mas árvore, não.

— Deve ter sido para fazer pasto.

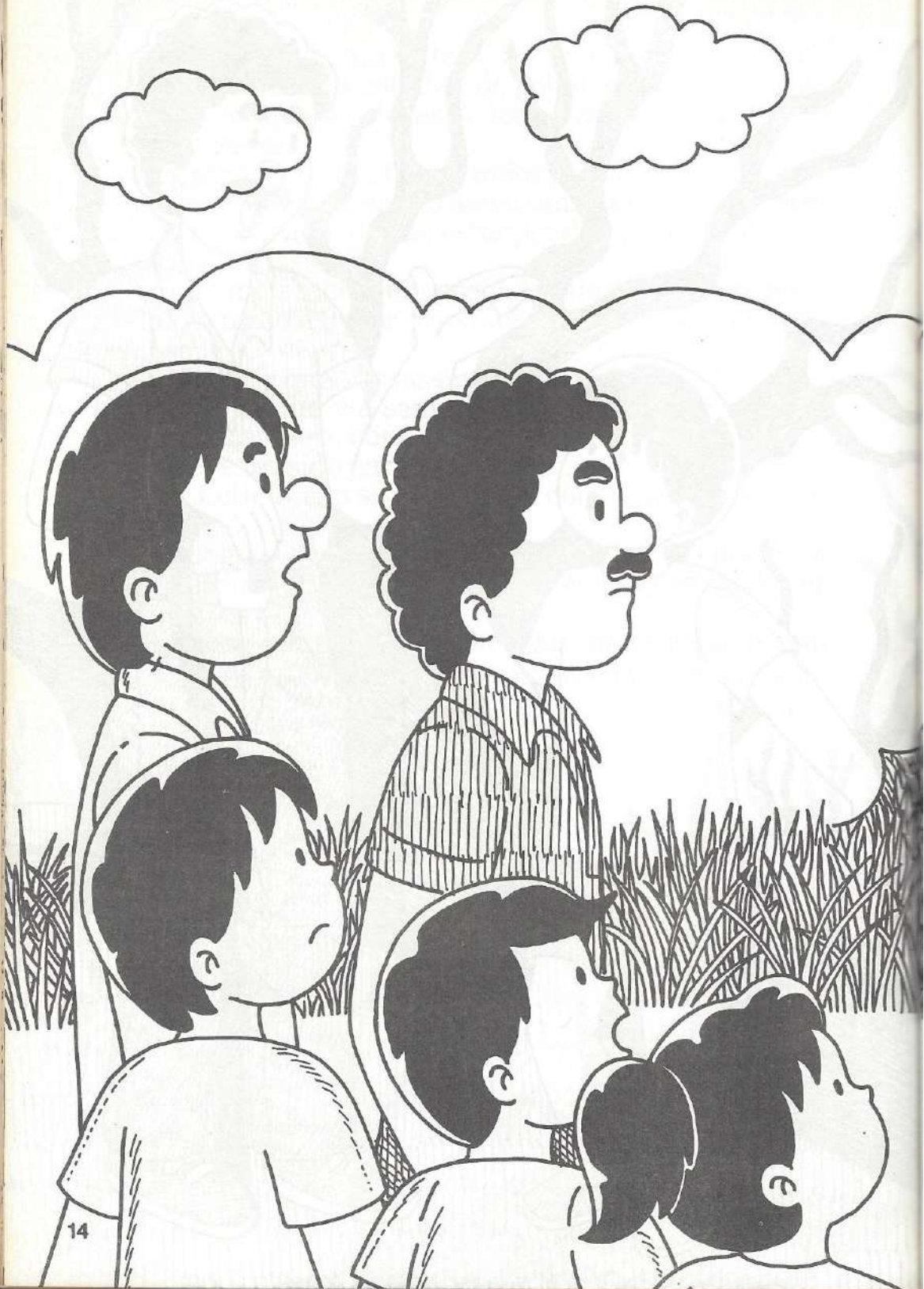
Mas Leticia não se conformou com aquele “assassinato”.

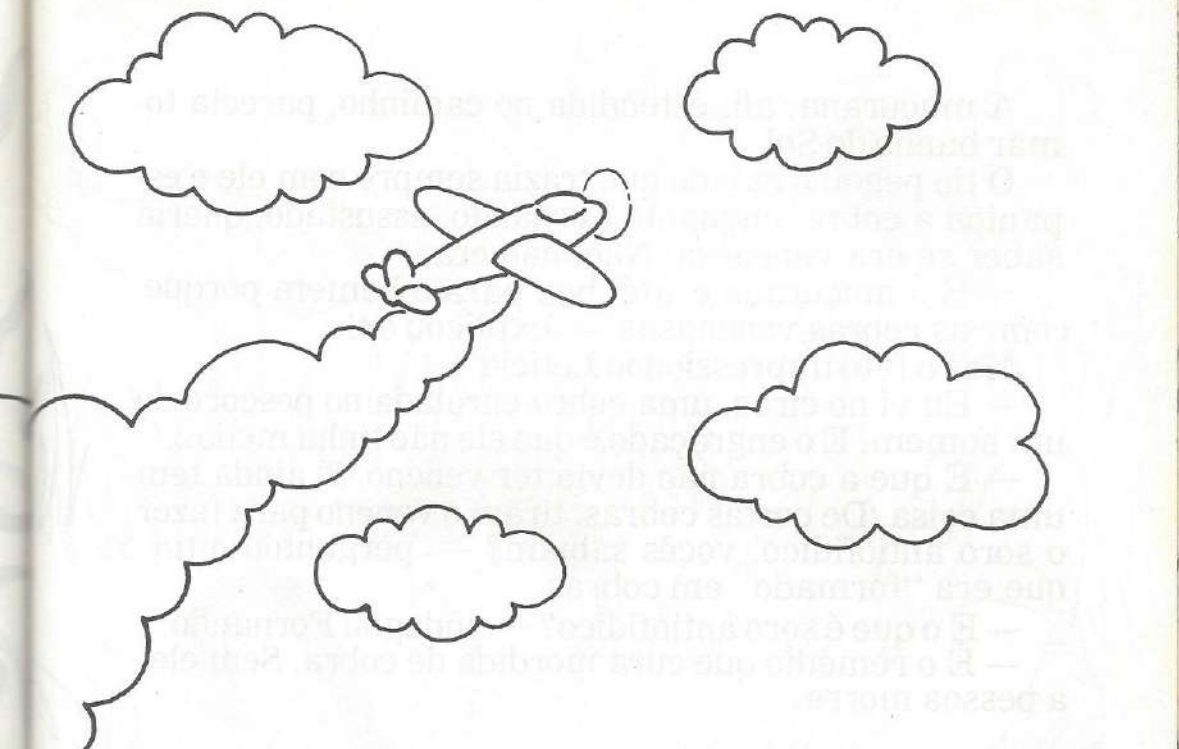
— Garanto que se perguntassem ao boi se ele queria isso, ele diria: NÃO! — falou a menina pelo boi e por ela mesma.

— Ainda mais que a árvore nos dá oxigênio e sem oxigênio não podemos viver — observou Fernando, dando uma de sabichão.









De repente, ouviram o ronco de um avião que jogava uma espécie de pó sobre a plantação de arroz.

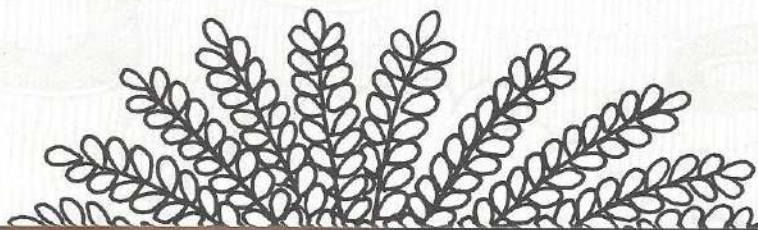
Os meninos não entenderam. Avião ali, para quê?

O pai teve que explicar: era inseticida para matar os bichos que dão no arrozal. Mas é preciso muito cuidado para não botar demais. Pode prejudicar o homem que vai comer o arroz. É tóxico.

Mas todo passeio tem que ter uma aventura e é isso que vamos ver, agora.

Ao entrar numa clareira, Fernando que ia na frente, sentiu o braço do tio puxá-lo com força para trás. Num repelão.

— Cuidado, Fernando! Olhe a cobra!



A muçurana, ali, estendida no caminho, parecia tomar banho de Sol.

O tio pegou o cajado que trazia sempre com ele e espantou a cobra, enquanto Fernando, assustado, queria saber se era venenosa. Não, não era.

— E a muçurana é até boa para o homem porque come as cobras venenosas — explicou o tio.

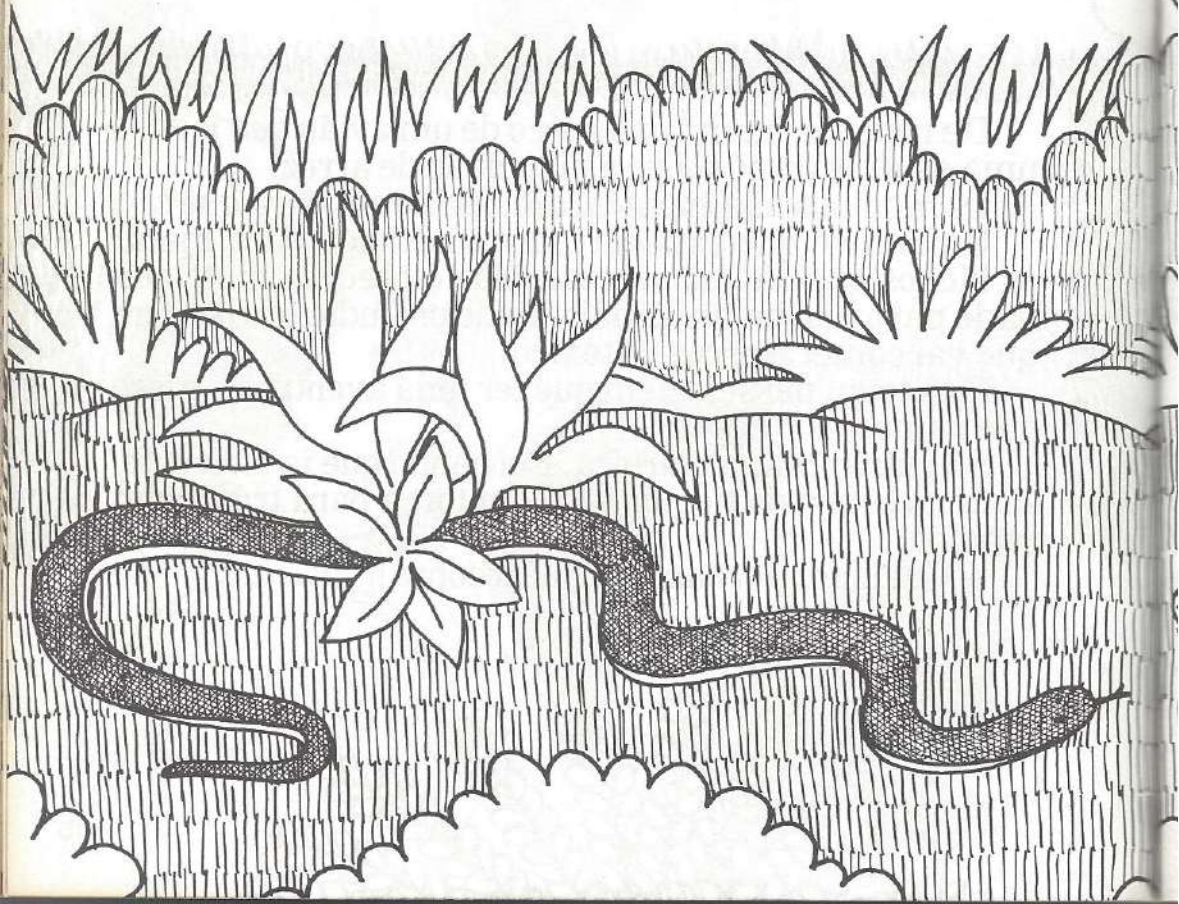
Mas o fato impressionou Letícia.

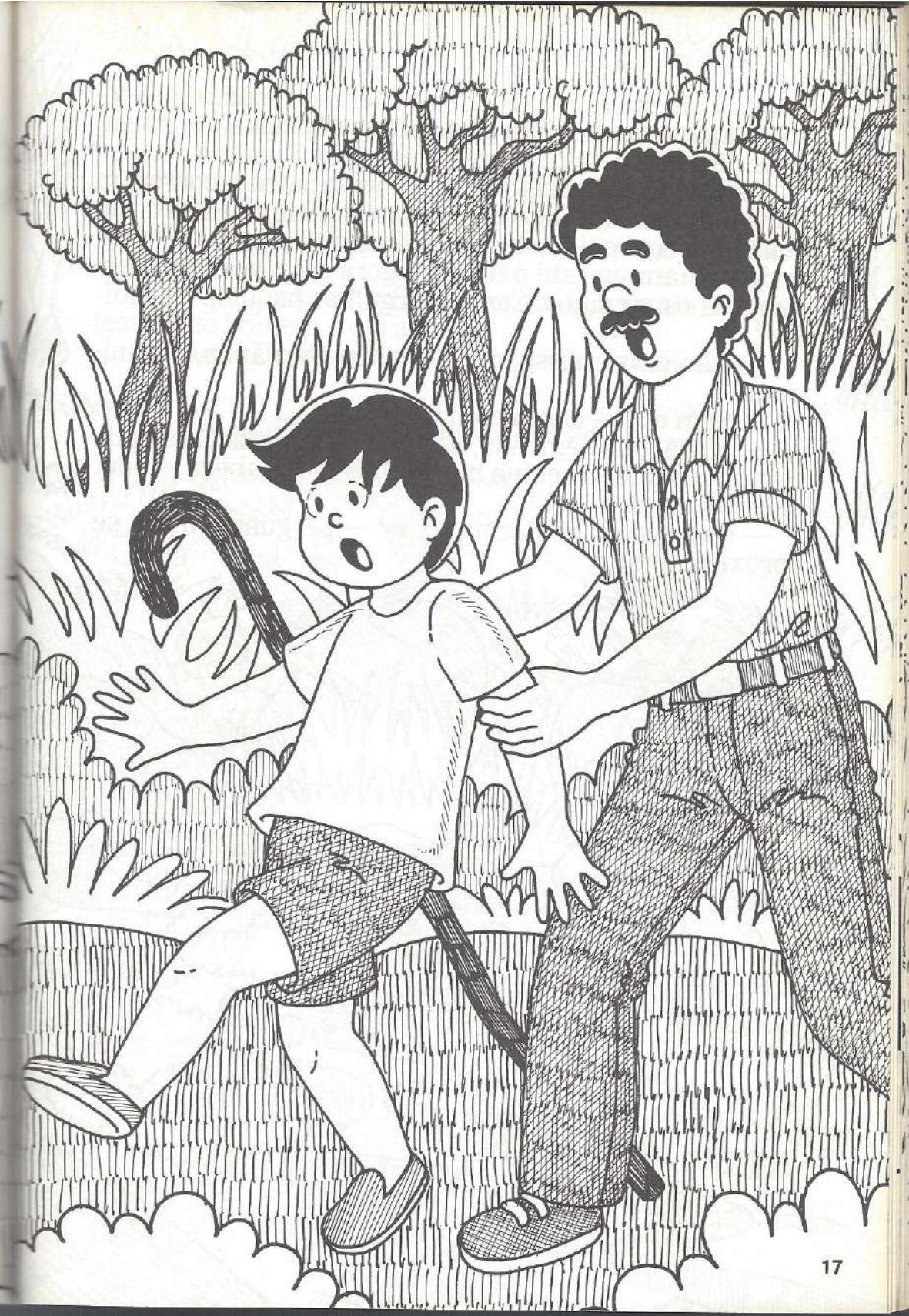
— Eu vi no circo, uma cobra enrolada no pescoço de um homem. E o engraçado é que ele não tinha medo...

— É que a cobra não devia ter veneno. E ainda tem uma coisa. De certas cobras, tiram o veneno para fazer o soro antiofídico, vocês sabiam? — perguntou o tio que era “formado” em cobras.

— E o que é soro antiofídico? — indagou Fernando.

— É o remédio que cura mordida de cobra. Sem ele, a pessoa morre.





Mas lá estava o rio onde os meninos esperavam tomar aquele banho. Tão gostoso que não dava mais vontade de sair.

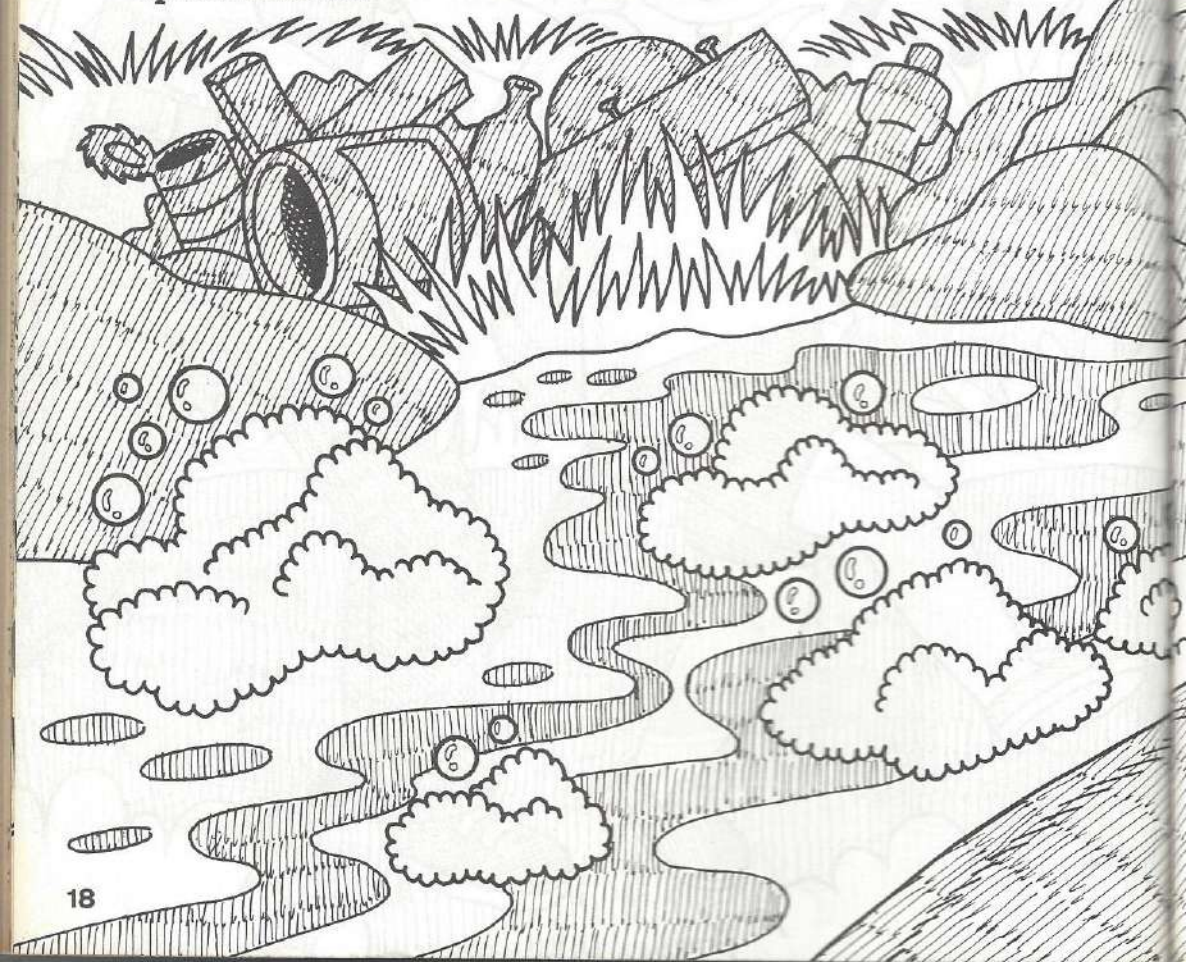
Fernando e Rodrigo tiraram os sapatos e correram para a água. Mas logo recuaram. Aquele não era o rio, seu velho conhecido, de águas límpidas e transparentes onde podiam ver até o fundo, agora suja, barrenta, espantava os meninos. Como mergulhar naquela imundície?

— Não entro nesse rio! — gritou Fernando, desanimado.

— Nem eu! — completou Rodrigo.

— Você também não, Leticia — avisou Fernando com medo que a menina mergulhasse de cabeça e tudo, naquela sujeira.

— O que aconteceu com o rio? — perguntou o pai, se aproximando.



— Ah! nem fale — lamentou o tio. O rio está morrendo. Os resíduos das fábricas, o esgoto das casas, e toda a sujeira são jogados nele. Virou depósito de lixo.

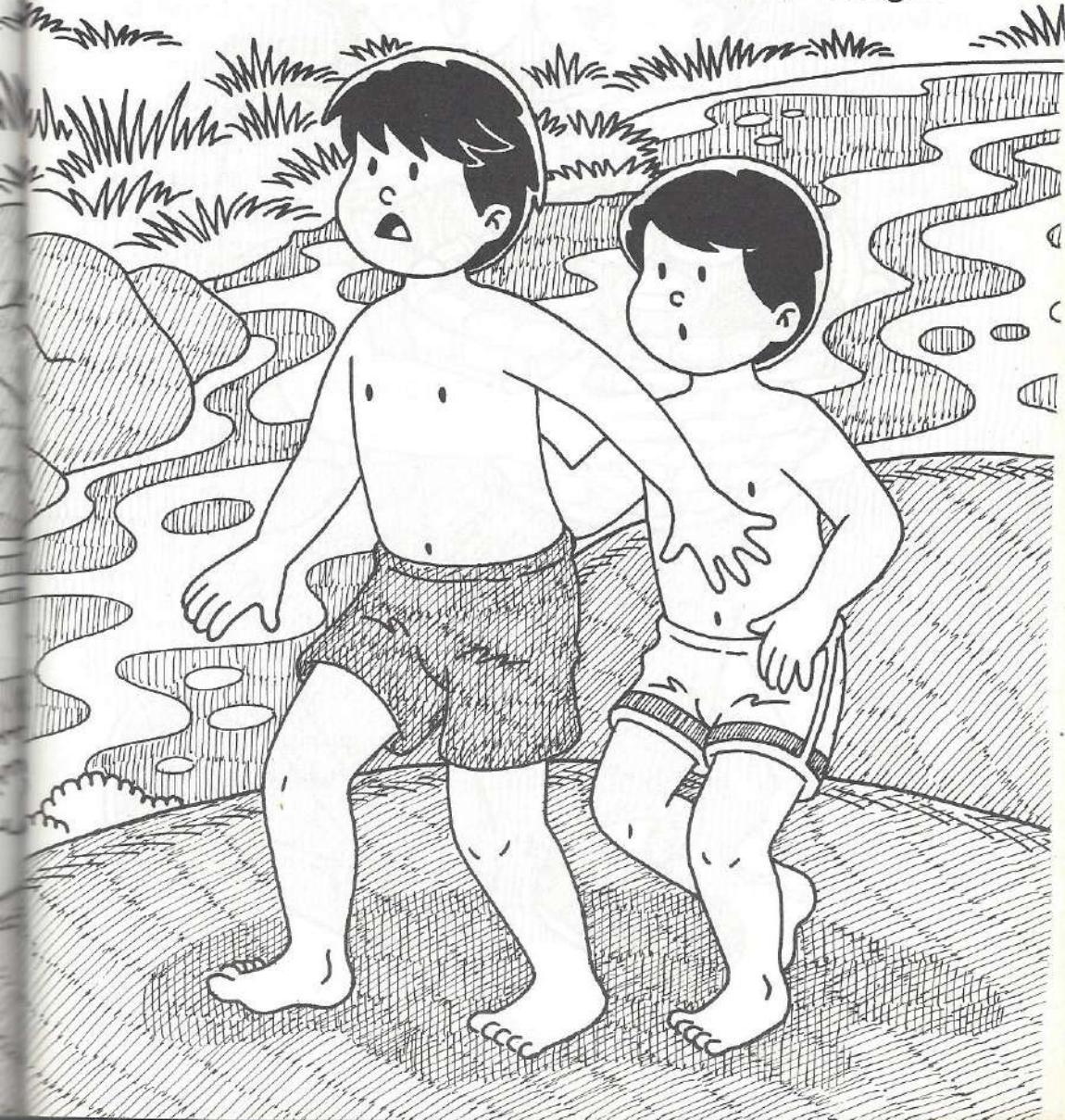
— Então, é um perigo tomar banho aqui!

— É, está cheio de ameba e esquistossomo.

— Que nome esquisito! Que é isso? — perguntou Fernando, curioso.

— Esquistossomo? É um verme que se aloja no intestino do homem e ele adocece.

— Hum...Deus me livre! Vamos embora, Rodrigo.





Já estava ficando tarde e era preciso voltar para o sítio. Aí encontraram uma surpresa para compensar a frustração do rio: mamão, banana, maçã, goiaba, era só escolher.

O tio foi lá dentro e veio com uma cesta cheia de frutas e potes de geléia. Entregou à Leticia, que toda contente, deu um beijo no tio. Este tinha uma queda pela menina. Mas Fernando e Rodrigo não se incomodavam. Alguma coisa sobraria para eles. Era fruta demais para a garota.

— Vamos, crianças!

Brincalhão e meio poeta, o pai, puxando os meninos pela mão, dançou com eles no meio da sala. Recitou uma quadrinha popular:

“Vamos dar a despedida
Como deu o bacurau,
Uma perna no caminho,
Outra no galho do pau”.

Só que o pau era o automóvel, ali à espera, na frente da casa. Todos se despediram do tio e a família embarcou.

Além do sono, os meninos voltaram meio tristes. Não podiam tirar da cabeça aquele rio morrendo e o homem sem nada fazer. Também a praia com aquela sujeira... Coisa horrível era a poluição. Será que não havia um jeito de acabar com isso?

Foi quando Leticia se lembrou da história da velha que limpava o céu e deixou a lua e as estrelas sem nenhum sujinho.

— Sabe de uma coisa, Nando? Vou procurar aquela velha da história da Maria Lúcia e pedir pra ela me ajudar a limpar a Terra. Não vou deixar mais nenhum cisquinho.

— E eu ajudo você! — disse Rodrigo, todo animado.

Fernando, que já não acreditava em velhas fantásticas, passeando pelo céu, só fez dar um muxoxo e se encolheu para dormir.

Com o balanço do carro, o sono veio devagarinho e Leticia sonhou com a vassoura da velha e o espanador. Ambos eram mágicos. Só em passá-los na praia, o mar ficou brilhante e a areia limpinha.

O rio, também, claro e transparente. Tudo voltou ao que era antes e a menina ficou contente.

Muito contente.

*O livro "Lava terra, lava céu, a velha de deus em deus", citado nesta história, é de Maria Lúcia Amaral.



TRABALHANDO A NOSSA HISTÓRIA ...

1. Gostou da história? O que você pensa sobre o passeio de Fernando, Rodrigo e Letícia?
2. As crianças gostaram das quadrinhas do livro "Lava terra, lava céu, a velha de déu em déu", que a tia leu para elas:

“ A lua de tanto andar
Fez um caminho no céu
Eu conheço meu amor
Pela copa do chapéu ”.

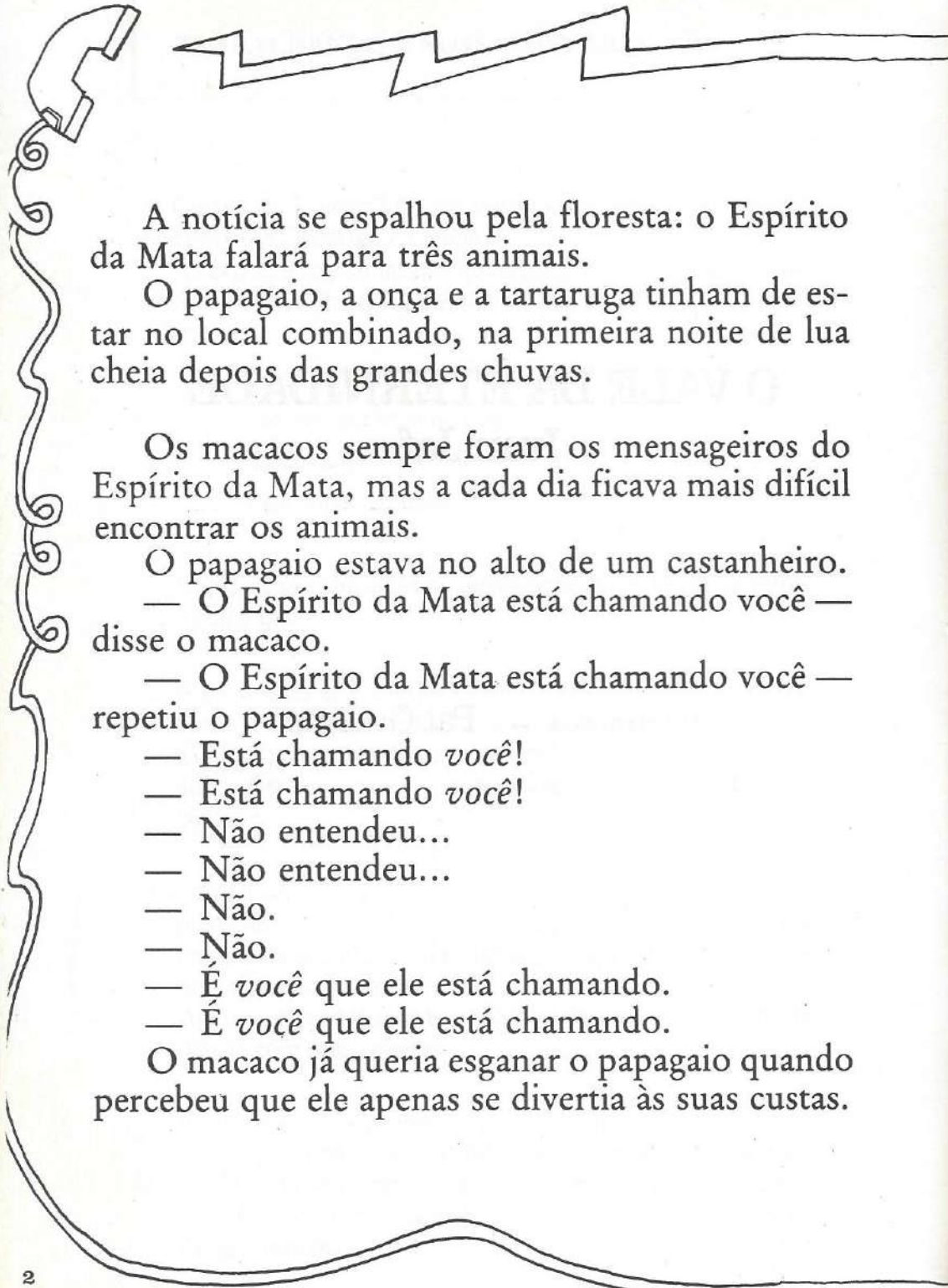
Copie estas quadrinhas no seu caderno, mas descubra outras e copie também.

3. A professora sugeriu que você fizesse um passeio com sua família, na praia, no parque ou em outro lugar.
Continue trabalhando no seu caderno e escreva frases que contem o que você viu nesse passeio. Faça um desenho, também.
4. Você e seus colegas devem procurar muitas notícias sobre poluição e meio ambiente. Veja em jornais, revistas e traga para a sala de aula. Com a orientação do professor, você vai organizar um jornal-mural.
Agora que você já sabe tanto sobre este assunto, participe do debate com seus colegas.
5. Forme pequenos grupos com seus colegas. Crie, com eles, regras e avisos sobre medidas que se podem tomar para corrigir os problemas encontrados pelos amiguinhos da história de nosso livro e também para os que você encontrou no passeio que fez.

O VALE DA ETERNIDADE

Ivan Jaf

Ilustrações — Pat Gwinner



A notícia se espalhou pela floresta: o Espírito da Mata falará para três animais.

O papagaio, a onça e a tartaruga tinham de estar no local combinado, na primeira noite de lua cheia depois das grandes chuvas.

Os macacos sempre foram os mensageiros do Espírito da Mata, mas a cada dia ficava mais difícil encontrar os animais.

O papagaio estava no alto de um castanheiro.

— O Espírito da Mata está chamando você — disse o macaco.

— O Espírito da Mata está chamando você — repetiu o papagaio.

— Está chamando *você!*

— Está chamando *você!*

— Não entendeu...

— Não entendeu...

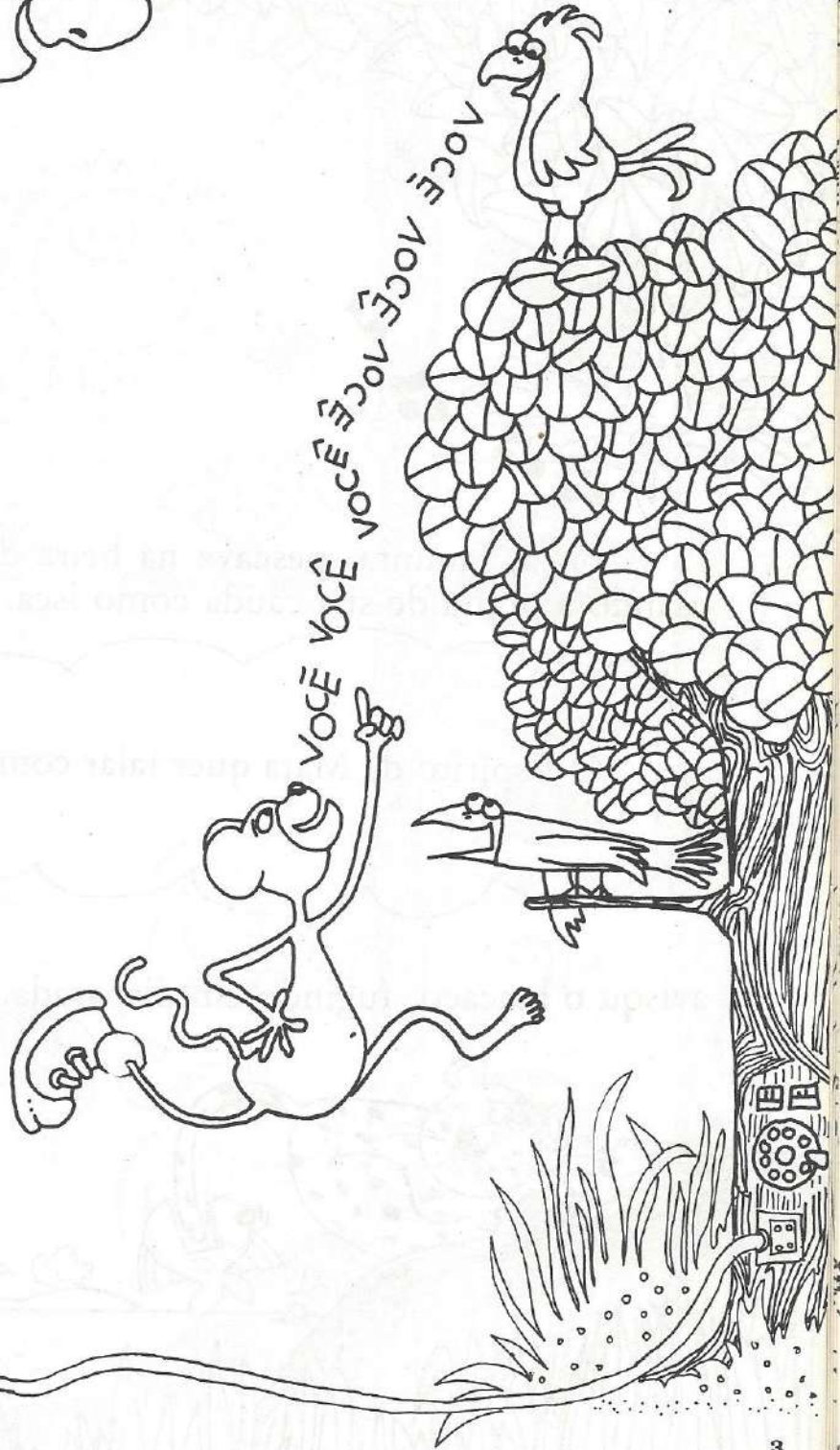
— Não.

— Não.

— É *você* que ele está chamando.

— É *você* que ele está chamando.

O macaco já queria esganar o papagaio quando percebeu que ele apenas se divertia às suas custas.

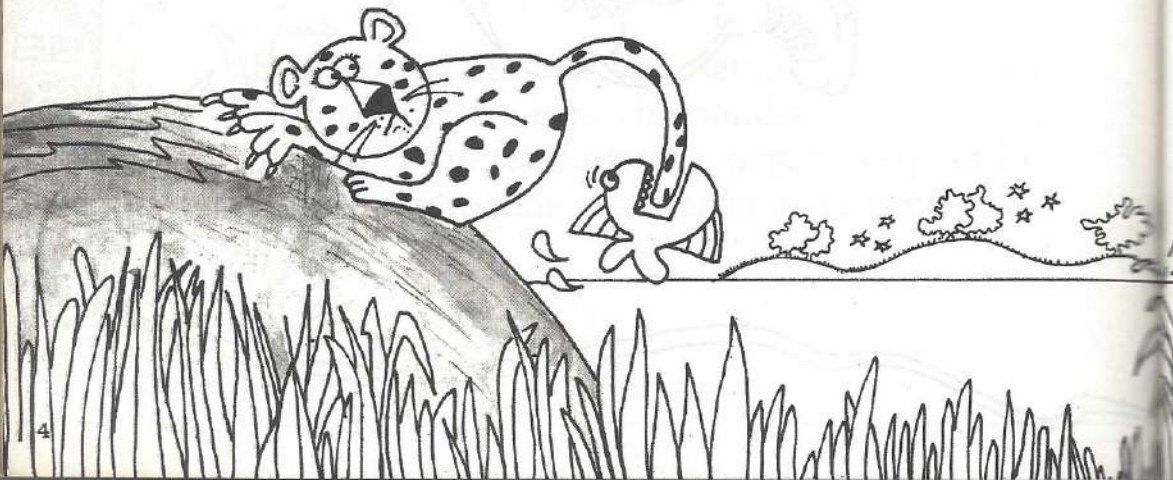


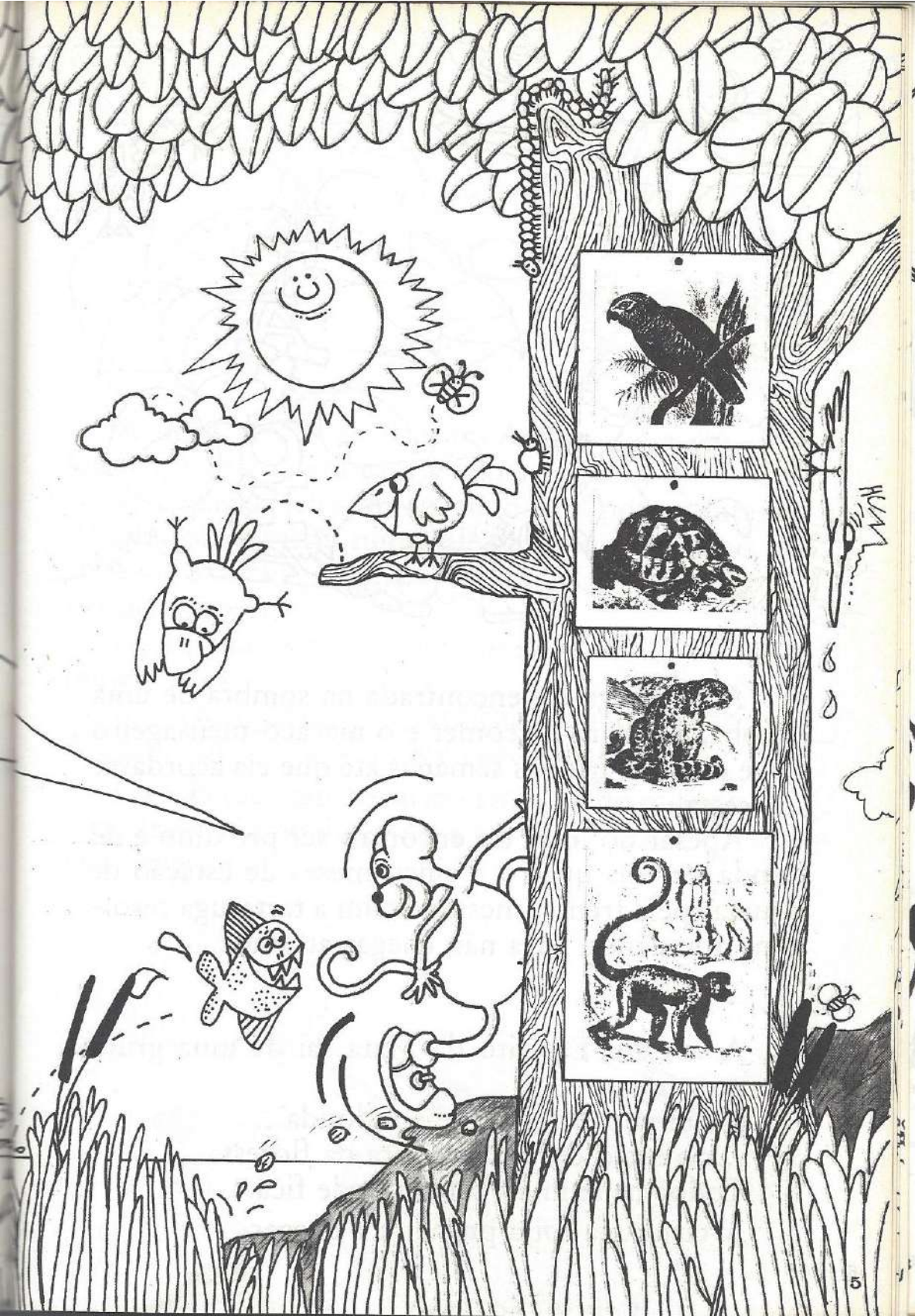


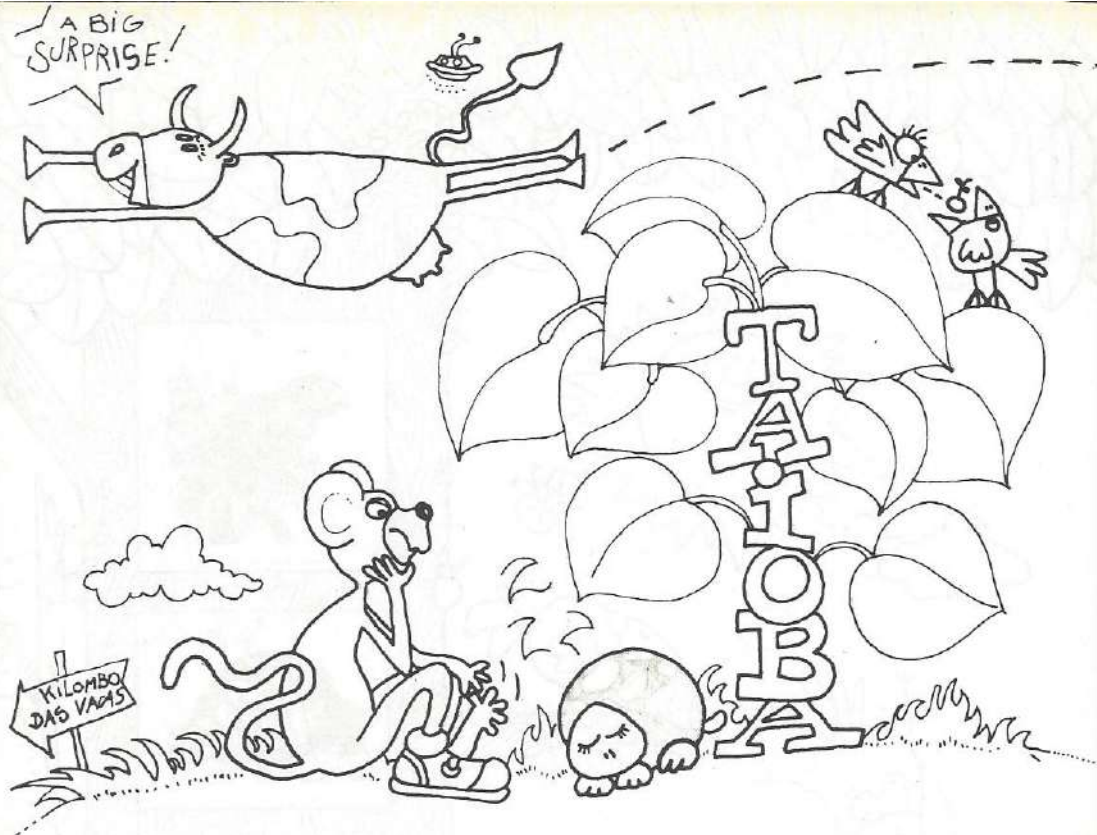
A onça, faminta, pescava na beira de um rio usando a ponta de sua cauda como isca.

O Espírito da Mata quer falar com você

avisou o macaco, fugindo em disparada.







A tartaruga foi encontrada na sombra de uma taioba. Acabara de comer e o macaco-mensageiro teve de esperar duas semanas até que ela acordasse da sesta.

Apesar do local do encontro ser próximo e de ainda ter uns quatro a cinco meses de estação de chuvas pela frente, mesmo assim a tartaruga resolveu ir andando para não chegar atrasada.

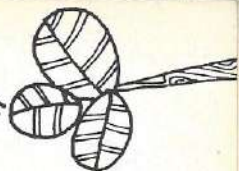
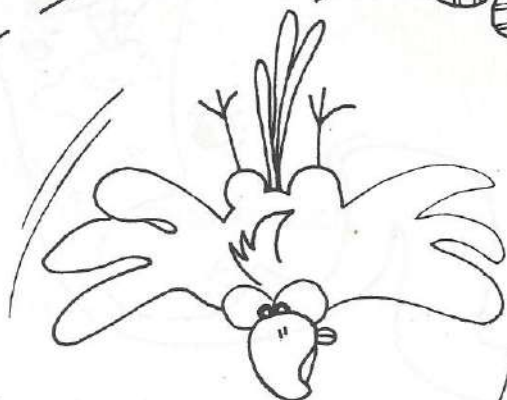
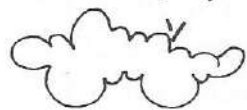
A voz do Espírito da Mata sai de uma gruta muito antiga...

...numa pedra grande e redonda...

...no meio de uma clareira da floresta.

Todos os animais sabem onde fica.

A tartaruga foi a primeira a chegar.



A onça veio logo depois. Assim que a viu, a tartaruga entrou em casa e não saiu mais.

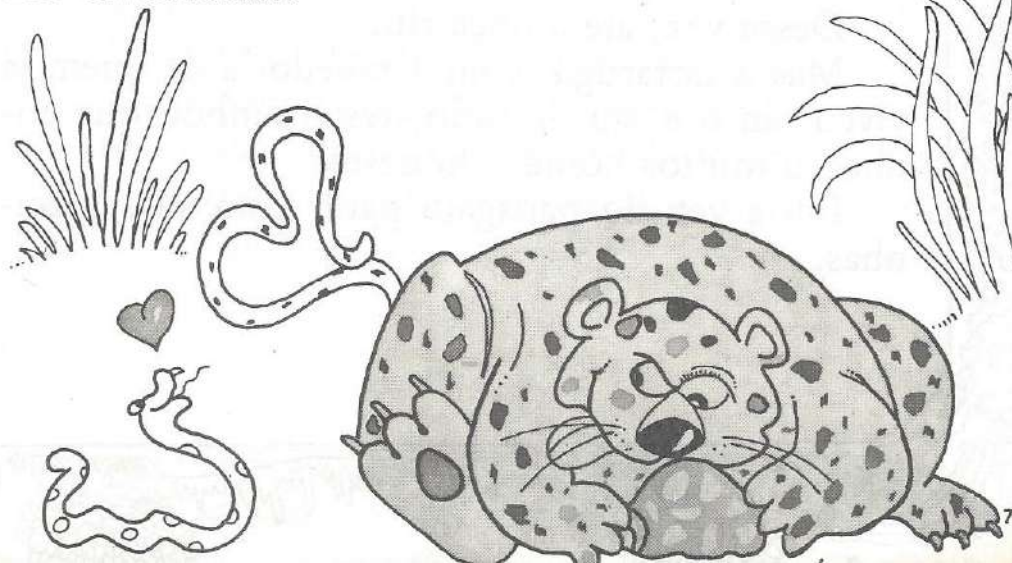
O papagaio chegou atrasado, um pouco antes de anoitecer. Ficou num galho muito alto e fino.

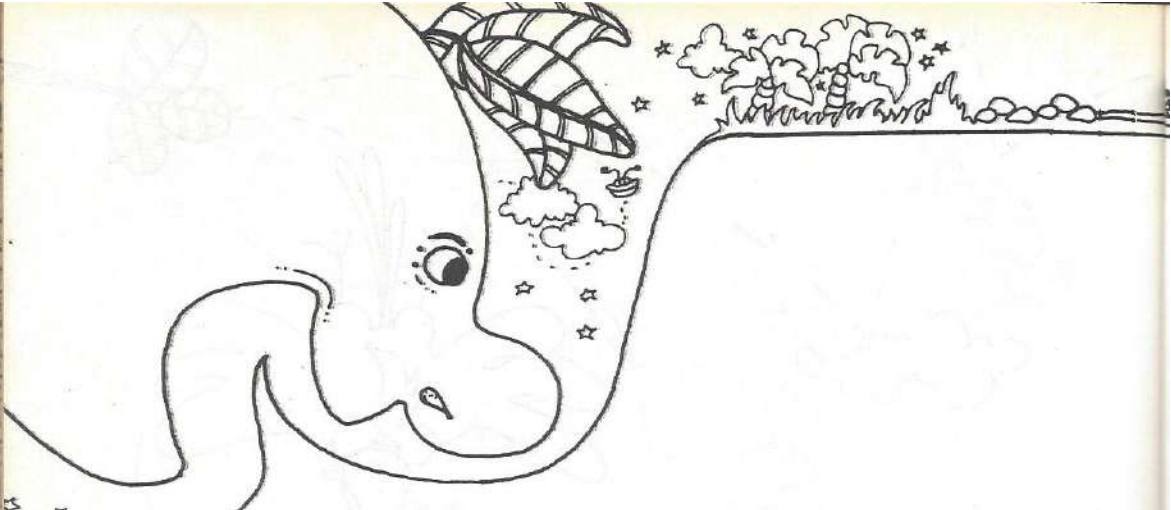
— Pode chegar perto — disse a onça —, acabei de almoçar.

— É, mas pode estar querendo uma sobremesa.

De dentro da casca, a tartaruga deu uma risada. A onça, furiosa, a virou de cabeça para baixo.

Os três estavam assim se estranhando quando a terra tremeu e ouviu-se uma voz na floresta. Uma voz cavernosa...





A MISSÃO

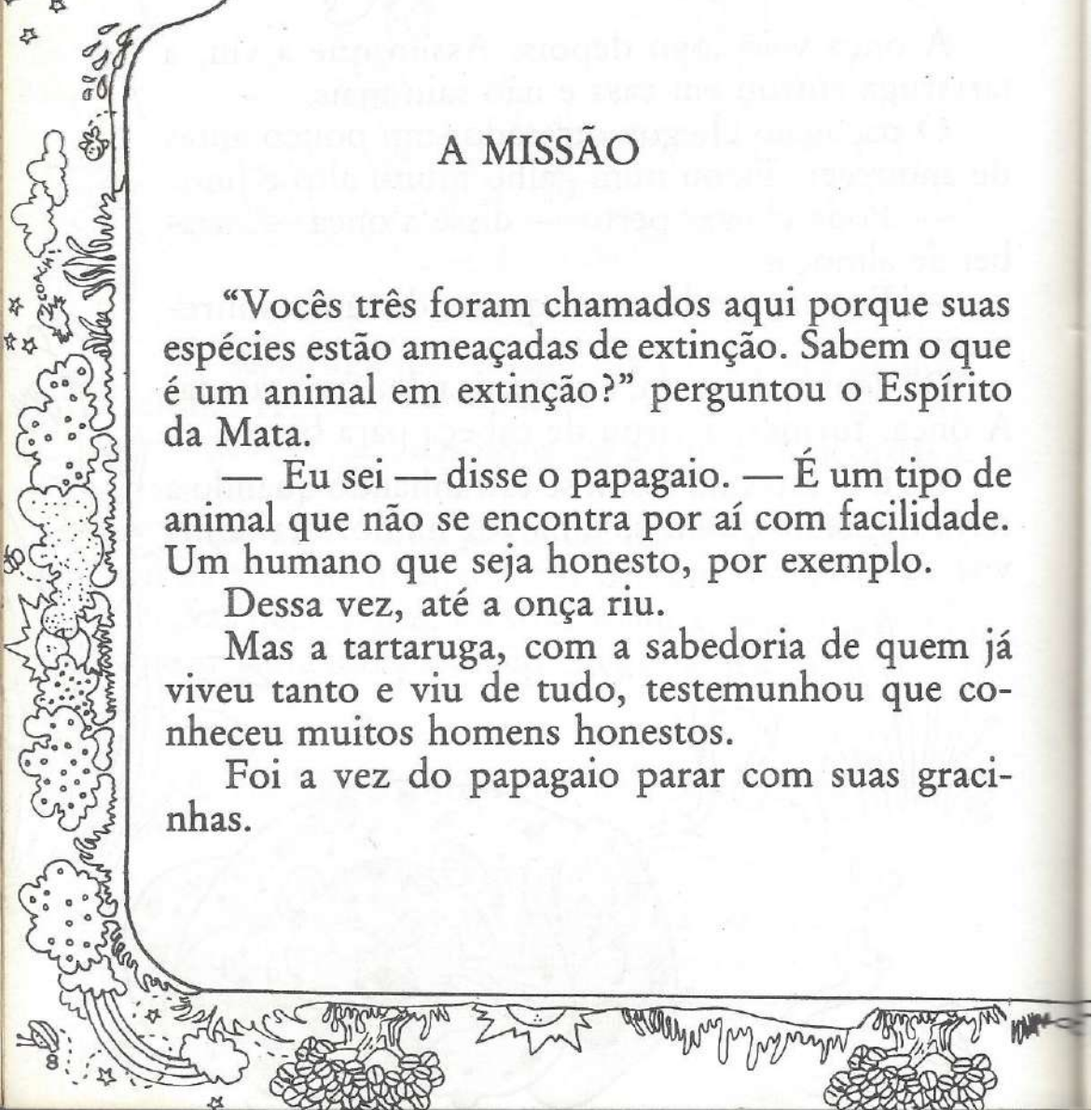
“Vocês três foram chamados aqui porque suas espécies estão ameaçadas de extinção. Sabem o que é um animal em extinção?” perguntou o Espírito da Mata.


— Eu sei — disse o papagaio. — É um tipo de animal que não se encontra por aí com facilidade. Um humano que seja honesto, por exemplo.

Dessa vez, até a onça riu.

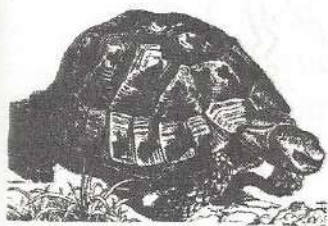
Mas a tartaruga, com a sabedoria de quem já viveu tanto e viu de tudo, testemunhou que conheceu muitos homens honestos.

Foi a vez do papagaio parar com suas gracinhas.





Falou o Espírito da Mata:
“Os humanos estão destruindo tudo.
Envenenam o ar.
Queimam as árvores.
Sujam a terra.
Poluem as águas.




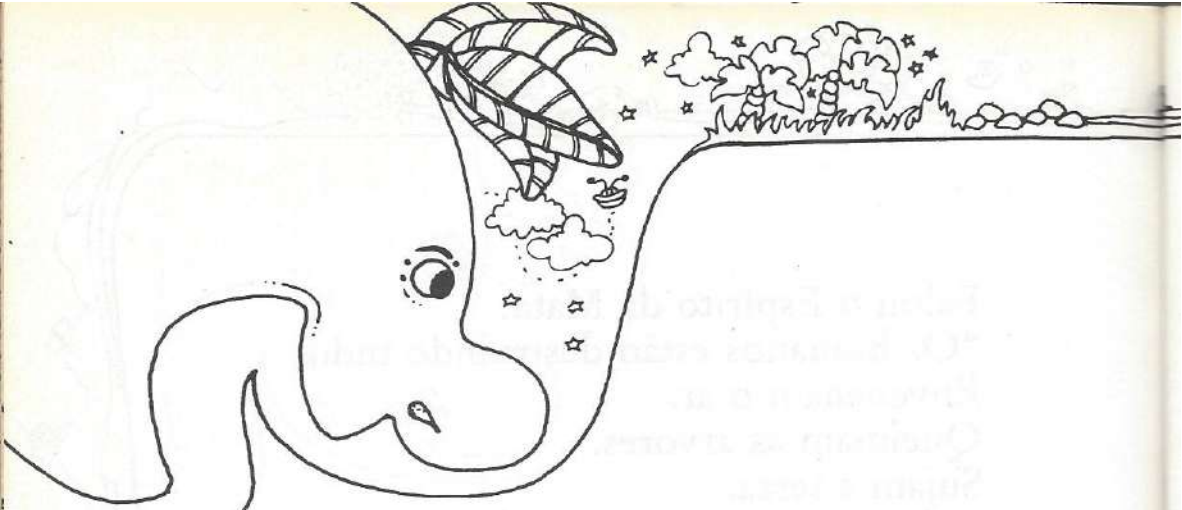
Das tartarugas querem a carne, o óleo, a casca, os ovos.

Das onças, a pele, os dentes, as garras.

Os papagaios, querem prender em gaiolas.

E mesmo que não matassem ou aprisionassem, estão destruindo as florestas; e sem as florestas vocês morrem”.





— É por isso que estou custando a encontrar uma namorada. Quase não tem papagaia por aí. Pensei que o problema fosse só comigo...

— Shhi... — cortou a tartaruga.



O Espírito da Mata continuou:

“Vocês foram escolhidos como os primeiros representantes dos animais. Terão uma missão muito importante. Eu quero que alcancem o Vale da Eternidade. Futuramente, outros os seguirão para continuar a reprodução de suas espécies e, um dia, poderem novamente se espalhar pelo mundo.

Mas, para chegarem lá, terão de passar pela terra dos Cléus. Os Cléus são humanos terríveis, de um olho só, bem no meio da testa, e muito piores para os animais e o mundo em geral do que os humanos normais, de dois olhos.

Os Cléus espalham seus arames farpados por todo lado, queimam a mata, matam os bichos, represam e sujam as águas dos rios.



A VIAGEM

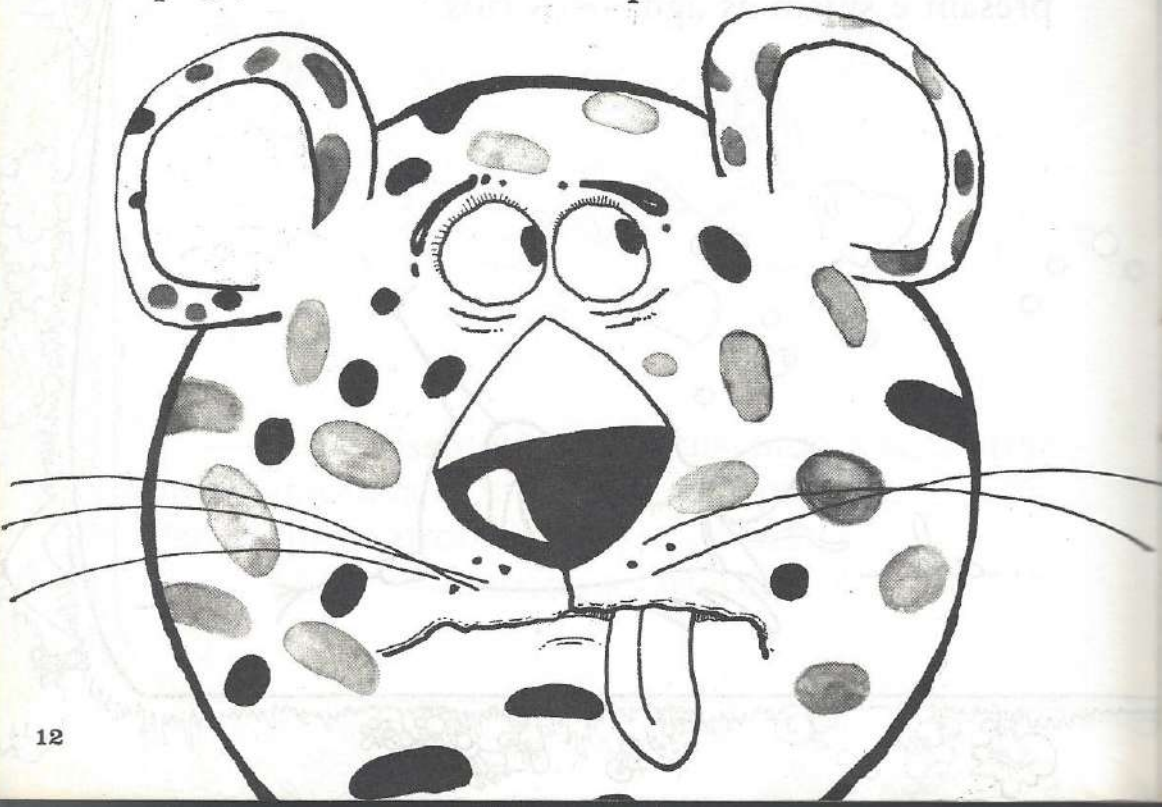
O início da viagem foi meio complicado.

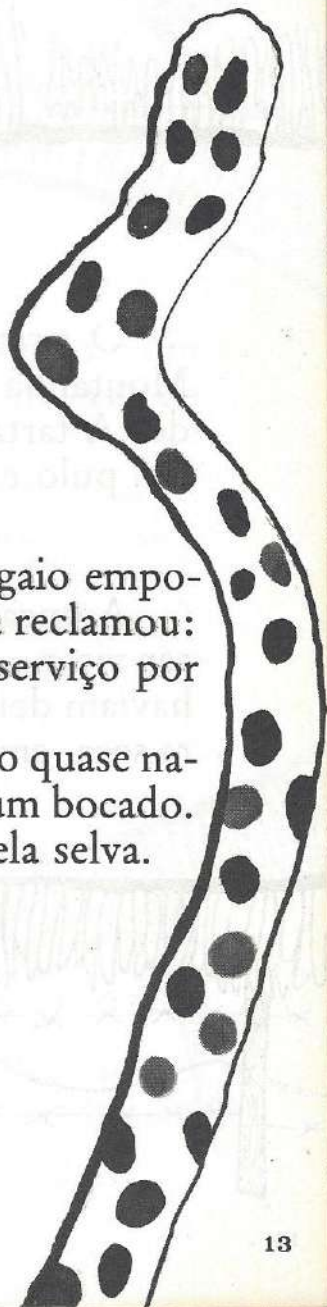
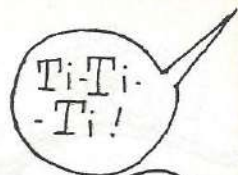
Ninguém confiava na onça. Por isso, a tartaruga não queria sair de casa, e o papagaio não descia do galho. Discutiram muito até chegarem à conclusão de que só com a união dos três atravessariam a Montanha dos Cléus.

Mas ainda havia um outro problema.

A tartaruga era lenta demais para acompanhar a onça. O papagaio voava e se perdia dos outros. A onça tinha a mania de andar se esgueirando pelas sombras e em silêncio, e não podia ser seguida.

Foi o papagaio quem encontrou a solução: arranjou um cipó comprido. A onça mordeu numa ponta e a tartaruga, de cabeça para baixo, mordeu na outra ponta. Dessa maneira, a onça que andava rápido, ia arrastando a companheira.



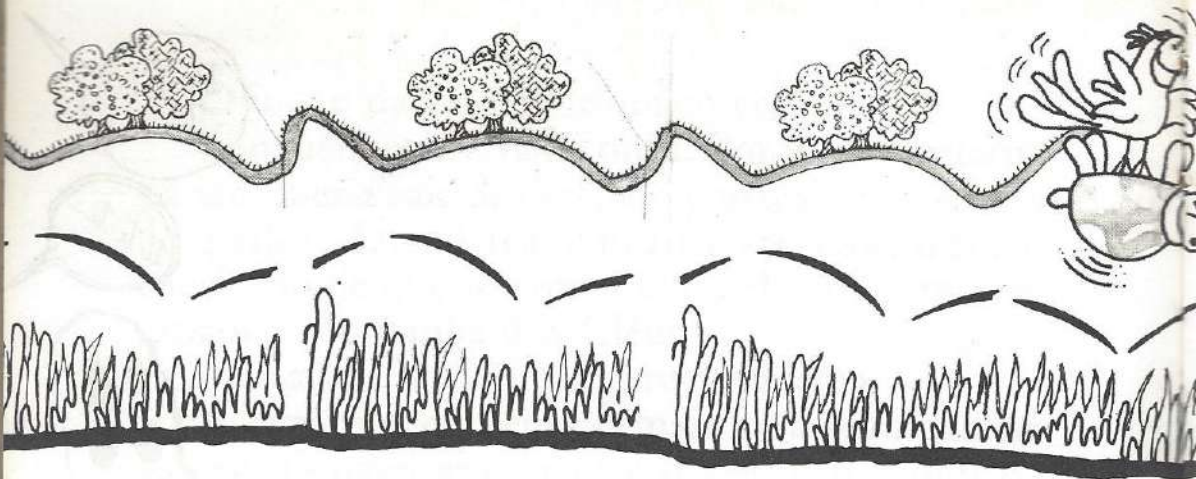


Depois de tudo arranjado, o papagaio empo-
leirou-se no casco da tartaruga. A onça reclamou:

— Então sou eu que faço todo o serviço por
aqui?!

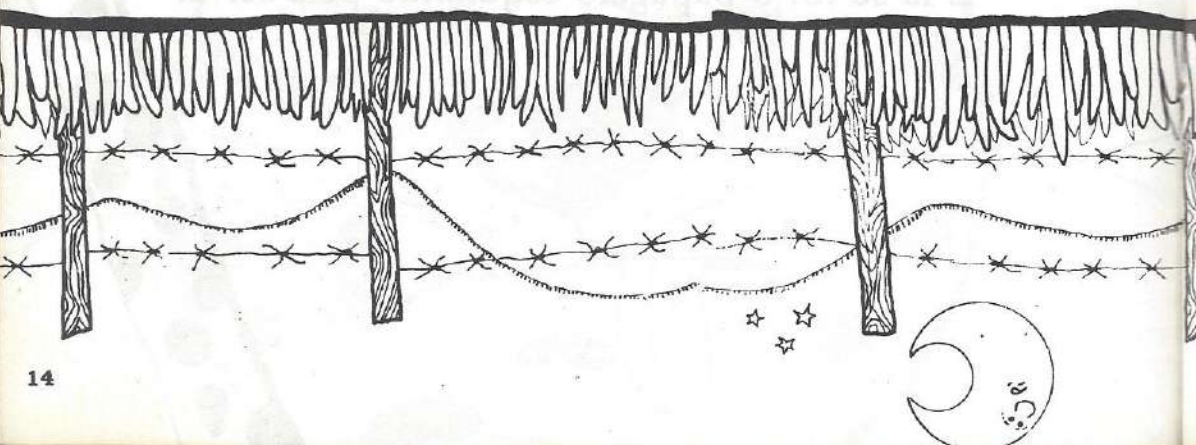
— Não seja implicante. Eu não peso quase na-
da... e, pra falar a verdade, voar cansa um bocado.

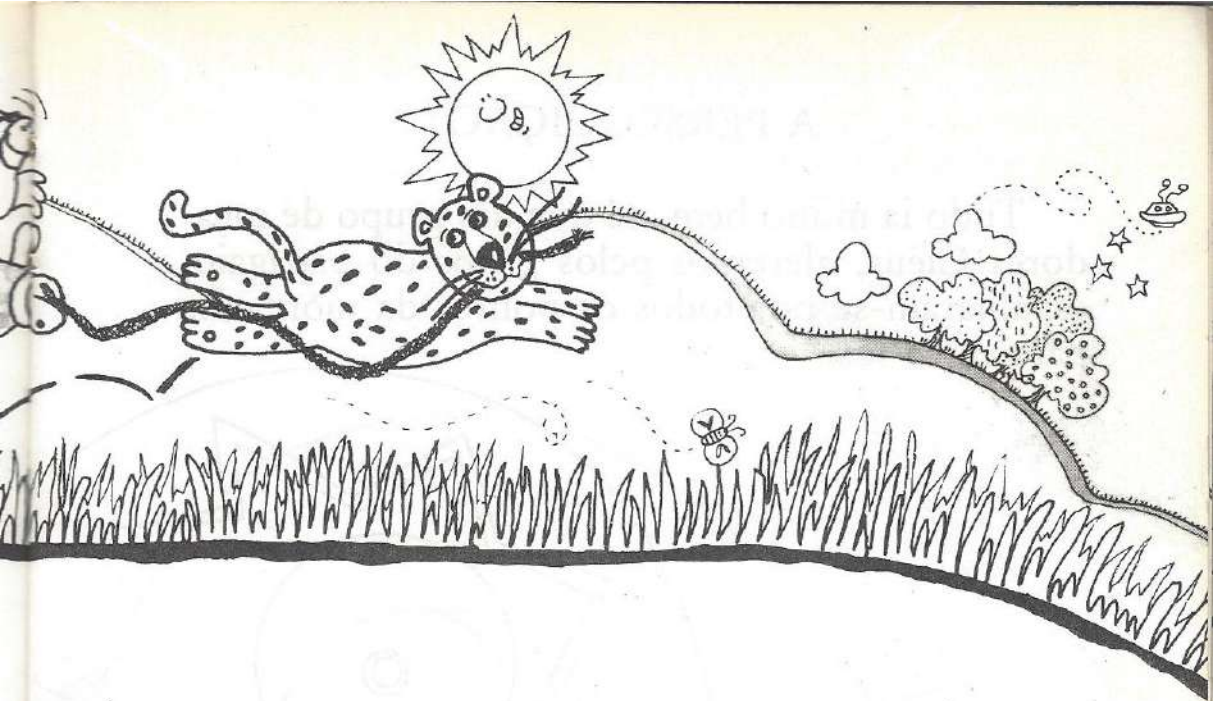
E lá se foi o papagaio esquiando pela selva.



O primeiro sinal de que haviam chegado à Montanha dos Cléus foi uma cerca de arame farpado. A tartaruga se arrastou por baixo, a onça deu um pulo e o papagaio passou voando.

A onça era muito boa em andar pelo mato sem ser vista... mas ali não tinha mato. Os Cléus não haviam deixado uma só moita de pé. Era tudo terra seca, empoeirada. A onça não sabia o que fazer.



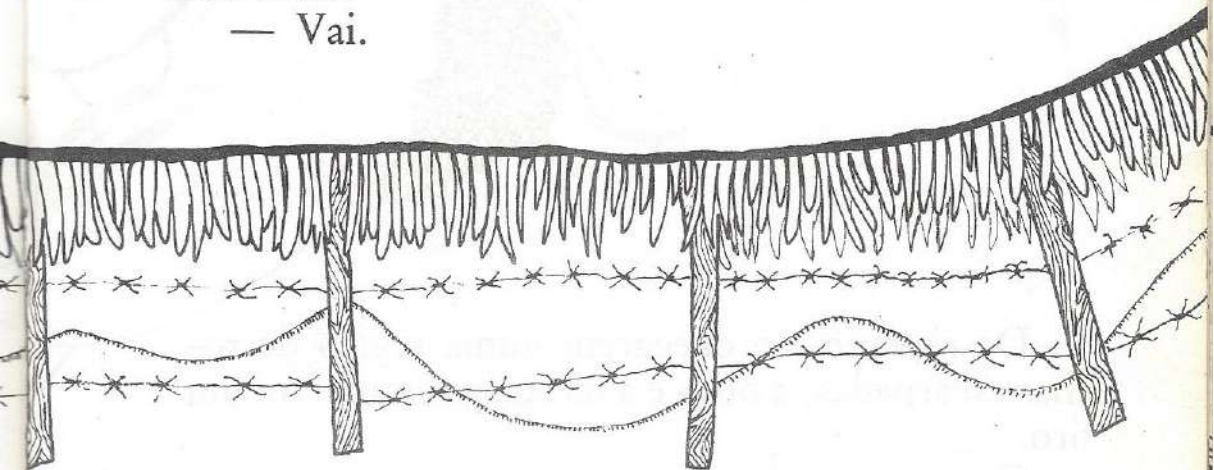


— Se eu andar por aí nesse descampado, com essa pele toda colorida, os Cléus vão me ver de longe.

— Acho que tenho a solução — disse a tartaruga. — O papagaio vai no alto, voando, voando, e guia a gente pelos caminhos onde os Cléus não estejam.

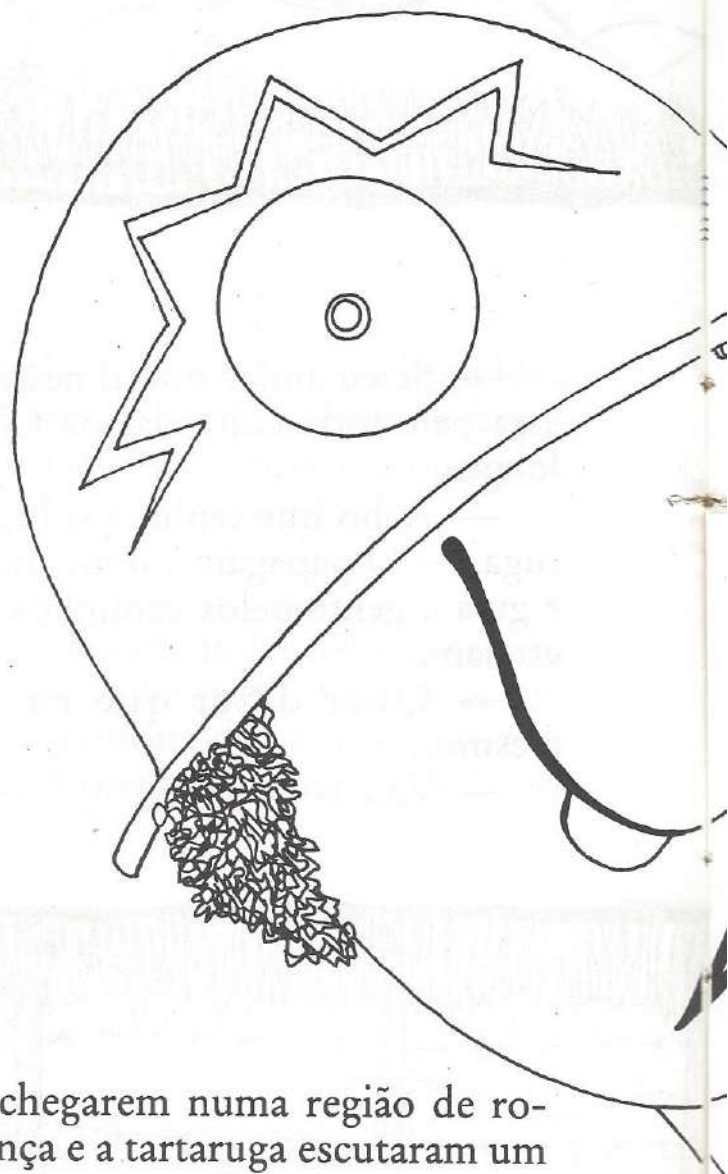
— Quer dizer que eu vou ter de voar mesmo...?

— Vai.



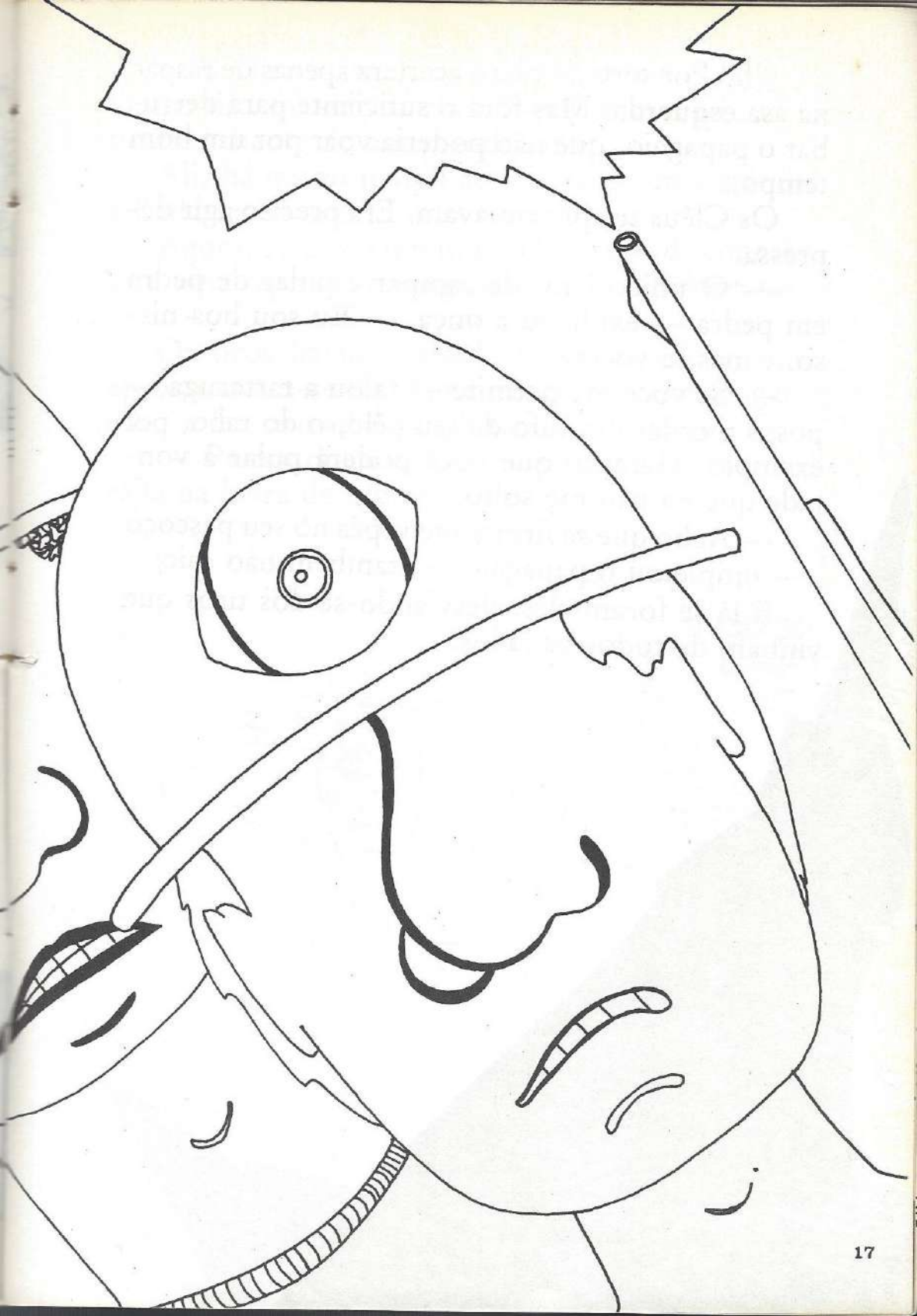
A PERSEGUIÇÃO

Tudo ia muito bem até que um grupo de caçadores Cléus, alertados pelos gritos do papagaio, espalharam-se por todos os pontos da montanha para cercá-los.



De repente, ao chegarem numa região de rochas escarpadas, a onça e a tartaruga escutaram um tiro.

O papagaio caiu.



Ufa! Por sorte, o tiro o acertara apenas de raspão na asa esquerda. Mas fôra o suficiente para derrubar o papagaio, que não poderia voar por um bom tempo.

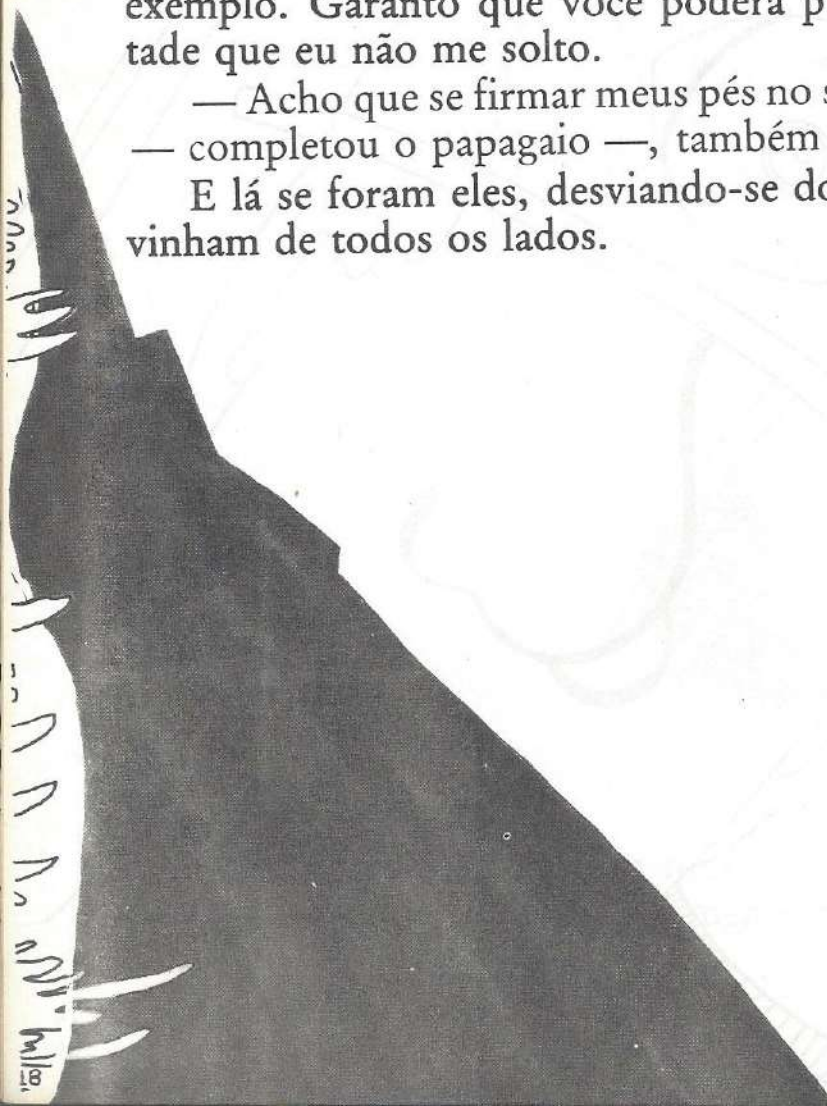
Os Cléus se aproximavam. Era preciso agir depressa.

— O único jeito de escapar é pular de pedra em pedra — explicou a onça. — Eu sou boa nisso... mas, e vocês?

— Se você me permite — falou a tartaruga — posso morder um tufo de seu pêlo, o do rabo, por exemplo. Garanto que você poderá pular à vontade que eu não me solto.

— Acho que se firmar meus pés no seu pescoço — completou o papagaio —, também não caio.

E lá se foram eles, desviando-se dos tiros que vinham de todos os lados.



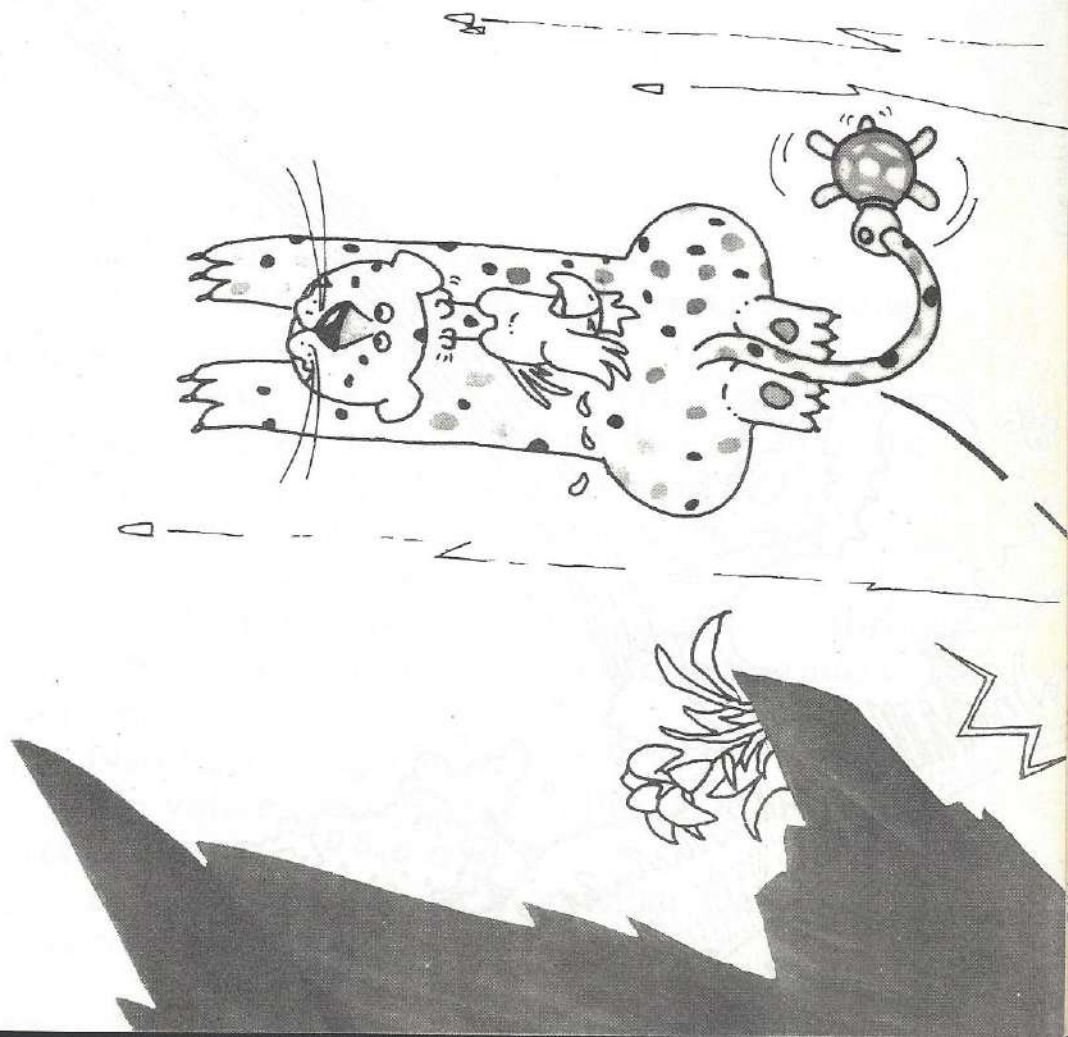
Não faltava muito para atingirem o topo da montanha, quando as rochas terminaram e os três ficaram diante de um grande lago.

Ali, há muito tempo atrás, existiu uma grande e linda cachoeira.

Agora, só havia um imenso paredão de concreto e uma represa com águas paradas e fedorentas.

Os tiros haviam atraído todos os Cléus, que aproximavam-se rapidamente, trazendo espingardas, redes, armadilhas, pesticidas...

— Parece que é nosso fim — disse a onça, parada na beira da represa.

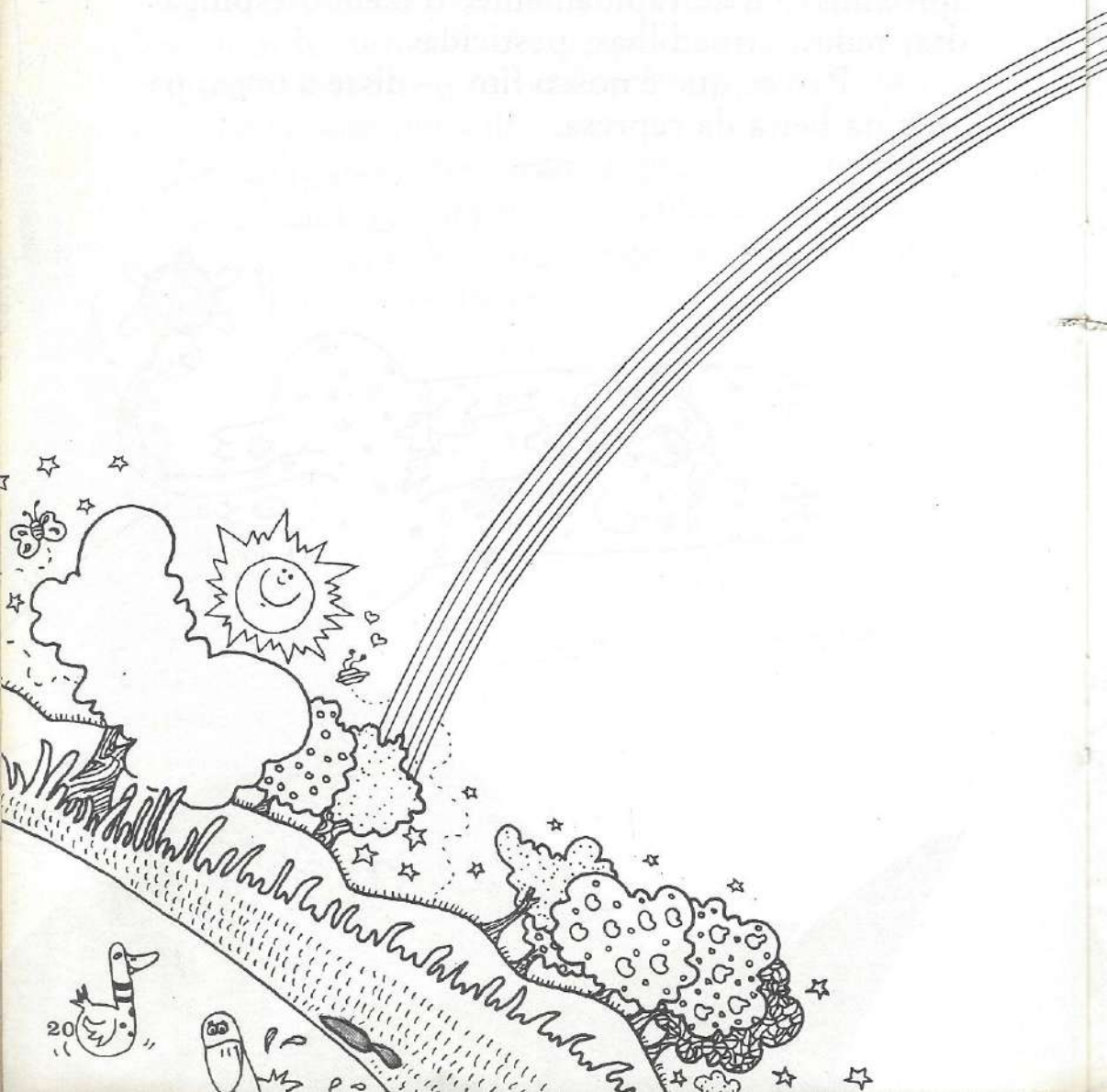


— Ainda não — gritou a tartaruga. — Suba em cima de mim. Acho que aguento com vocês.

E então a tartaruga se atirou na água.

A onça subiu em seu casco. O papagaio, arrastando a asa ferida, empoleirou-se no alto da cabeça da onça.

Fazendo uma força danada para não afundar, a tartaruga nadou para o outro lado da represa.





Lá, estava o fim das terras dos Cléus e o começo do Vale da Eternidade.

Mas os Cléus já haviam providenciado canoas. A perseguição ia continuar.

A tartaruga nadava o mais rápido que podia. Na água, ela era bem mais ágil do que em terra. Mas estava cansada. Tudo parecia perdido.

Foi então que apareceu o Arco-Iris.

Um Arco-Íris muito grande e luminoso abriu-se sobre os três animais. Do outro lado, tudo era diferente.

Não havia mais Cléus.

Em volta, árvores e o barulho familiar da floresta virgem.

Estavam no topo da montanha. Dali podiam ver o Vale da Eternidade.



Os três pararam sobre uma grande pedra redonda, para descansar e pensar na vida.

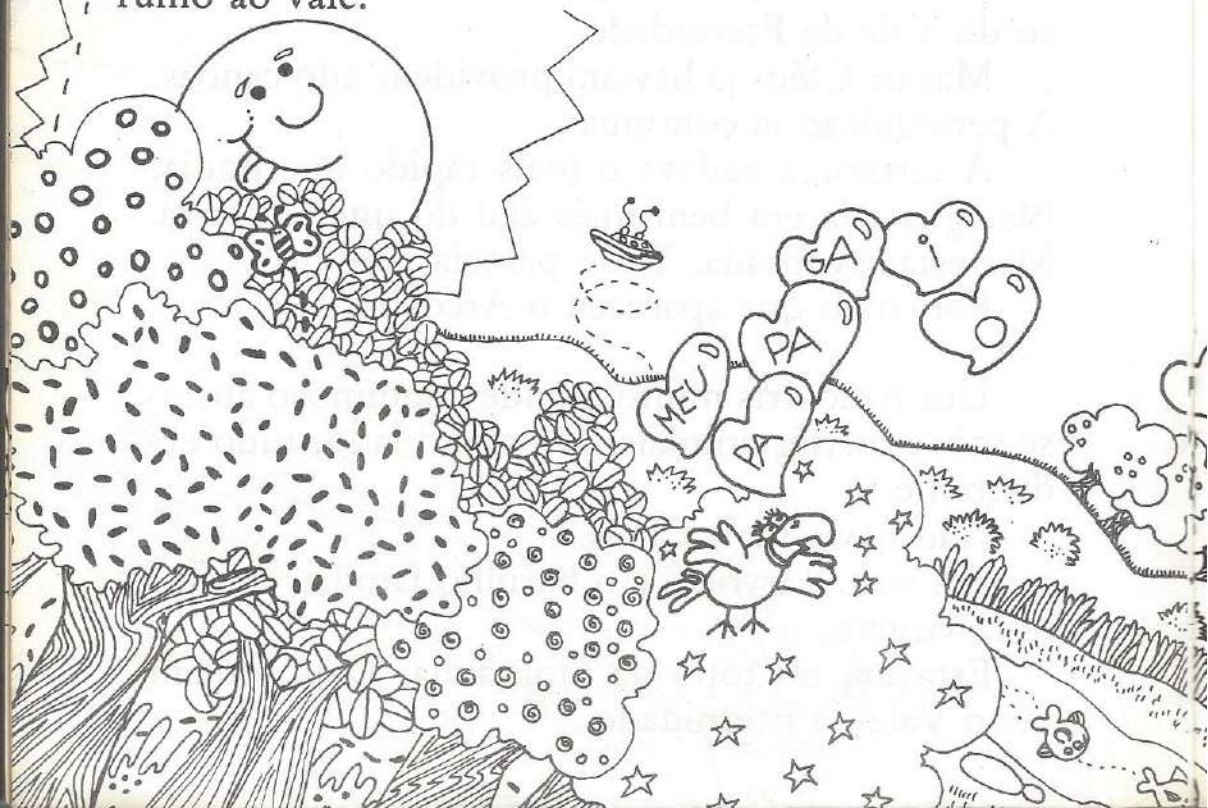
— Acho que conseguimos — disse a onça.

— Se eu entendi bem — falou a tartaruga —, viveremos aqui até que os humanos parem com toda essa destruição, que nossas espécies estejam fora de perigo de extinção para voltarmos. Já passei dos 100 anos e ainda não entendi porque eles querem acabar com a natureza.

— Estão destruindo a si mesmos — refletiu a onça. — Afinal, eles também são filhos da natureza.

— Do jeito que a coisa vai, eles é que vão virar animais em extinção — concluiu o papagaio.

E os três, então, esticaram os ossos e desceram rumo ao vale.





MEU BAIÃOHO
GORÃOHO

TIK TIK
TIK

HUM?!
COMIGO...
VÃO!!!

PA
GAIO...

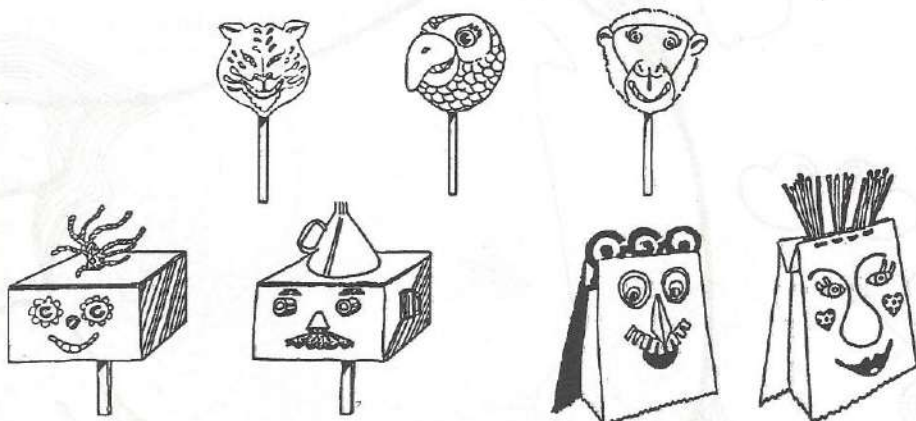
TRABALHANDO A NOSSA HISTÓRIA ...

É preciso agir. As crianças têm um poder muito grande e, em conjunto, podem salvar a natureza.

Você já comentou com seus pais, tios, primos, amigos sobre as histórias deste livro e os trabalhos que vem fazendo?

Sua próxima tarefa é conseguir o apoio de todos para os seus trabalhos, mas não só os de casa. Chame seus amiguinhos e inventem, juntos, outras formas de proteger a natureza.

Copie, em seu caderno, os modelos de fantoches e crie os seus modelos. Isto mesmo, descubra aqueles que você deseja e vai fazer.



Reinvente a história com seus coleguinhos, incluindo novos personagens para fazerem a viagem ao **Vale da Eternidade**. A professora vai lhe ajudar.

Você já trouxe materiais para a aula? Ótimo! Sua professora vai convidá-lo a criar os seus fantoches e, depois, organizar uma passeata dos animais, rumo ao **Vale da Eternidade**.

NA MINHA TERRA EU APRENDO...

A coleção de livros didáticos **Na Minha Terra eu Aprendo...** parte do princípio de que educação ambiental também pode ser considerada matéria **interdisciplinar**. Assim, enquanto aprende Português e Matemática, a criança entra em contato com os elementos da Natureza, desenvolvendo consciência ecológica, responsável pela preservação do meio ambiente.

Na Minha Terra eu Aprendo... traz uma proposta educacional da Memórias Futuras e da autora da coleção, professora Maria Alice Aguiar - Supervisora escolar no Estado do Rio de Janeiro - de desmassificação do ensino.

Tanto os textos, quanto as ilustrações foram pesquisados nas regiões Amazônica e do Pantanal, sem abandonar as importantes contribuições culturais do sul do País.

Os livros didáticos **Na Minha Terra eu Aprendo...** abrangem o ensino de Português e Matemática de primeira a quarta séries. Encontram-se disponíveis em versão consumível e não-consumível.

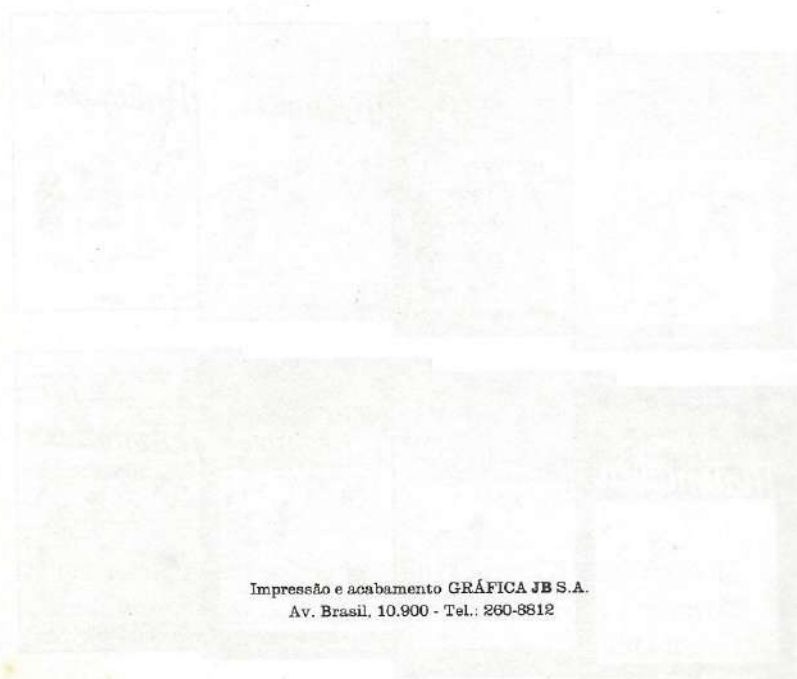


REVISTA DE ECONOMIA

O Brasil de hoje é um país de rápido crescimento econômico. Desde o ano de 1964, a taxa de crescimento médio anual do produto interno bruto (PIB) atingiu a marca impressionante de 10,2%. Este fato reflete o sucesso das políticas econômicas adotadas, que têm permitido ao Brasil superar os obstáculos da inflação e da instabilidade monetária.

A recuperação da economia brasileira é o resultado de uma série de fatores: a reforma estrutural, a abertura comercial, a estabilização monetária e o crescimento sustentado do setor privado. A adoção de medidas de austeridade e o fortalecimento do Estado contribuíram para a redução da inflação e a atração de investimentos estrangeiros.

Em vista disso, o Brasil apresenta um cenário econômico promissor para o futuro. A manutenção das políticas atuais e a implementação de reformas estruturais adicionais são essenciais para garantir o crescimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida da população.



NA MINHA TERRA EU APRENDO...

A coleção de livros didáticos **Na Minha Terra eu Aprendo...** parte do princípio de que educação ambiental também pode ser considerada matéria **interdisciplinar**. Assim, enquanto aprende Português e Matemática, a criança entra em contato com os elementos da Natureza, desenvolvendo consciência ecológica, responsável pela preservação do meio ambiente.

Na Minha Terra eu Aprendo... traz uma proposta educacional da Memórias Futuras e da autora da coleção, professora Maria Alice Aguiar - Supervisora escolar no Estado do Rio de Janeiro - de desmassificação do ensino.

Tanto os textos, quanto as ilustrações foram pesquisados nas regiões Amazônica e do Pantanal, sem abandonar as importantes contribuições culturais do sul do País.

Os livros didáticos **Na Minha Terra eu Aprendo...** abrangem o ensino de Português e Matemática de primeira a quarta séries. Encontram-se disponíveis em versão consumível e não-consumível.

